

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Luciano Debom Steiw

**ESTILOS JUVENIS NA PERIFERIA URBANA – CONHECENDO CULTURAS DE
ALUNOS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL NA RESTINGA VELHA**

Porto Alegre

2013

Luciano Debom Steiw

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:

Profa. Dra. Maria Luisa M. Xavier

Linha de Pesquisa: Estudos Culturais em Educação

Porto Alegre

2013

CIP - Catalogação na Publicação

Steiw, Luciano Debom
Estilos juvenis na periferia urbana - conhecendo
culturas de alunos de uma escola municipal na
Restinga Velha / Luciano Debom Steiw. -- 2013.
105 f.

Orientadora: Maria Luisa M. Xavier.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2013.

1. Estudos Culturais. 2. Culturas Juvenis. 3.
Estilos. 4. Jovens de Periferia. 5. Periferia
Urbana. I. Xavier, Maria Luisa M., orient. II. Título.

Luciano Debom Steiw

**ESTILOS JUVENIS NA PERIFERIA URBANA – CONHECENDO CULTURAS DE
ALUNOS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL NA RESTINGA VELHA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em _____ de agosto de 2013.

Profa. Dra. Maria Luisa M. Xavier – Orientadora

Profa. Dra. Maria Lúcia Castagna Wortmann – PPGEDU/UFRGS

Profa. Dra. Elisabete Maria Garbin – PPGEDU/UFRGS

Profa. Dra. Sandra dos Santos Andrade – FACED/UFRGS

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer um conjunto de pessoas e instituições que me possibilitaram e incentivaram a realização do sonho de fazer o mestrado. Escrever esta página é um momento difícil, pela possibilidade que há de deixar alguém importante de fora.

Em primeiro lugar, quero agradecer minha **mãe**, Leny, pela educação que eu recebi dela, pois é graças aos seus ensinamentos que considero o investimento nos estudos um valor importante em minha vida. O apoio dela foi determinante para a conclusão desta dissertação. Além disso, quero agradecer a todos os familiares que acompanharam e prestigiaram minha trajetória.

Um especial agradecimento à minha orientadora, Malu, como carinhosamente chamamos, pelas suas orientações, sugestões e contribuições no percurso desta dissertação.

Quero agradecer às professoras da banca examinadora pelo apoio e pelas sugestões importantes: Maria Lúcia Wortmann, Elisabete Garbin e Sandra Andrade.

Agradeço também a professora Clarice Traversini pela atenção e valorização que sempre deu ao meu trabalho. Muito obrigado sempre!

Quero agradecer a todos os meus colegas do grupo de orientação pela atenção e pelas sugestões que foram dadas ao trabalho, pelas nossas conversas informais, troca de ideias, cafés na FACED etc.

Quero agradecer aos meus colegas da EMEF Ver. Carlos Pessoa de Brum que sempre perguntam pelo meu mestrado e temos bons papos a esse respeito.

Agradeço aos demais colegas da UFRGS e amigos/amigas que sempre prestigiaram meu trabalho.

Agradeço a UFRGS e SMED/Porto Alegre pela realização da pesquisa.

Agradeço a TODOS que me ajudaram e incentivaram a realização deste trabalho.

Um especial agradecimento aos meus jovens alunos da Restinga – sem eles estas páginas não teriam sido escritas.

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo identificar e analisar os estilos juvenis de alunos de uma escola municipal localizada no Bairro Restinga, na periferia de Porto Alegre. O referido bairro é conhecido por problemas sociais como a violência, o desemprego, o tráfico de drogas e a baixa escolaridade de sua população, mas também por manifestações culturais muito valorizadas na comunidade, com destaque para suas escolas de samba. A partir do meu trabalho como professor nas turmas de III Ciclo da referida escola, entrei em contato com as múltiplas vivências juvenis. Tal situação levou-me a querer compreender melhor suas culturas, seus estilos, suas formas de viver. Nesse sentido, é importante resgatar, conforme Feixa (1999), a definição de culturas juvenis. Para o autor, as culturas juvenis são um conjunto de formas de vida e valores que caracterizam os jovens, expressas coletivamente mediante a construção de estilos de vida, localizados fundamentalmente no tempo livre, ou em interstícios da vida institucional. Visando delimitar o foco deste trabalho, os chamados estilos juvenis, definidos pelo mesmo autor como uma manifestação simbólica, expressa a partir de elementos materiais e imateriais e que os jovens consideram importantes em sua identidade como grupo. Os objetos da presente investigação foram os elementos que atuam na constituição de um estilo, provenientes principalmente da *música*, da *moda*, da *linguagem*, das *produções culturais* e das *atividades focais*, manifestados na escola e nos demais espaços sociais e culturais do bairro e vivenciados pelos alunos de uma turma de formandos do Ensino Fundamental. O trabalho situa-se na perspectiva dos Estudos Culturais em Educação, utilizando metodologias de inspiração etnográfica e valendo-se de grupos de discussão para a produção das narrativas dos jovens a respeito dos estilos vivenciados por eles no bairro. Foi possível constatar que a situação de viver na Restinga tem uma importância fundamental para a produção e expressão dos estilos juvenis dos alunos. Dentre os autores utilizados, destaco as contribuições de Stuart Hall, Néstor Canclini, Carles Feixa, José Machado Pais, Elisabete Garbin e Juarez Dayrell.

Palavras-chave: Estudos Culturais. Culturas Juvenis. Estilos. Jovens de Periferia. Periferia Urbana.

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo identificar y analizar los estilos juveniles de alumnos de una escuela municipal ubicada en el barrio Restinga, en la periferia de Porto Alegre. Esa zona es conocida por los problemas sociales como la violencia, el desempleo, el narcotráfico y el bajo nivel educativo de su población, pero también por manifestaciones culturales muy valoradas en la comunidad, especialmente sus escuelas de samba. Desde mi trabajo como profesor en las clases del III Ciclo de esta escuela, entré en contacto con las múltiples experiencias juveniles. Esta situación me llevó a querer conocer mejor sus culturas, sus estilos, sus formas de vivir. En ese sentido, es importante recuperar como Feixa (1999), la definición de culturas juveniles. Para el autor, las culturas juveniles son una serie de formas de vida y valores que caracterizan a los jóvenes, son creadas colectivamente a través de la construcción de estilos de vida, que se encuentran principalmente en el tiempo libre o en los intersticios de la vida institucional. Con el objetivo de delimitar el foco de este trabajo, los llamados estilos juveniles, definidos por el mismo autor como una manifestación simbólica, expresada a partir de elementos tangibles e intangibles y que los jóvenes consideran importantes en su identidad como grupo. Los objetos de esta investigación fueron los elementos que actúan en la formación de un estilo provenientes principalmente de la *música*, de la *moda*, del *lenguaje*, de la *producción cultural* y de las *actividades focales*, manifestados en la escuela y en los demás espacios sociales y culturales del barrio experimentados por los alumnos de un grupo de graduandos de la Primaria. El trabajo parte de la perspectiva de los Estudios Culturales en la Educación, el uso de métodos de inspiración etnográfica y valiéndose de grupos de discusión para la producción de las narrativas de los jóvenes sobre los estilos experimentados por ellos en el barrio. Se constató que la situación de los que viven en el barrio Restinga tiene una importancia fundamental para la producción y expresión de los estilos juveniles de los estudiantes. Entre los autores que formaron el aporte teórico, resalto las contribuciones de Stuart Hall, Néstor Canclini, Carles Feixa, José Machado Pais, Elisabete Garbin y Juárez Dayrell.

Palabras clave: Estudios Culturales. Culturas Juveniles. Estilos. Jóvenes de Periferia. Periferia Urbana.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO – O TEMA, O PROBLEMA E AS QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO A PARTIR DA VIVÊNCIA COM JOVENS ALUNOS.....	9
2. CENÁRIOS E SUJEITOS DA PESQUISA.....	13
2.1 O BAIRRO RESTINGA.....	13
2.2 A ESCOLA MUNICIPAL VEREADOR CARLOS PESSOA DE BRUM.....	18
2.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA: ALUNOS DE UMA TURMA DO FINAL DO III CICLO.....	19
3. OS ESTUDOS CULTURAIS, AS CULTURAS JUVENIS NAS PERIFERIAS URBANAS E OS ESTILOS JUVENIS - APROXIMAÇÕES.....	22
3.1 OS ESTUDOS CULTURAIS: APORTES SIGNIFICATIVOS.....	22
3.2 CULTURAS JUVENIS NAS PERIFERIAS URBANAS.....	26
3.3 ESTILOS JUVENIS.....	31
3.4 TESES E DISSERTAÇÕES.....	33
4. CAMINHOS INVESTIGATIVOS.....	35
4.1 FERRAMENTAS ETNOGRÁFICAS: OBSERVAÇÕES, FOTOGRAFIAS E QUESTIONÁRIOS.....	36
4.2 GRUPOS DE DISCUSSÃO – A EMERGÊNCIA DAS NARRATIVAS	47
5. ESTILOS JUVENIS EM QUESTÃO - NARRATIVAS DE ALUNOS DE PERIFERIA	
5.1 VIVENDO NA RESTINGA ENTRE “ <i>FOLGAÇÕES</i> ” E VIOLÊNCIAS - “ <i>A GENTE SE DÁ SÓ COM AS PESSOAS DO BEM</i> ”	53
5.2 MODA ENTRE OS JOVENS NA PERIFERIA – “ <i>UMA MINA QUE USA UM ALL STAR FAZ TODA A DIFERENÇA NO MUNDO</i> ”	62
5.3 CENÁRIOS MUSICAIS JUVENIS - “ <i>O FUNK TÁ VIRANDO UMA CULTURA</i> ” ..	69
5.4 JOVENS ALUNOS PENSANDO EM SEU FUTURO - “ <i>O QUE A GENTE MAIS VAI SENTIR FALTA É DOS COLEGAS</i> ”	82
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
7. REFERÊNCIAS.....	94
8. ANEXOS.....	102

1. INTRODUÇÃO – O TEMA, O PROBLEMA E AS QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO A PARTIR DA VIVÊNCIA COM JOVENS ALUNOS

Início a presente dissertação destacando uma etapa na minha vida profissional que começou em 2005, ao ingressar na rede municipal de ensino de Porto Alegre, após ter sido nomeado como professor na área de Ciências Sócio-históricas. É importante ressaltar o fato de que desde o ingresso na referida rede meu trabalho realiza-se no bairro Restinga, na Escola Municipal Vereador Carlos Pessoa de Brum, em turmas de III Ciclo do Ensino Fundamental¹. O exercício de atividades profissionais na referida rede já era uma ambição minha desde a época de minha formatura na graduação, que ocorreu em 1997, no curso de História da UFRGS, tendo em vista ser uma rede com a característica de trabalhar com as classes populares e atender as populações das periferias do município.

Afinal, acreditava que pela própria especificidade dos alunos da rede municipal havia a necessidade de fazer um trabalho diferenciado, distante de propostas pedagógicas mais tradicionais ou conservadoras. Acreditava, desde então, que os conhecimentos específicos da minha disciplina, por si só, pouco ajudariam a esclarecer dúvidas e curiosidades do cotidiano dos alunos. Entendia já que a valorização dos modos de vida e das experiências populares, assim como das práticas juvenis, seriam importantes elementos a serem considerados em uma proposta pedagógica na escola pública.

Ao longo do tempo, em meu trabalho na escola, com as aulas e conversas com os jovens alunos, percebi a importância de conhecer melhor suas práticas culturais de forma a poder adequar meus planos de trabalho às suas características e necessidades, levando em consideração o contexto em que moravam. Ao dar aulas para alunos do III Ciclo, interessei-me pelo estudo de suas culturas, seus estilos, suas formas de viver. Afinal, as suas vivências no bairro onde moram são importantes para o campo da educação, pois são formas de socialização que constituem momentos de aprendizagem para estes jovens, além daqueles realizados no espaço escolar.

¹ Na Escola por Ciclos de Formação, como é estruturada a Rede Municipal de Porto Alegre, essas turmas costumam chamar-se C10, C20 E C30. Correspondem respectivamente aos atuais sétimo, oitavo e nono anos do Ensino Fundamental.

Em minha atividade de professor, comecei a debater aspectos das culturas juvenis com os meus próprios alunos. Os jovens valorizavam os momentos de discussão em sala de aula a respeito de suas práticas culturais, pois as temáticas juvenis são muitas vezes silenciadas na escola. Percebia que o fato de poder conversar sobre os diferentes estilos juvenis que estão presentes no bairro, por exemplo, é algo que os motivava. Esta motivação chegou até a mim também. Decidi investigar tal interesse dos alunos como um objeto de estudo acadêmico, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, após entrar em contato com as produções do referido programa que abordavam a temática das culturas juvenis. O estudo se tornou possível a partir de meu ingresso no mestrado, no ano de 2011, na linha de pesquisa denominada Estudos Culturais em Educação.

Entendo que é importante indagar se nós, professores, estamos sabendo suficientemente quem são nossos alunos? Questionamos a respeito de seus projetos estudantis e profissionais para o futuro? Sabemos quais são as produções culturais que gostam de ler, assistir, ouvir? E não estaremos ainda muito amarrados à ideia de uma juventude de uma época passada, esperando pelo retorno de determinados comportamentos? Acredito que, muitas vezes, temos a tendência de julgar a cultura dos jovens dos dias atuais tomando como base as nossas próprias experiências juvenis.

É importante ressaltar, conforme Mário Margulis e Marcelo Urresti (1998), que a idade não é único elemento que define o que é ser jovem nos dias atuais. Segundo os autores, a juventude pode variar em função de “classe social, lugar onde vivem e geração a que pertencem” (p. 3). Conforme Elisabete Garbin (2006), “[...] não é possível encontrar **uma** história da juventude e, sim, **histórias** que dizem respeito a jovens, juventudes – tampouco encontrar uma única definição válida para todas as épocas”. Dessa forma, pretendo salientar que a história que eu vou contar sobre os jovens do bairro Restinga é uma entre tantas histórias possíveis a serem contadas. Uma história que leva em conta alguns aspectos de suas culturas. Ela ocorre especificamente na Restinga Velha, bairro da periferia urbana de Porto Alegre, a partir de narrativas de um grupo específico de alunos formandos no Ensino Fundamental de uma escola municipal, composto por rapazes e garotas, com idades entre 14 e 17 anos.

Nesse sentido, defino como tema da presente dissertação: **Os estilos juvenis, na abordagem de Feixa (1999), de estudantes de uma escola municipal**

de Ensino Fundamental do bairro Restinga. A partir do autor, podemos entender estilo como o conjunto de manifestações simbólicas expressas através da linguagem, da música, da moda, entre outros aspectos, vivenciadas em diversos espaços sociais e culturais frequentados pelos jovens.

A partir do que foi abordado anteriormente, o problema de pesquisa da presente dissertação foi definido da seguinte forma: **De que modo à situação de viver na Restinga Velha contribui na produção dos estilos juvenis de alunos de uma escola municipal do bairro?** É importante salientar que, no imaginário da cidade, a Restinga é o “[...] lugar de precariedades, ausências, pobreza e violência” (GAMALHO, 2010, p.1). Dessa forma, os jovens do bairro acabam também por serem estigmatizados, havendo uma associação, pelo simples fato de morarem na Restinga, como jovens que possuem algum envolvimento em práticas ilícitas. O tráfico de drogas e o assassinato de muitos jovens no bairro, relatados com frequência na mídia, colaboram na construção dessa imagem negativa.

Nesse sentido, é preciso também dar importância ao contexto histórico em que se formou a Restinga, espaço muito valorizado pelos jovens alunos moradores do bairro, apesar das situações de violência que lá ocorrem. Os jovens ali vivenciam e expressam os seus estilos juvenis, que ganham importância e especificidades em função da trajetória histórica daquela região. Afinal, de acordo com Nilda Stecanela (2010, p.26), os jovens da periferia “[...] produzem estratégias criativas para a vivência de suas sociabilidades e identidades culturais juvenis” através de suas brincadeiras, locais para a realização de festas, formas de escutar música e modos de se vestir, entre outros aspectos que serão estudados ao longo da presente dissertação.

O problema de pesquisa se desdobra na formação de duas questões de investigação:

- Como se caracterizam os jovens alunos das turmas do final do III Ciclo da escola municipal estudada?

- De que forma os jovens alunos da escola em questão expressam, via linguagem, música, moda, produções culturais e atividades focais, na abordagem de Feixa (1999), os seus estilos juvenis?

Este trabalho situa-se na perspectiva dos Estudos Culturais. Para realizar tal análise escolhi como uma das metodologias uma investigação de inspiração etnográfica, a partir de observações dos alunos da escola. A partir dessas

observações realizei grupos de discussão com os mesmos com o propósito de analisar suas narrativas a respeito dos estilos juvenis presentes no seu grupo e na Restinga.

Apresento agora, de forma sintética, o conteúdo dos diferentes capítulos da presente dissertação. Após esta introdução, no segundo capítulo denominado *Cenários e Sujeitos de Pesquisa*, refiro os cenários da investigação. Apresento um breve histórico e algumas características do Bairro Restinga e da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vereador Carlos Pessoa de Brum, além de características gerais dos sujeitos a serem pesquisados.

No terceiro capítulo, intitulado *Os Estudos Culturais, as Culturas Juvenis nas periferias urbanas e os Estilos Juvenis – aproximações* – apresento um panorama geral do histórico das discussões sobre cultura dentro do campo dos Estudos Culturais, aproximando os dois campos de estudo mencionados no título do capítulo. Além disso, será apresentada uma abordagem sobre as culturas juvenis nas periferias urbanas, com ênfase para os chamados estilos juvenis. O referido capítulo é a apresentação da orientação teórica da investigação.

No quarto capítulo, *Caminhos Investigativos*, apresento a metodologia utilizada para a realização da pesquisa, composta por ferramentas etnográficas e pela utilização de grupos de discussão.

No quinto capítulo, *Estilos juvenis em questão - narrativas de alunos de periferia*, apresento as categorias analíticas geradas a partir das narrativas dos alunos. As quatro categorias analíticas foram intituladas: *Vivendo na restinga entre “folgações” e violências; Moda entre os jovens na periferia; Cenários musicais juvenis e Jovens alunos pensando em seu futuro.*

No sexto capítulo, apresento algumas considerações finais sobre a presente dissertação.

2. CENÁRIOS E SUJEITOS DE PESQUISA

Neste capítulo serão apresentados os cenários onde se desenvolveu a presente investigação. É importante compreender os aspectos históricos e algumas das características atuais do Bairro Restinga, onde se situa a Escola Municipal Vereador Carlos Pessoa de Brum, na qual foi desenvolvida a pesquisa, além de apresentar algumas características da instituição e dos sujeitos da pesquisa, os jovens de uma turma do final do III Ciclo da escola.

2.1 O Bairro Restinga

O bairro Restinga, ou a Restinga, como é simplesmente chamado, é um bairro situado na zona sul de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, distante aproximadamente 20 km do Centro Histórico da cidade. Sua população, conforme o censo realizado pelo IBGE em 2010, era em torno de 60.000 habitantes².

Para contextualizar historicamente a Restinga, é importante resgatar elementos da década de 1940 e 1950, muitos anos antes de seu surgimento. Conforme Marion Kruse Nunes (1990), essa década assinalou um aumento na industrialização e na mão de obra mecanizada do campo. Portanto, com a ampliação do êxodo rural, um grande número dos trabalhadores desempregados no campo veio procurar emprego em Porto Alegre. Ao chegarem aqui se depararam com uma indústria que exigia trabalhadores especializados, o que resultou para aqueles trabalhadores recém-chegados na capital em situações de subemprego ou até mesmo de desemprego.

Conforme a referida autora, vivendo em condições precárias de vida, tais trabalhadores começaram a erguer casebres em vilas próximas ao centro da cidade, que acabaram sendo denominados de “malocas”. Seus locais de moradia lhes permitiam uma relativa facilidade em seus deslocamentos para o trabalho ou até mesmo no sentido de procurarem trabalho. Tais formas de moradia modificaram a paisagem urbana da cidade, com a criação de diversas vilas.

² Tal informação foi extraída do site: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/observatorio/default.php?p_sistema=S&p_rop=8, em 08 de julho de 2013.

Nos anos 1960, ainda conforme Nunes (1990, p. 8), “[...] no momento em que a política administrativa encaminhou-se para transferência da população marginalizada para áreas distantes do perímetro urbano”, ficou evidente que o poder público não estava à procura de soluções para as precárias moradias e condições de vida daquelas pessoas residentes nas vilas. E as populações foram transferidas, sem prévia consulta, para muito longe do perímetro urbano. A criação do slogan “Remover para Promover” foi um artifício para justificar essas remoções das vilas e convencer seus moradores de que elas poderiam resultar em melhorias. “[...] Quando a pobreza é explícita, a solução é escondê-la” (Gamalho, 2009, p. 48), ressalta a autora, ao se referir à atitude do poder público na época, especialmente da prefeitura de Porto Alegre.

Conforme Nunes (1990), o mais agravante ainda de tal remoção é que muitas vezes o único patrimônio de que os moradores das vilas dispunham eram as suas “malocas”, que além de removidas, muitas vezes eram divididas para a acomodação de mais de uma família. De acordo com Gamalho (2009), é importante referir que, ao mesmo tempo em que se dava a transferência das vilas das Malocas, seus habitantes eram representados como ‘maloqueiros’ no imaginário da população da época. Segundo tal autora, esta representação não foi dada apenas pelo aspecto de suas moradias, consideradas esteticamente como feias e inadequadas ao espaço urbano, mas também, através de um julgamento moral de seus modos de vida, tidos muitas vezes como ilícitos, patológicos, associados com atos de contravenções e roubos.

Conforme Nunes (1990), o bairro Restinga começou a se formar no final dos anos 60. As primeiras remoções datam do ano de 1966. Afastadas do restante da cidade, a precariedade também acompanha as populações nessa remoção. De acordo com a autora, as condições de transporte público, saneamento básico, energia elétrica, saúde e educação eram insuficientes, senão inexistentes. A primeira escola do bairro só surgiu aproximadamente em 1970. Nesses primeiros anos da Restinga, a população do bairro vai ganhando um considerável acréscimo, com novas remoções e ocupações de moradores provenientes de outras localidades, com uma ausência total de planejamento urbano.

A partir dos anos 70, surgem projetos governamentais que criam novas áreas de moradia na Restinga, dividindo-a em diversas unidades, com a criação e formação de um grande núcleo habitacional, que foi denominado de Nova Restinga.

Nessas novas áreas houve a existência de planejamento urbano. A partir disso, a Vila Restinga, local original dos primeiros moradores do bairro, passa a ser oficialmente denominada Restinga Velha (NUNES, 1990).

A população da Restinga Velha não teve condições de mudar-se para a Nova Restinga, ainda que na prática ela tenha sido a primeira a ser removida para lá e teoricamente deveria ser a primeira a ganhar novas moradias. No entanto, em função da falta de estabilidade em seus empregos, tais moradores não podiam pagar as prestações das novas casas que estavam sendo construídas. O fato é que as duas Restingas terminaram tendo uma “[...] população de origem bem diversificada e heterogênea” (NUNES, 1990, p. 16).

Nos anos 1970 e 1980, um dado importante a ser referido é que para a obtenção de melhores condições de infraestrutura básica houve a organização de lutas em associações de modo a pressionar o poder público no intuito de conseguir tais melhorias. Do resultado dessas lutas e de algumas conquistas, é importante salientar o que nos diz também Nunes (1990, p.17) a respeito do contexto histórico em que vivíamos no Brasil naquele período: “[...] no campo cultural, pouco ou quase nada ter sido promovido pelos órgãos municipais competentes, talvez até deliberadamente, por tratar-se de um período de ditadura militar”.

A Restinga torna-se, aos poucos, um bairro muito complexo, conhecido pela divisão entre Restinga Velha e Restinga Nova, tendo em vista que “[...] a Avenida João Antônio da Silveira, principal via de acesso à parte central do bairro, é considerada a ‘fronteira’ entre as duas áreas fisicamente e socialmente bem distintas” (AIGNER, 2002, p. 41). Esta divisão ainda é a responsável por muitos preconceitos e discriminações. Oficialmente, o Bairro Restinga foi criado em 1990, com a união de diferentes vilas da região. Após essa lei, o bairro continuou crescendo, surgiram outras vilas e novas ocupações em seu território (NUNES, 1990).



Figura 1 - Esplanada da Restinga, Praça situada entre a Restinga Velha e a Nova³

Após a contextualização histórica da formação do bairro, é importante também destacar suas características atuais. Toda essa trajetória histórica de exclusões, presente desde as primeiras remoções e na carência de melhores estruturas, possibilitou a ampliação de problemas sociais como a baixa escolaridade, o desemprego, o tráfico de drogas. Tudo isso deixa uma grande parte da população do bairro vulnerável a tais problemas. Estes problemas sociais ganharam uma grande dimensão entre a população atual, não só em função das condições pelas quais passaram os primeiros moradores que lá chegaram, mas também pela precária intervenção do poder público. É importante sempre referir que se ao longo de sua história a população da Restinga conseguiu melhorias para o bairro foi graças aos seus esforços e às suas lutas. De qualquer forma, ainda pode-se notar uma carência estrutural e social muito intensa na região.

Mas além das dificuldades e das carências, a Restinga também possui uma vida cultural destacada, conhecida até mesmo fora dos limites de Porto Alegre e divulgada nos grandes meios de comunicação. É o caso das festividades carnavalescas, por exemplo. Com seu lema "*Tinga, teu povo te ama!*", a Escola de Samba Estado Maior da Restinga faz parte do carnaval do município e está presente no cotidiano de muitos moradores do bairro. Outro importante aspecto cultural de grande parte da população juvenil da Restinga é o *funk*. É constante a presença no bairro de artistas ligados ao *funk* provenientes de outras periferias de Porto Alegre

³ Esta foto foi tirada pelo autor da dissertação, no segundo semestre de 2012.

ou mesmo de outros centros do país (como é o caso do Rio Janeiro) para a realização de shows.



Figura 2 - Quadra da Estado Maior da Restinga⁴

Além disso, é importante destacar que o bairro possui uma série de locais que servem como ponto de referência para a população, como a Praça da Esplanada. Tal praça, por exemplo, está situada na divisão entre as duas 'Restingas' (Velha e Nova), sendo um ponto de encontro da comunidade, próximo a bares e em frente à quadra da escola de samba Estado Maior da Restinga. Também frequentemente abriga uma série de eventos e espetáculos.

Ainda merece ser comentado um evento que ocorre no bairro anualmente no mês de novembro: a Semana da Restinga, data importante para a comunidade, pois nela acontece uma série de atividades que também têm por objetivo discutir as questões relativas à Semana da Consciência Negra. A coincidência das datas nos faz entender que as culturas negras desempenham um papel importante no cotidiano da população do bairro. A maioria da população da Restinga pertence a essa etnia.

⁴Fonte: foto tirada pelo autor da dissertação tirada no segundo semestre de 2011. Em uma faixa na frente da escola, estavam sendo divulgados os shows do Mr. Catra (*funk*) e do Novo Estima (pagode) que ocorreram no local.

2.2 A Escola Municipal de Ensino Fundamental Vereador Carlos Pessoa de Brum

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Vereador Carlos Pessoa de Brum localiza-se no Bairro Restinga, especificamente na Restinga Velha, na Av. Abolição, s/n, em Porto Alegre. Inaugurada em 1987, é mantida pela Secretaria Municipal de Educação (SMED), da Prefeitura de Porto Alegre. Ao longo de sua história, a escola passou por ampliações durante todo esse tempo, atendendo uma demanda maior de alunos. No ano de 2012 a escola tinha 56 turmas (entre elas, 12 eram do III Ciclo), aproximadamente 1400 alunos, 120 professores e 20 funcionários (atuam, lado a lado, servidores estatutários e cooperativados).

Para atender tal demanda, a escola possui uma equipe diretiva eleita pela comunidade escolar, com três representantes da direção (direção e vice), coordenação de turno, coordenação cultural, supervisão escolar e orientação educacional. Nas escolas da rede municipal, existe o Conselho Escolar, considerado o órgão máximo da escola, composto por representantes de cada segmento escolar (professores, alunos, pais e funcionários), eleito por seus próprios pares, com funções deliberativas, consultivas e fiscalizadoras.

A escola funciona por ciclos de formação desde 1998, com turmas de I, II e III Ciclo, no Ensino Fundamental e por Totalidades de Conhecimento (na Educação de Jovens e Adultos), com turmas das Totalidades Iniciais e Finais. Atende à comunidade nos turnos da manhã, tarde e noite. Os alunos em sua maioria são moradores da Restinga Velha, basicamente do entorno da escola, mas também frequentam a escola alunos de outras localidades do bairro. Nos últimos anos, muitas famílias transferiram-se para conjuntos residenciais financiados pelo poder público em localidades mais afastadas da escola, mas um grande número de crianças e jovens dessas famílias continua frequentando a escola, agora dependendo do transporte coletivo para o deslocamento até ela.

Na escola, durante o ano de 2012, houve um conjunto de projetos desenvolvidos pelos professores da instituição nas áreas de audiovisual, música, dança e alfabetização/letramento. A escola, como outras da rede municipal, possui Sala de Integração e Recursos (SIR) e Laboratório de Aprendizagem para atender alunos que tenham dificuldades de aprendizagem ou que precisem de um

atendimento individualizado. Em 2012 funcionou na escola o programa *Escola Aberta* com diversas atividades que atendem um público bastante diferenciado da comunidade (jovens, adultos, crianças, não necessariamente alunos da escola) nos finais de semana e o programa *Mais Educação*, criado para atender escolas com alunos com baixo IDEB ou em condições de vulnerabilidade social.

2.3 Os sujeitos da pesquisa: alunos de uma turma do final do III Ciclo

Os sujeitos de pesquisa foram escolhidos entre os alunos de uma das turmas do III ano do III Ciclo (conhecidas na rede municipal como C30⁵), que em 2012 estavam divididas em três turmas. São alunos que tinham entre 14 e 17 anos, rapazes e garotas, sendo escolhidos em razão do vínculo que criaram comigo durante o ano.

A maioria deles residia na Restinga Velha. Apenas uma garota morava na Quinta Unidade, pertencente geograficamente à Restinga Nova e afastada da escola. A maior parte dos sujeitos da pesquisa sempre estudou na EMEF Pessoa de Brum.

Todos eles diziam morar com a família, que possuíam as mais diversas configurações: moravam só com o pai ou mãe, com o pai e a mãe ou também mencionavam o fato de morarem com seus padrastos e madrastas. Os jovens sujeitos de pesquisa ainda eram solteiros e não tinham filhos. Algumas vezes também havia o caso de tios e primos morarem na mesma residência. De um modo geral, cada um dos jovens tinha vários irmãos. Em relação à ocupação profissional dos pais, foram citadas várias profissões: babá, doméstica, cozinheira, secretária, servente, vigilante, funcionários públicos (com funções de caráter operário) e comerciantes, entre outras.

Alguns dos jovens frequentavam projetos educacionais em turnos inversos ao da escola, realizando atividades esportivas, culturais e de preparação profissional. Outros também participavam de projetos realizados na própria escola, desenvolvidos principalmente após o término das aulas. Apenas um dos rapazes trabalhava e durante a realização da pesquisa seus pais estavam desempregados, o que de certa forma é uma característica de muitos jovens que vivem no mesmo contexto. A

⁵As turmas denominadas como C30 são equivalentes ao nono ano do Ensino Fundamental.

instabilidade profissional em que vive sua família leva-os a procurar qualificação e trabalho desde jovem, ainda que a maioria dos entrevistados afirmasse estar esperando o término do Ensino Fundamental para isso, já planejando conseguir emprego para o próximo ano. Duas garotas já haviam passado por experiências profissionais. Em relação às suas perspectivas para o Ensino Médio, todos pretendiam cursá-lo em 2013, sendo que uma parte deles manifestava indecisão para qual escola pretendia ir.

É importante referir também que são jovens que declaram gostar do bairro em que vivem. Isso ficou evidenciado em suas respostas nos questionários realizados como uma das etapas da pesquisa: "*Meu chão é a Restinga*", destacou uma das garotas. Surgiram diversas manifestações de valorização da região ao afirmarem que o bairro Restinga é "*muito bom, melhor que muitos outros lugares de Porto Alegre*". As respostas das garotas apontaram, algumas vezes, para a existência de problemas na região: "*Muito legal, fora os tiroteios*". Em suas respostas, as garotas se mostraram mais preocupadas que os rapazes com a questão da violência.

O lazer e a diversão são destacados como elementos importantes para eles, considerando sua participação em diferentes tipos de festas, o andar pelas ruas do bairro, a audição de música, a frequência em bares e lancherias, os momentos de descontração na escola, os jogos de vôlei, entre outros. É importante referir que, de um modo geral, os jovens dependiam do dinheiro de seus pais para realizarem seus programas ou comprar as coisas que desejavam, o que nem sempre era possível de em razão da condição financeira dos mesmos. Muitos momentos de diversão eram realizados com seus colegas de turma. Algumas garotas escreveram nos questionários da seguinte maneira seus sentimentos em relação aos colegas da turma: "*Estar com eles já me faz feliz*" ou "*Faço tudo para não ficar longe deles*", o que era uma forma de exprimir o vínculo que se criou entre eles.

Os estilos musicais mais apontados por eles como de sua preferência foram o pagode e o *funk*. Um dado bastante importante é que até aqueles que diziam não gostar de escutar *funk* acabavam ouvindo quando estavam entre amigos, em festas principalmente ou na escola, através de seus aparelhos celulares. A *internet* é uma ferramenta importante para que eles pudessem obter as músicas de que gostavam. Apenas uma garota não tinha acesso à *internet* em casa, dependendo do uso de *lan-houses* para esse fim. Todos os alunos, por exemplo, diziam ter uma conta na rede

social *Facebook*. Outros alunos afirmaram que o acesso à *internet* em casa ocorre de maneira clandestina e que tal forma de acesso possui muitos adeptos no bairro.

3- OS ESTUDOS CULTURAIS, AS CULTURAS JUVENIS NAS PERIFERIAS URBANAS E OS ESTILOS JUVENIS - APROXIMAÇÕES

Neste capítulo apresento alguns aportes do campo dos Estudos Culturais visando aproximar tais teorizações das problemáticas contemporâneas presentes nos estudos referentes às culturas juvenis nas periferias urbanas com destaque para os chamados estilos juvenis.

3.1 Os Estudos Culturais: aportes significativos

Para Henry Giroux (1995), uma parte da cultura acadêmica criou uma cultura de exclusão ao desprezar as diversas narrativas e histórias de diferentes grupos considerados subordinados do ponto de vista cultural e político, o que levou os estudiosos do campo dos Estudos Culturais a se afastarem das grandes narrativas eurocêntricas, do conhecimento disciplinar, do cientificismo e de muitas heranças do modernismo. Tendo em vista, além disso, a constatação de que as disciplinas acadêmicas isoladamente não davam mais conta da análise da diversidade dos fenômenos culturais e sociais em um mundo onde as culturas são cada vez mais híbridas. Conforme Ana Carolina Escosteguy (2010), é importante referir que esta forma de abordagem dos fenômenos culturais e sociais, defendida pelos Estudos Culturais, está presente atualmente em muitas localidades, como a Inglaterra, Estados Unidos, Austrália, Canadá, África, América Latina, só para citar algumas delas.

Para Stuart Hall (1997), é importante acrescentar que a virada cultural foi um elemento importante que criou condições para o surgimento dos Estudos Culturais. A Virada Cultural pode ser entendida como “uma mudança de paradigma nas ciências sociais e nas humanidades” (HALL, 1997, p. 9). Nesse sentido, é importante entender o que o autor referido denomina por “centralidade da cultura”, ou seja, que a partir da segunda metade do século XX, a cultura passou a cumprir um papel constitutivo em todos os aspectos da vida social, não sendo a cultura mais vista como um elemento secundário ou dependente de outra força ou categoria. Trata-se de uma revolução cultural no que diz respeito ao conhecimento, às teorias e às nossas compreensões a respeito dos fenômenos sociais. De acordo com Hall

(1997), é importante acrescentar que a virada cultural também está relacionada com uma mudança de atitude em relação à linguagem, o que leva o autor neste aspecto a dizer que “a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas a qual a língua recorre a fim de dar significado às coisas” (Hall, 1997, p. 10). Quero ressaltar, de acordo com Néstor García Canclini (2009), que afirmar a cultura como importante nas condições constitutivas de nossas práticas sociais não significa, no entanto, afirmar que tudo é reduzido à cultura, mas sim que a cultura é uma das dimensões de tais práticas.

É importante também salientar os aspectos constitutivos da cultura que ocupam um lugar “na estrutura empírica real e na organização das atividades, instituições e relações culturais na sociedade, em qualquer momento histórico particular” (HALL, 1997, p.1). Conforme o autor, de forma cada vez mais acelerada, ocorre uma revolução cultural que transforma a nossa vida social e cotidiana promovendo alterações na vida local, sendo que o referido ritmo de mudanças pode variar de acordo com cada localização geográfica.

De acordo com Hall (1997), nos dias atuais podemos dizer que a cultura entra em cada recanto de nossa vida, “mediando tudo” (HALL, 1997, p. 5). São poucos os lugares que estão fora da influência das chamadas ações culturais que desorganizam e que promovem uma quantidade enorme de deslocamentos, interferindo na constituição de nossas identidades. Para o autor, a identidade então, a partir desta abordagem, não pode ser mais compreendida como fixa e imutável, mas deve ser entendida sob a perspectiva de que os sujeitos assumem identidades diferentes em diferentes momentos. Para o autor, “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2006, p. 13).

Conforme Marisa V. Costa (2004), que entende também ser uma questão central nos Estudos Culturais o debate em torno do conceito de cultura, tal perspectiva de estudos deixou de entender cultura a partir de uma concepção elitista, como sendo aquilo que a humanidade melhor produziu até os dias de hoje. Segundo a mesma autora, a palavra “Cultura” deixa de pertencer exclusivamente à tradição artística e literária e incorpora também o gosto das multidões (2005a). Para Marisa Vorraber Costa, Rosa Hessel da Silveira e Luis Henrique Sommer (2003), já não se entende mais a cultura como um processo de acúmulo de saberes ou apenas

como um processo estético, intelectual ou espiritual. Cultura, na visão de Costa (2005a, p. 109), é algo muito mais amplo:

Cultura, sim, como expressão das formas pelas quais as sociedades dão sentido e organizam suas experiências comuns; cultura como o material de nossas vidas cotidianas, como a base de nossas compreensões mais corriqueiras. A cultura passa a ser vista tanto como uma forma de vida (idéias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e relações de poder), quanto toda uma gama de produções, de artefatos culturais (textos, mercadorias, etc.).

Para Canclini (2009), o próprio ato de atribuir a palavra cultura para se referir a comportamentos e gostos de povos ocidentais, ou denominar a cultura das elites como sendo a alta cultura, em contraponto à cultura popular, trata-se de um ato cultural também, através do qual se exerce o poder. Nas ciências humanas, incluindo as diferentes formulações teóricas dos Estudos Culturais, não existe uma única compreensão de cultura. De acordo com o referido autor, existem diferentes narrativas sobre cultura, que revelam diferentes modos de entendimento e conflitos entre os modos de conhecer a vida social.

Afinal, conforme nos dizem Costa, Silveira e Sommer (2003), a cultura tornou-se um campo de luta, uma arena, onde os significados são fixados e negociados. O que também foi defendido por Tomaz Tadeu da Silva (2007, p. 134), para quem os Estudos Culturais compreendem que “[...] a cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados”.

Podemos acrescentar, de acordo com os estudos de Rossana Reguillo (2000), que a cultura é muito importante também no que diz respeito à constituição das identidades juvenis, pois acabou por subordinar os demais campos constitutivos. Para a autora, hoje em dia os jovens adquirem visibilidade, enquanto atores sociais, na esfera das expressões culturais. É importante destacar como se deu o surgimento das culturas juvenis nesse contexto.

Conforme aponta a referida autora (2000), após a segunda guerra mundial, nos anos 1950, surge na Europa Ocidental e nos Estados Unidos uma indústria cultural com bens destinados exclusivamente ao consumo do público jovem. Beneficiados pelo poder aquisitivo dos jovens, os sinais de identidades juvenis ganharam caráter internacional. Para Carles Feixa (2004), os jovens ganhavam uma visibilidade cada vez maior na comunicação e na mídia das metrópoles, eram tema e

protagonistas de canções e filmes. O *rock'n'roll* foi considerado o símbolo da primeira cultura internacional-popular voltada para o mercado juvenil que estava se formando.

Entre os diversos artefatos culturais a música foi o que mais se destacou. Os números de discos de rock vendidos, por exemplo, aumentaram consideravelmente (REGUILLO, 2000) na época, o que possibilita entender a afirmação de Beatriz Sarlo (1997) para quem o rock começou a fazer parte da vida cotidiana, adquiriu uma dimensão muito mais ampla do que um simples ritmo musical, transformou-se em um estilo juvenil, devido também a sua influência nas roupas e nas posturas dos jovens. Nesse sentido, é importante trazer novamente o pensamento de Reguillo (2000), em sua afirmação de que, devido ao fato das indústrias culturais terem consolidado uma concepção de sujeito ativo, houve a possibilidade do surgimento de diversas éticas e estéticas juvenis.

Do ponto de vista histórico, as culturas juvenis são apontadas como um fenômeno urbano, ou mais exato, metropolitano. As linguagens de comunicação juvenis (o rock, a moda, a mídia) ultrapassaram fronteiras, tornando-se universais. Mesmo que os grandes estilos espetaculares juvenis tenham sido criados nas grandes cidades dos países ocidentais (Chicago, São Francisco, Nova York, Londres, Paris), a sua difusão levou-os às mais diversas localidades em todo o mundo (FEIXA, 1999).

É importante mencionar ainda que, para estudar os fenômenos culturais e as transformações sociais contemporâneas, institucionalizaram-se novas abordagens de pesquisa, com a criação, em 1964, por Richard Hoggart, do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), da *Universidade de Birmingham*, na Inglaterra, o que acaba levando uma parte do mundo acadêmico a considerar os Estudos Culturais como uma invenção britânica (ESCOSTEGUY, 2010). O referido centro elaborou diversos trabalhos sobre a temática de culturas juvenis tornando-se referências importantes até hoje para quem estuda tal temática.

Conforme João Freire Filho (2007, p.33), alguns estudos das culturas juvenis definiam-nas como manifestações geracionais e interclassistas. A partir da década de 60 e 70, os pesquisadores do CCCS, ao se dedicarem aos estudos sobre sociabilidades juvenis, tinham como principal objetivo “[...] desconstruir e destronar o conceito mercadológico de cultura juvenil”. Conforme o mesmo autor, os pesquisadores de Birmingham combatiam a ideia de uma cultura juvenil homogênea

com ênfase no consumo e lazer. Após pesquisarem culturas jovens da classe operária, que denominaram como subculturas juvenis, surgidas a partir dos anos 50, os pesquisadores do referido centro entenderam que as práticas culturais de tais grupos eram formas de elaboração dos problemas e respostas culturais à cultura da classe a que pertenciam (ABRAMO, 1994)⁶. Sobre esses estudos afirma Thompson (2005, p. 18):

Sob a liderança de Stuart Hall [...], a questão das culturas jovens rapidamente obteve um lugar significativo nos Estudos Culturais até porque a primeira leva de pós-graduados do CCCS fazia parte - ela própria - da geração "babyboomer". A cultura jovem era a sua cultura e um exame sério da mesma contribuía para a validação da cultura popular frente ao desprezo da alta cultura

Para Costa (2004), as investigações dos Estudos Culturais não estão desconectadas dos contextos históricos; nas diferentes geografias predominam diversos estudos e problemáticas. Inicialmente as discussões estavam voltadas para questões relativas às classes sociais e aos poucos foram sendo diversificadas e substituídas por outras questões e temáticas.

É o que podemos verificar entre os próprios membros do CCCS, que nos anos 90, tendo em vista as transformações políticas ocorridas no mundo e nas culturas contemporâneas, começaram a perceber que não poderiam mais levar em consideração apenas o critério de classe em suas análises, pois as culturas juvenis surgidas a partir deste período, eram fenômenos de massa com características diferentes das culturas juvenis investigadas por alguns dos próprios pesquisadores do grupo (THOMPSON, 2005)⁷.

3.2 Culturas Juvenis com ênfase nas periferias urbanas

É importante salientar, de acordo com José Machado Pais (2003), que a juventude pode ser estudada enquanto "aparente unidade", quando relacionada a

⁶ Os principais grupos juvenis analisados foram os *Rockers*, *Mods*, *Skinheads* e *Teddy Boys*.

⁷ Conforme o autor, os estudos mais recentes que geraram as novas abordagens são as culturas *Clubber* e *Rave*.

uma fase da vida. Afinal, a ideia de juventude enquanto um processo de transição entre estágios da vida, bem demarcados, encontra-se cada vez mais em desuso. Além disso, conforme apontam Margulis e Urresti (2008, p.18), podemos considerar que cada geração pertence a uma cultura diferente quando “incorpora em sua socialização novos códigos e destrezas, linguagens e formas de perceber, de apreciar, de classificar e de distinguir”. Segundo aqueles autores, podem surgir dificuldades, desencontros e ruídos na comunicação entre as diferentes gerações, entre jovens e adultos, devido ao fato de não compartilharem os mesmos códigos.

Mesmo assim, é importante salientar, conforme teoriza Massimo Canevacci (2005, p.28), ser cada vez mais difícil definir “faixas etárias definidas e claras passagens geracionais”, pois o ritual de passagem da adolescência para a idade adulta tornou-se algo fluido e instável. Para o autor, se ser jovem é algo transitivo, é sob uma “condição variável e indeterminável”, na qual devemos levar em conta as “individualidades momentâneas do sujeito-jovem” (CANEVACCI, 2005, p. 30-31).

De modo geral, então, conforme Feixa (1999 p. 84), podemos considerar as culturas juvenis como um conjunto de formas de vida e valores que caracterizam os jovens, quando estes passam a se identificar com valores diferentes aos vigentes no mundo adulto. Para o autor, tais culturas são o modo como “[...] as experiências sociais dos jovens são expressas coletivamente mediante a construção de estilos de vida distintivos, localizados fundamentalmente no tempo livre, ou em interstícios da vida institucional”. Tais experiências podem-se dar nos espaços institucionais (a escola, o trabalho), nos espaços parentais (família, vizinhança) e nos espaços de lazer (a rua, o baile, os locais de diversão).

Diversos atributos sociais que diferenciam os jovens uns dos outros devem ser levados em conta, também, em suas caracterizações. Nesse sentido, a seguinte afirmação de Pais (2003, p.76) justifica as diferentes formas de se viver a juventude: “[...] porque se movem em diferentes *contextos sociais*, os jovens partilham linguagens diferentes, valores diferentes, vestem-se de maneira diferente, comportam-se de maneira diferente”.

Nesse sentido, conforme Feixa (1999), um conjunto de condições sociais cria as condições de possibilidade para que possam surgir culturas juvenis em uma estrutura social determinada. Essas condições incluem além da questão geracional, questões relativas à classe social, território, gênero e raça ou etnia. Importante também são os chamados estilos juvenis, que serão tratados em uma seção à parte

devido à importância para este trabalho. O referido autor destaca que as culturas juvenis não podem ser consideradas homogêneas e nem estáticas: as fronteiras entre os estilos são amplas e as trocas entre eles são bem numerosas.

Passo a apresentar algumas posições teóricas sobre as culturas juvenis dos jovens de periferia. Segundo Valenzuela (1999), apontam-se as décadas de 1970 e 1980 como cruciais no aparecimento desses jovens atores, pois foi nesse período que eles conseguiram maiores âmbitos de expressão através de suas formas de recreação e resistência cultural. Importantes expressões culturais como o *funk* e o *hip hop* ganharam força naqueles momentos fazendo com que o espaço em que viviam tais jovens ampliasse seu significado cultural. Estes novos atores eram os jovens das favelas, das zonas e dos bairros populares. Não podemos imaginar que o aparecimento na cena pública dos jovens de periferia tenha ocorrido sem conflitos de classe: “A resposta social dominante tratou de reduzi-los à imagem ameaçadora de delinquência e crime, mas suas redes socioculturais resultaram mais fortes do que o imaginado” (VALENZUELA, 1999, p. 79).

É importante ressaltar que a periferia, conforme Regina Novaes (2006, p.116) não se trata de uma dimensão unicamente geográfica, também consiste em uma “[...] nomeação de uma identidade construída nos últimos anos e que tem efeito nos estilos, estéticas, vínculos sociais e laços afetivos das trajetórias de uma parcela dos jovens de hoje”. De acordo com a referida autora, os jovens moradores das periferias das grandes cidades brasileiras, em parte devido ao seu local de moradia⁸, carregam consigo certas estigmatizações, em função da violência e do tráfico, por exemplo, que lá existem. Esta é mais uma, entre tantas outras formas de discriminação, como fatores de classe, gênero, cor, pelas quais passam tais jovens. Ocorre, porém, que esses mesmos jovens, apesar das estigmatizações sofridas, expressam, muitas vezes, nas suas manifestações culturais, suas origens enquanto moradores daqueles locais, não pensando em abandoná-los, muito pelo contrário, permanecem habitando e expressando suas culturas no bairro em que nasceram ou vivem na maior parte de suas vidas. De acordo com Carmen Brunel (2006), o fato das classes populares se depararem com um sistema de transporte público com

⁸ A autora enumera diversas denominações atribuídas a esses locais de moradia: favelas, subúrbios, vilas, morros, conjuntos, periferias, conjuntos habitacionais, comunidades.

preços caros, também, é um elemento que os leva a ficarem circunscritos em seus bairros.

Conforme Silvia Duschatzky (2008), o bairro é um importante elemento na identidade dos jovens de classes populares. Nele, os jovens criam fortes laços em cada lugar ocupado, e assim como deixam suas marcas também levam as marcas do lugar. Pode-se dizer que o lugar é onde se “constrói reconhecimento, história e identidade compartilhadas”. (DUSCHATZKY, 2008, p. 29).

Gênero e raça são outros aspectos que interferem nas trajetórias dos jovens de periferia. Conforme Feixa (1999), é importante destacar que na questão de gênero tanto rapazes como garotas vivem sua juventude em diversos cenários, ou seja, na escola, nas ruas, nos bailes. De acordo com Novaes (2006, p. 106), os dois marcadores citados se relacionam entre si, além dos critérios de classe: “Ser pobre, mulher e negra ou pobre, homem e branco faz diferença nas possibilidades de ‘viver a juventude’”, o que está relacionado com os aspectos históricos existentes na sociedade brasileira, ou seja, com os modos diferenciados de acessos ao trabalho e ao estudo nos quais as condições econômicas das famílias de tais jovens entram em jogo.

Feixa (1999), ao examinar aspectos relacionados à cultura juvenil e classe social, verifica a relação que os jovens mantêm com as culturas parentais. Tais culturas referem-se, além da relação entre pais e filhos, a um processo mais amplo, que inclui relações sociais com membros de diferentes gerações na família (que inclui uma ampla rede de parentesco), na vizinhança, no bairro, na escola local. Essas relações se dão em um meio social e familiar específico, no próprio bairro em que moram, onde deveriam ser integrados na sociedade, aprendendo as normas de comportamento aceitas no meio social em que vivem.

É importante salientar também, conforme Feixa (1999, p. 93), que ainda que exista uma identificação entre os jovens, eles também vivem em um contexto de vida onde compartilham com os adultos de sua mesma classe social questões relacionadas a “oportunidades educativas, itinerários de trabalhos, problemas urbanísticos, espaços de lazer, etc”. Podemos relacionar tal afirmação com o que menciona Dayrell (2005, p. 119), quando diz que viver na periferia é compartilhar entre os moradores problemas relativos “[...] à ausência de equipamentos básicos de infraestrutura, de serviços públicos, entre eles o transporte, além de poder contar com opções restritas de lazer”.

No entanto, para tais jovens, “[...] a periferia não se reduz a um espaço de carência de equipamentos públicos básicos ou mesmo da violência, ambos reais” (DAYRELL, 2007, p. 1112). Para o autor, o bairro é também o lugar das interações afetivas e simbólicas. O que também afirma Feixa (1999), para quem o território é um importante fator para o entendimento das culturas juvenis, pois o espaço urbano sofre modificações por influência da juventude, tendo em vista apropriarem-se os jovens de espaços como ruas, esquinas, praças, locais de festas, deixando neles suas marcas. Conforme o autor, as práticas culturais juvenis dão novos significados a determinadas zonas da cidade, possibilitando a convivência em praças e ruas ou mesmo em territórios urbanos marginais. Novos significados também são dados à escola, tendo em vista a presença cotidiana, nestas instituições, de jovens com suas culturas específicas, como ocorre nas escolas públicas situadas nos bairros de periferia onde os jovens moram.

Os novos significados atribuídos à escola podem ser evidenciados de acordo com o que nos diz Garbin (2009, p. 14), pois nos últimos tempos tal instituição tem se tornado para os jovens um “[...] espaço de encontro, conversa, diversão e sociabilidade, sendo muitas vezes, o ‘único’ lugar possível para expressividades de si, nas quais a presença e o olhar do outro se tornam fundamentais”.

Nesse contexto, conforme Dayrell (2007, p.1116), a partir da década de 90, cada vez mais há a presença de um público heterogêneo nas salas de aula, em razão da expansão da escola pública. Desse espaço começavam a fazer parte jovens que enfrentavam a pobreza e a violência em suas vidas. Tais jovens “[...] trazem consigo para o interior da escola os conflitos e contradições de uma estrutura social excludente, interferindo nas suas trajetórias e colocando novos desafios à escola”. Para este autor, a escola não compreende de fato a diversidade existente entre os jovens, seja ela étnica, de gênero, de orientação sexual ou de qualquer outra expressão cultural. A instituição “[...] tende a não reconhecer o ‘jovem’ existente no ‘aluno’” (Dayrell 2007, p. 1117).

Outro aspecto importante a ser considerado nas culturas juvenis, de acordo com Margulis e Urresti (1998), principalmente para aqueles jovens que moram nas periferias urbanas, é que tal etapa de suas vidas não corresponde ao chamado período de moratória social, da mesma forma como essa moratória ocorre com os jovens das classes sociais mais abonadas. Tal período seria aquele tempo da vida do jovem onde ele estaria isento de maiores responsabilidades, com ênfase no

tempo livre e na frequência às escolas. A moratória social compreenderia o espaço de tempo de vida onde os jovens transitariam entre o amadurecimento físico (transição da adolescência para vida adulta) e o amadurecimento social (casar, trabalhar, ter filhos).

De acordo ainda com os dois autores citados, os jovens de periferia geralmente começam a trabalhar cedo e muitas vezes têm filhos durante a adolescência. Muitos destes jovens dispõem de tempo livre em suas vidas, mas não podemos confundir-lo com o tempo livre da moratória social, que é socialmente legitimado. Em alguns casos, o tempo livre dos jovens de periferia não é o do prazer e da diversão, muito menos o da despreocupação, mas o tempo livre do desemprego, onde podem resvalar para a marginalidade ou para a insegurança.

3.3 Estilos Juvenis

Para Pais (2006), atualmente os jovens não se identificam mais com os estatutos tradicionais de passagem da adolescência para a vida adulta, o que ocorria muitas vezes de forma bastante rígida. Se por um lado, conforme o autor, as gerações mais velhas tendem a seguir percursos de vida e valores calcados em rotina e segurança, é preciso referir também que atualmente os cotidianos juvenis estão cada vez mais caracterizados pela ruptura e pelo desvio. Suas culturas são marcadas pelo gosto de correr riscos e ultrapassar limites. Os jovens buscam o contato entre seus pares com a finalidade de conseguir reconhecimento, seja pela arte de seduzir ou escandalizar, através de jogos de poder.

Além disso, o “[...] lúdico, a ênfase visual e o persuasório” (Pais 2006, p. 15) são outras das características das culturas juvenis. Partindo de tal premissa, aproximei-me do conceito de estilo, desenvolvido por Feixa (1999), para analisar as imagens culturais da juventude de periferia da forma como elas se apresentam na cena pública.

Inspirado em Hall (1997), quero salientar o que o autor denomina como práticas culturais, pois tendo em vista que toda prática social comunica um significado e na medida em que toda ação social é cultural, os códigos de significados é que acabam por dar sentido às ações de determinados grupos sociais,

entre eles os grupos jovens. Conforme Garbin (2006, p.207), as práticas culturais não se resumem às atividades dos sujeitos, mas dizem respeito também à “[...] existência objetiva e material de certas regras a que os jovens se submetem e criam para determinados lugares e/ou ações que eles consideram representativas de sua identidade como grupo e/ou individual”.

O estilo é uma das importantes práticas culturais juvenis. Para Feixa (1999, p. 97), o estilo é uma manifestação simbólica juvenil “[...] expressa em um conjunto mais ou menos coerente de elementos materiais e imateriais que os jovens consideram representativos de sua identidade como grupo”. Estes elementos (como textos, artefatos, rituais) são provenientes da *linguagem*, da *música*, da *moda*, das *produções culturais* e das *atividades focais*.

Conforme Feixa (1999 p. 100), no que diz respeito à *linguagem*, a emergência da juventude enquanto novo sujeito social também levou a aparição de formas de expressão oral típicas, como “[...] palavras, gírias, frases feitas, entonação”, em oposição à linguagem dos adultos. A *música*, por outro lado, pode ser considerado um importante elemento cultural que os jovens utilizam como uma maneira de buscar uma autodefinição e como um símbolo para marcar a identidade dos grupos a que pertencem. Diversas tendências musicais são escutadas e até mesmo produzidas pelos jovens. A *moda* é outro elemento cultural importante a ser considerado nos estilos juvenis. Os jovens utilizam uma série de elementos estéticos em que cada indivíduo ou grupo o faz de maneira criativa. As *produções culturais*, também para o mesmo autor, são importantes na definição dos estilos juvenis, pois os jovens não são apenas receptores passivos dos meios audiovisuais, mas também produzem suas próprias manifestações. As referidas produções reafirmam as fronteiras do grupo e ao mesmo tempo estabelecem o diálogo com outros grupos sociais e juvenis. Além disso, visam reverter à valorização negativa que recai sobre determinados estilos, transformando o que muitas vezes é visto como estigmatização em um símbolo positivo para estes jovens. Por fim, como último elemento elencado pelo autor, cada estilo juvenil demarca suas fronteiras através de determinados rituais ou *atividades focais*, que são geralmente atividades de lazer.

Os elementos referidos anteriormente combinam-se entre si na formação de um estilo. É importante ainda acrescentar, conforme Garbin (2006, p. 207), que “[...] o que faz um estilo é a forma como os jovens se apropriam e ressignificam objetos, lugares, atividades, consumos diversos que produzem e organizam suas

identidades”. Os estilos não são estáticos, muito pelo contrário, suas formas e conteúdos podem difundir-se ou transformar-se, podendo dar origem a novos estilos, ou talvez simplesmente desaparecer depois de determinado período. Os jovens podem pertencer a mais de um estilo, podem aderir a um deles de forma mais ou menos intensa, servindo como uma referência bastante significativa na interação com os outros jovens (FEIXA, 1999).

Para que os jovens de periferia expressem seus estilos, é importante salientar conforme Jesús Martín-Barbero (2008), que o consumo cultural dos vários tipos de artefatos (ligados à música, cinema ou vestuário) é efetivado, muitas vezes, pelas vias ilegais, pela aquisição de produtos piratas, por exemplo, pois, para muitos deles é uma das únicas alternativas para terem acesso a tais bens, devido às suas vidas estarem marcadas pela precariedade econômica e também pela instabilidade profissional. Ou, ainda, é preciso referir de acordo com Costa (2008), que na lógica do capitalismo neoliberal, tendo em vista atrair todos os jovens para a prática do consumo, as indústrias culturais produzem diferentes versões dos mesmos artefatos juvenis, visando atingir a diferentes públicos, inclusive aqueles provenientes das populações de periferia urbana, caracterizadas principalmente por suas privações materiais, ou em outras palavras, por sua “baixa renda”.

3.4 Teses e dissertações

É importante fazer referência também aos diversos estudos sobre jovens realizados na última década no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS (PPGEDU), expressos em Dissertações e Teses. Tal inventário foi realizado quando da elaboração do projeto, em 2012, no sentido de identificar que conhecimentos acadêmicos vinham sendo elaborados a respeito da minha temática de estudo. Os trabalhos investigam as vivências juvenis realizadas na escola bem como suas práticas em outros espaços sociais e culturais. Na linha de Pesquisa em Estudos Culturais em Educação, é preciso citar os estudos relativos à presença dos jovens nas escolas e suas diversas possibilidades de abordagem, tais como o de Lisiane Santos (2006), ao analisar as práticas culturais vinculadas à música em uma escola de Ensino Médio; Juliana Vargas, (2008) ao abordar as posturas e os posicionamentos de meninas em uma escola pública de periferia; Rosane Linck,

(2009) ao analisar as práticas culturais nos recreios escolares como atuantes na produção de pertencimentos identitários juvenis e Tatiane Santos (2010), ao apresentar o Programa Escola Aberta como um espaço de lazer, socialização e aprendizagens nas periferias urbanas. Na mesma linha de pesquisa, outras pesquisas não se detiveram nas escolas, mas abordam fenômenos importantes das culturas juvenis na contemporaneidade, como a de Angélica Pereira (2006) ao investigar jovens pertencentes à cultura *punk* que estão em espaços públicos da cidade; Thais Silva (2008), ao analisar as práticas culturais de jovens homoafetivos e suas resistências à ordem heteronormativa em um espaço central da cidade e Eloenes Silva (2010), ao problematizar as práticas culturais de tribos de jovens grafiteiros e pichadores nos espaços urbanos.

As discussões sobre as culturas juvenis no PPGEDU não se restringem a linha dos Estudos Culturais; essa temática também está presente em outras linhas. É importante mencionar os trabalhos de Sandra Andrade (2008), ao analisar as relações entre as juventudes e a escolarização e seus processos de inclusão e exclusão; Elisete Nascimento (2008), ao investigar as narrativas a respeito de vivências socioculturais de jovens de classes sociais menos favorecidas estudantes de uma escola urbana; Fernanda Silva (2010), ao estudar o fenômeno da juvenilização e sua manifestação nas instituições escolares; Márcio Amaral (2011), ao analisar as culturas de jovens moradores de periferia participantes de projeto da CUFA (Central Única das Favelas), entre outros estudos.

A maior parte dos estudos anteriormente referidos investigou populações de periferias urbanas. Nesse sentido, é importante referenciar, também, a produção sobre os jovens do bairro Restinga, onde foi realizada a presente investigação. Refiro-me aos trabalhos produzidos também na UFRGS, mas em outros programas de pós-graduação, como o de Elisângela Zaniol (2005), realizado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, analisando experiências de trabalho de oficinas para jovens realizados por um Grupo de Pesquisa da UFRGS e poricineiros populares do bairro e o de Fábio Dal Molin (2007), realizado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, analisando as redes sociais que executam as chamadas micropolíticas para a juventude (hip-hop, mídias alternativas, entre outras).

4. CAMINHOS INVESTIGATIVOS

Este capítulo apresenta um detalhamento dos caminhos investigativos do presente estudo, ou seja, dos passos realizados para a produção dos dados que não foram rigidamente elaborados *a priori*. A metodologia foi se constituindo durante o processo de investigação.

No campo dos Estudos Culturais, de acordo com os autores Cary Nelson, Paula Treichler e Lawrence Grossberg (1995), não existe a defesa de uma única metodologia de investigação, em razão dos estudos deste campo utilizarem-se de metodologias diferenciadas, apropriadas das mais diferentes disciplinas com variadas perspectivas teóricas. Maria Lúcia Wortmann (2005, p. 46), a respeito dos métodos usados nas pesquisas dos Estudos Culturais afirma:

[...] por serem buscados em outros campos disciplinares; sendo assim, os Estudos Culturais valem-se de procedimentos e metodologias que não lhe são próprios ou particulares, mas dos quais se apropriam em determinadas circunstâncias e em função de propósitos específicos (WORTMANN, 2005,).

O presente capítulo está dividido em duas seções. Na primeira seção apresento e justifico as ferramentas etnográficas utilizadas: as observações, os questionários e as fotografias dos alunos. Na segunda seção é apresentada a constituição dos grupos de discussão compostos pelos jovens alunos pesquisados. A pesquisa na escola, para que pudesse ser realizada, contou com a permissão da Coordenação do Ensino Fundamental da SMED/Porto Alegre. Para que os jovens viessem a participar das atividades de pesquisa, foi-lhes solicitado que trouxessem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos pais ou responsáveis, autorizando sua participação, em formulário por mim produzido, que garantiria a preservação do anonimato dos alunos.⁹

⁹ O termo de consentimento livre e esclarecido bem como a autorização da SMED encontram-se nos anexos do trabalho.

4.1 FERRAMENTAS ETNOGRÁFICAS: OBSERVAÇÕES, FOTOGRAFIAS E QUESTIONÁRIOS

Conforme Luiz Eduardo Achutti (2004, p.93), o etnógrafo tem por tarefa ao estudar um determinado grupo social “[...] traçar um quadro de práticas, de crenças e valores culturais que nos são estranhos” na tentativa de mostrar a sua singularidade cultural. De acordo com Clifford Geertz (1989), Canclini (2009) e Luís Henrique Sacchi dos Santos (2005), a experiência etnográfica pode ser comparada a uma viagem, pois, após sua realização, é comum trazermos diversas recordações dos locais que visitamos. Na condição de turistas, acreditamos estar participando da cultura visitada, realizamos filmagens, tiramos fotografias. O etnógrafo age como o turista, com suas observações e com o auxílio dos artefatos que traz de outras culturas. Além disso, tem a tarefa de descrever a realidade que conheceu após a experiência de investigar outra cultura, geralmente diferente da sua. Pelo fato de ter *estado lá* tem condições de *escrever aqui*.

É importante em um primeiro momento situar o local onde foi desenvolvido o trabalho de campo, durante o ano de 2012, com a finalidade de produzir dados empíricos para a presente dissertação. O campo de pesquisa, como já referido anteriormente, é a escola em que trabalho: a EMEF Pessoa de Brum. Compartilho com Sandra Andrade (2008, p.26) a ideia de que em sua trajetória de pesquisa “[...] foram priorizadas interações, observações, conversações e intervenções junto ao grupo pesquisado”, tendo ampla importância “[...] o registro do ponto de vista de outro” (ANDRADE, 2008, p.26). Ao desejar conhecer as culturas juvenis dos alunos da escola municipal em questão, utilizei diversas ferramentas etnográficas para poder trazer os “artefatos” e as “recordações” para a escrita da presente dissertação.

Em função da especificidade da minha temática, em um primeiro momento foi observado o cotidiano dos alunos em seus momentos de tempo livre na escola (recreios, horários de entrada e saída) e também durante algumas de suas aulas. No intuito de sistematizar algumas observações em sala de aula, combinei com alguns colegas a entrada na turma em seus respectivos períodos. Tais observações foram realizadas a partir do mês de julho de 2012 até outubro do mesmo ano. Foram três meses de observações, feitas duas vezes por semana, no turno da tarde, quando ocorriam as aulas das turmas do III Ciclo, o que resultou em um total de dezoito dias de observações. Tal procedimento foi realizado quando era possível conciliar as

minhas atividades de trabalho com as atividades relacionadas à pesquisa. O período de observações proporcionou-me possibilidades de conversas informais com os jovens e a realização de algumas fotografias dos grupos de alunos, com prévia autorização dos mesmos. Foram também nessa ocasião aplicados questionários para um melhor conhecimento dos alunos da turma selecionada para a investigação.

Para registro das observações, usei um Diário de Campo, no qual foram realizadas anotações após cada uma delas. Em algumas ocasiões, foram feitas algumas anotações no próprio momento da observação ou da conversa informal com os jovens alunos, no sentido de enriquecer o material de análise e ou evitar possíveis “esquecimentos” de importantes informações. É importante salientar que, no início e durante o andamento do trabalho, fui explicando aos alunos das turmas de III Ciclo, foco de meu estudo, quais eram os objetivos e meus interesses com a realização da pesquisa. Durante o andamento do trabalho empírico e principalmente pela recomendação da banca examinadora do projeto de mestrado, abandonei o conceito de Tribos Urbanas e passei a me deter mais especificamente no conceito de estilo, já explicitado no capítulo anterior, por ser mais adequado para a presente investigação.

É importante frisar que no ano de 2012, havia na escola, ao todo, três turmas de III ano de III Ciclo, das quais eu era professor, turmas que equivalem ao nono ano do Ensino Fundamental. Foi durante as minhas observações que se deu o processo de escolha de uma das turmas para realizar com a mesma a investigação. Com a leitura dos meus registros no Diário de Campo e do meu trabalho em sala de aula, percebi a existência de um vínculo maior entre um grupo de alunos de uma das turmas. Além de tais alunos permanecerem juntos em diversos momentos do horário escolar, seja em sala de aula ou nos recreios, a afinidade entre eles aparecia também através das inúmeras demonstrações de prazer que demonstravam em fazer parte do grupo. Isto motivou a minha escolha dessa turma para a investigação, levando em conta também o fato de os alunos da mesma demonstrarem uma maior disponibilidade para participar do trabalho de investigação que eu desejava realizar sobre as culturas juvenis.

Quero ressaltar ainda que selecionei alunos do Nono Ano do Ensino Fundamental, sendo que a maior parte deles já haviam sido meus alunos em anos anteriores, nas turmas de Sétimo e Oitavo anos. Ou seja, a maioria deles foram meus alunos durante três anos consecutivos. Considero esse um aspecto importante

a ser levado em conta neste estudo, bem como os oito anos em que trabalho na Escola. Ainda que todos esses anos de trabalho não tenham gerado dados empíricos de forma sistematizada, para serem usados nas análises desta dissertação de mestrado, definitivamente acredito que todo esse período me constituiu enquanto pesquisador, atuando na escola com um olhar diferenciado para as práticas culturais dos alunos.

De acordo com Simon Gottschalk (1994), os sujeitos jovens das pesquisas devem falar e participar ativamente de nossos textos, sendo que tal participação não pode ser reduzida a citações estratégicas em determinados pontos, muito menos devem ser vistos como meros informantes oportunos. Conforme o autor, “[...] as pessoas que interagem precisam ser incorporadas como *vozes teóricas* que guiam a própria construção do conhecimento que produzimos acerca das experiências que elas e nós temos” (GOTTSCHALK, 1994, p.221). É preciso que o etnógrafo tente reduzir de algum modo a autoridade de sua voz, suas formas de perceber e compreender a cultura que está estudando. Segundo o autor, quando os outros que estudamos “[...] nem mesmo reconhecem o que escrevemos sobre eles, constituem-se nossas práticas textuais em logro” (GOTTSCHALK, 1994, p.223).

É importante, então, de acordo com Geertz (1997, p.86), que no trabalho etnográfico o pesquisador veja “[...] o mundo do ponto de vista dos nativos [...]” e que seja afetado por uma vasta sensibilidade, conseguindo “[...] pensar, sentir e perceber [...]” o mundo como um deles, ao invés de “tentar encaixar a experiência das outras culturas dentro da moldura desta nossa concepção” (GEERTZ, 1997, p. 91). Procurei fazer com que o “estar lá” e o “escrever aqui” não fossem mera separação de tarefas, que não ocorresse de forma rígida em minha pesquisa.

Nessa mesma lógica, conforme Canevacci (2008), torna-se importante superar a surdez do mundo adulto em relação à complexidade das culturas juvenis, pois “[...] geralmente a escuta adulta é monofônica e cristalizada, habituada – até condicionada – a reconhecer apenas alguns timbres: os próprios” (CANEVACCI, 2008, p. 109). O adulto (e pesquisador) precisa compreender a lógica sensorial dos jovens, para não acabar reproduzindo, em suas pesquisas, os bloqueios de comunicação que ocorrem entre diferentes gerações. Isso, no entanto, não significa que o pesquisador deva imitar a linguagem juvenil, afinal, na perspectiva antropológica, para Canevacci (2008, p. 116) “[...] é necessário colher o ponto de vista do outro e não tornar-se o outro”.

Conforme o citado autor (2005, p.34), podemos destacar dessa maneira a diferença de sensibilidade entre o jovem e o adulto: “Lá onde o olhar adulto só vê uniformidade, para os olhares intermináveis dos jovens dilatam-se diferenças vitais, pequenas minúcias apaixonantes, identidades micrológicas”. A pesquisa etnográfica, então, deve estar orientada para perceber que:

[os jovens] falam com os códigos das roupas, das minúcias que incrustam nos seus corpos, dos tipos de músicas, danças, visões, enfim, “substâncias” das quais se falam em seus círculos. Falam outros “versos”. (CANEVACCI, 2008, p. 117-118).

De acordo com Canclini (2009, p.131), uma questão de difícil resposta é saber se as culturas diferentes daquelas vivenciadas pelo observador/pesquisador podem ser tratadas como “realidades independentes” ou até que ponto são apenas uma construção feita por quem realiza a investigação. Segundo este autor, é uma difícil tarefa para o pesquisador construir discursos que estabeleçam a relação entre uma determinada sociedade estudada e as exigências do conhecimento institucional, “entre o saber dos nativos e o pensamento científico” (CANCLINI, 2009, p.128). Afinal, os dados não estão no campo à espera para serem descobertos, mas “[...] são resultado de processos sociais, institucionais e discursivos de construção, entretanto o trabalho teórico não pode substituir o esforço para obtê-los. Antes aumenta a necessidade de se ter mais dados, de voltar repetidamente a campo para submetê-los à prova” (CANCLINI, 2009, p. 141).

Durante as observações, em dois momentos principais, nos recreios e em alguns horários de aulas, tirei algumas fotografias dos alunos, em função do desejo de registrar as interações e brincadeiras constantes que realizavam e de seus diferentes modos de vestir e de se apresentar, através de diferentes tipos de bonés, correntes, óculos, tênis, roupas de um modo geral e de diferentes cortes de cabelo. Conforme Feixa e Laura Porzio (2008, p. 98), os jovens utilizam elementos visuais tais como “[...] objetos, artefatos, práticas corporais ou estratégias visuais” para apresentar ou representar suas identidades.

De acordo com os referidos autores, a fotografia, a partir do século XX, deixa de ser simplesmente um suporte de memória para se constituir em uma ferramenta para entender a realidade. No entender dos autores, a palavra e a imagem “complementam-se entre si e apresentam diferentes variáveis interpretativas no

cruzamento dos olhares entre o observador e o observado: os investigadores e aqueles que protagonizam a ação observada” (FEIXA; PORZIO, 2008, p.98). Dessa forma, a utilização das fotografias dos alunos serviu para “documentar os estilos e os cenários juvenis, comparando as imagens com os discursos dos próprios sujeitos” (FEIXA; PORZIO, 2008, p.98). Os autores ressaltam que é preciso levar em conta que no momento de tirar a fotografia encontra-se um investigador com sua maneira particular de olhar tais cenários e estilos. É importante salientar o que algumas alunas me disseram a respeito das referidas fotografias já na etapa final de minha investigação: que fazia toda a diferença quando a foto era tirada por um professor ou quando tal procedimento era realizado por jovens da idade delas. Quando eram eles mesmos que batiam as fotos, afirmaram que se envolviam nelas e que faziam poses que muitas vezes não fariam na frente de um professor.

Conforme Achutti (2004, p. 95), “[...] a fotografia mostra-se também de grande ajuda durante uma entrevista, pois pode constituir um elemento motivador quando já mostrada à pessoa interrogada”. Foi com esse sentido que procurei trabalhar tal ferramenta etnográfica na investigação. Ela serviu mais como um elemento provocador de discussões com os grupos de jovens que seriam formados para tal fim na segunda etapa da pesquisa, quando os mesmos teriam oportunidade de olhar as fotografias tiradas, fazer comentários e dialogar com os colegas sobre as mesmas, de acordo com um roteiro estabelecido.

Outra etapa da pesquisa consistiu na proposta de preenchimento de um questionário, a fim de que eu tivesse um melhor conhecimento dos alunos. De acordo com Nadir Zago (2011, p. 299), os questionários se agregam às observações com o objetivo de realizar “[...] o registro de dados que caracterizam a população estudada”. Conforme a autora, tal procedimento amplia nossos ângulos de observação e de produção de dados.

Nos questionários eram solicitados alguns dados individuais dos alunos, das suas trajetórias na escola e de questões relativas às suas vivências no bairro. Foi solicitado que referissem seus gostos e preferências musicais, as atividades e locais de lazer e diversão que mais gostavam na escola e no bairro, as atividades que mais gostavam de realizar com os colegas da turma, seus projetos estudantis e suas

perspectivas profissionais. Oito rapazes e sete garotas responderam ao questionário¹⁰.

Na medida em que o trabalho de campo avançava e que eu acumulava um conjunto de registros de observações no Diário de Campo, em que lia e relia o que havia anotado, percebia a produção de dados importantes do trabalho. A seguir, apresento alguns excertos do Diário de Campo bem como algumas fotografias (com exceção de duas, todas as outras foram tiradas por mim) que foram significativas durante o andamento da pesquisa e que guiaram o meu olhar nos passos seguintes da investigação, pois são elementos representativos de suas culturas juvenis¹¹.

O grupo formado por alguns alunos da turma pesquisada sentou em um banco (junto ao quiosque da escola, uma área a céu aberto onde tradicionalmente os professores levam os alunos para ter aulas em dias de muito calor), espremendo-se, aliás, para que todos pudessem sentar juntos e inclusive algumas meninas sentaram no colo de outras, abraçando-se e ressaltando que sempre gostavam de sentar naquele local (Diário de Campo – 13 de julho de 2012).



Figura 3 -Compartilhando o fone de ouvido do celular em sala de aula

Hoje muitos alunos passaram o momento do recreio conversando e escutando música juntos. Caminhando pelo pátio da escola percebi que essa é uma prática comum nesse momento, presente em diversos grupos que estavam espalhados pelo pátio. Até mesmo alguns alunos que se divertem no recreio jogando futebol usam fones de ouvido. Como a música é escutada com fones, não pude escutar o estilo que estão escutando. No entanto, existem exceções, há alunos que abdicam do fone e levam o seu

¹⁰ O questionário encontra-se nos anexos deste trabalho.

¹¹ Em relação aos questionários, como revelam dados e características dos alunos, os dados obtidos já foram escritos na seção 2.3, onde apresento os sujeitos da presente investigação.

celular na mão e utilizam o som alto. Na maioria das vezes, escuta-se o som de *funk*. É um fato que se repete nos rituais de entrada, saída, intervalos entre os períodos e inclusive durante o andamento das aulas. (Diário de Campo – 15 de agosto de 2012).



Figura 4 - Turma reunida no recreio¹²

É importante registrar a prática realizada pelos alunos que revela a relação que a escola adquire com o seu entorno. Moradores da comunidade, no horário do recreio, aproximam-se do muro da escola para a venda de “sacolés”, um picolé dentro de um saco plástico. Essa dinâmica ocorre todos os dias ao redor da escola: um aglomerado de alunos aproxima-se do muro e realiza a compra, rapazes e meninas consomem tal alimento. Pode-se também perceber no horário do recreio escolar a presença de jovens, pertencentes ou não a escola, do lado de fora do pátio, procurando uma aproximação e conversa com os alunos, principalmente com as meninas (Diário de Campo – 17 de agosto de 2012).



Figura 5 - Na hora do recreio, alunos dirigem-se ao muro pra comprar *sacolé*

¹² Fotografia cedida por uma das garotas da turma.



Figura 6 - O recreio acabou - voltando para a aula

Nesse mesmo dia, ao final do recreio, as garotas de uma turma de C30, ao se dirigirem para a sua sala de aula, entram no prédio e atravessam o corredor dançando um *funk* (uma menina atrás da outra, esfregando os seus corpos com conotação erótica), com direito à música alta, gritos e muitas gargalhadas por parte delas (Diário de Campo – 17 de agosto de 2012).



Figura 7 - Brincadeiras da turma – o rapaz se “joga” sobre as garotas

No meio da conversa que a turma realizou sobre a formatura, um rapaz pede para que eu escute a música do MC Mingau, onde o refrão era algo como “Travando, travando”, em que ele cantava e tocava ao mesmo tempo no seu celular em volume alto. Em casa, pesquisei a música na rede social Youtube (<http://www.youtube.com/watch?v=LGgeoCggpu8>), para conhecer a música e saber como é seu ritmo e mais detalhes da letra, que dizia assim: “Perna abrindo e fechando/ Travando, travando, travando/ Esse é aquecimento/ É o mingau que tá lançando”. Os vídeos com os *funks* são importantes de assistir, pois também revelam as danças e o estilo das vestimentas dos artistas. Os alunos escutam muitas músicas do referido

estilo e que fazem referências à sexualidade (Diário de Campo – 22 de agosto de 2012).



Figura 8 - Assistindo aula com óculos escuros

Nesse dia, também fiquei sabendo, através de uma conversa informal, que a Eliane (aluna da turma pesquisada) havia faltado algumas aulas na semana anterior em função da sua festa de 15 anos, que foi realizada no Salão da Paróquia, para poder experimentar o vestido, tirar fotografias, entre outros preparativos para festa. Sua colega e amiga e que senta ao seu lado na aula, me confidenciou também, já mais envergonhada, ter faltado mais de uma semana de aula para tratar da sua festa de 15 anos. De um modo geral, tenho percebido que a referida festa é um evento muito esperado pelas meninas da escola. Percebo que ela mobiliza quase a totalidade da turma, praticamente todos os colegas são convidados e dificilmente alguém deixa de comparecer (Diário de Campo – 22 de agosto de 2012).



Figura 9 - Turma trabalhando em grupo na aula – óculos escuros novamente

Perguntei para duas meninas que tipo de festas elas frequentavam, se frequentavam baile *funk*, por exemplo. Uma delas me disse que não e fiquei surpreso com sua resposta, mas ela disse que fazia referência ao fato de não frequentar casas noturnas como o Roma ou o Butikin (estabelecimentos típicos dos referidos bailes, localizados na Restinga), mas que nas festas de 15 anos ou nas festas na casa de amigas e de colegas geralmente acaba “rolando” um *funk*. Eliane então desperta para a conversa, dá um sorriso de

como quem gostou do assunto e disse que costuma sair à noite e entrar em diversas casas noturnas (Diário de Campo – 24 de agosto).



Figura 10 - Diferentes grupos reunidos em sala de aula.

Existem diversas produções na escola que são marcas ou escritas de alunos (ou de outros jovens que entram na escola, inclusive escondidos) com tinta, giz, corretivo, enfim, uma série de materiais que servem para registrar um nome ou apelido, ou os nomes de um casal de namorados ou mesmo o nome de um bonde. Algumas mensagens possuem códigos indecifráveis (pelo menos para mim) (Diário de Campo – 27 de setembro de 2012).



Figura 11 - Pichações na parede da escola



Figura 12 - Alunos interagindo em sala de aula

A turma combinou que realizará venda de lanches no recreio para arrecadar dinheiro para a formatura e o passeio de final de ano. Nesse período ficaram conversando muito entre si sobre o evento, principalmente sobre a decoração. Também comentaram que cada aluno vai poder escolher sua música no dia da formatura. Em suas conversas, pude perceber que eles estão insatisfeitos com as outras turmas de formandos, pois não estão ajudando em nada na organização do evento. (Diário de Campo – 28 de setembro de 2012).



Figura 13 - Garotas reunidas na escada após venda de lanches para a formatura¹³

Uma das garotas que participou da pesquisa, ao olhar para a figura 13, me disse: “*Essa foto vai ficar*”. Isso indicava que os momentos em que estavam com os colegas nos seus espaços preferidos da escola eram de grande valor para eles. É importante acrescentar que, de um modo geral, nos momentos de tempo livre ou não, os jovens realizavam constantemente uma série de brincadeiras entre eles,

¹³ Esta fotografia foi cedida por uma das alunas fotografadas.

com risadas e conversas descontraídas, muitas vezes em tom de gozação. Tudo o que era relacionado com lazer e diversão não só na escola, mas no bairro de um modo geral, era muito apreciado por eles – o gosto por músicas e festas é um exemplo disso, mesmo com o contexto difícil do bairro durante o ano de 2012, pois muitas vezes ocorriam tiroteios próximos da escola e próximo aos locais onde moravam os alunos em função da disputa por tráfico de drogas, o que gerava muitas preocupações entre eles. Outra de suas preocupações era com os seus próprios futuros, pois dentro de poucos meses iriam se formar no Ensino Fundamental, o que implicaria mudanças em suas vidas. Esse conjunto de informações, presentes no Diário de Campo, foi retomado com os jovens em uma etapa posterior da pesquisa.

4.2 GRUPOS DE DISCUSSÃO – A EMERGÊNCIA DAS NARRATIVAS

Desejo começar esta seção valendo-me de Hall (1997b, p. 4) quando ele diz que:

Em parte damos significado aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos conosco. Em parte damos significado às coisas através da forma como as utilizamos, ou às integramos em nossas práticas do cotidiano. [...] Em parte damos significado às coisas através da forma como as *representamos* — as palavras que usamos, as histórias que contamos acerca destas coisas, as imagens que produzimos, as emoções que associamos às mesmas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, os valores que lhes damos.

Para ouvir dos jovens pesquisados suas histórias, vivências, planos, o segundo momento metodológico da presente investigação teve por objetivo discutir com eles o que já havia sido observado por mim em momentos anteriores, o dito por eles em conversas informais, as fotografias tiradas, as respostas dos questionários e ainda muito do que eu já havia presenciado na condição de professor da escola. Após realizar uma análise do material coletado, organizei uma série de tópicos para a discussão a ser realizada em pequenos grupos. Para um melhor aproveitamento, desconsidere as entrevistas individuais previstas por mim no projeto de pesquisa, por sugestão da banca examinadora, quando da defesa do Projeto de Mestrado, que sugeriu momentos de discussão coletiva entre os jovens. Para tal tarefa, procurei me apropriar da metodologia usada nos chamados grupos de discussão.

De acordo com Wivian Weller (2006), a metodologia dos grupos de discussão começou a ser utilizada a partir dos anos 80, principalmente nas pesquisas relacionadas à juventude. A partir de um estudo preliminar do campo de pesquisa e da revisão bibliográfica da temática estudada, elaboram-se tópicos com a finalidade de estimular a discussão entre os jovens pesquisados. É importante enfatizar que um grupo de discussão não pode ser um procedimento de perguntas e respostas estruturadas, cada tópico é apenas um guia, não sendo necessário seguir a risca o que foi previamente elaborado pelo pesquisador.

Em minha experiência com tal metodologia, valorizei as conversas abertas com os alunos, principalmente as discussões que eles travavam entre eles ao longo de nossos encontros e valorizando até os momentos de descontração que também diziam muito a respeito deles. É importante também destacar que nem todas as questões previstas foram discutidas com a mesma intensidade ou na mesma ordem que as estruturei, em razão das intervenções realizadas pelos jovens.

Tal metodologia foi aplicada tendo em vista as seguintes reflexões da referida autora, que destaca as vantagens desse método principalmente nas pesquisas realizadas com os jovens. As vantagens podem ser referidas da seguinte maneira, conforme Weller (2006):

a) Os jovens, ao se reunirem com colegas da mesma faixa etária e meio social, se sentem mais à vontade para fazer uso de seu vocabulário durante o período em que o grupo estiver reunido. O diálogo entre eles reflete melhor sua vida cotidiana.

b) As discussões entre os jovens do mesmo meio social também permitem perceber detalhes do convívio entre eles, muitas vezes não sendo possível obter tais detalhes por outras metodologias de pesquisa.

c) Outro ponto importante a destacar é que, mesmo que a presença do pesquisador e o uso de um gravador possam fazer com que a conversa entre eles não seja idêntica a suas conversas cotidianas, ao longo da discussão os jovens acabam por travar diálogos muito parecidos com os que costumam travar em outros momentos.

d) O grupo de discussão exige a elaboração de um grau de abstração mais elevado do que a entrevista individual, pois os jovens são convidados a expressarem-se a respeito de determinados assuntos. Tal experiência no grupo pode

fazer com que os jovens cheguem a conclusões sobre as quais ainda não haviam pensado ou refletido no grau de abstração solicitado.

e) Como os jovens estão reunidos com outros do mesmo grupo, o grau de confiabilidade aos fatos narrados de forma coletiva é muito maior, diminuindo a possibilidade, por exemplo, de aparecerem fatos distorcidos ou histórias inventadas.

De acordo com Sandra Andrade (2008), ao entrevistar os jovens é importante valorizar as suas narrativas a respeito da memória de fatos vivenciados, devendo entender, no entanto, que os mesmos podem ser ressignificados a partir de suas novas experiências. As entrevistas não permitem conhecer a “verdade absoluta” sobre os fatos, mas são estratégias que, somada a outras, podem nos fazer compreender melhor a respeito do vivido pelos entrevistados. Em seus discursos, ao constituir representações da escola e de suas trajetórias nela e em seu entorno, os jovens vão definindo as suas identidades ao mesmo tempo em que vão constituindo-se como sujeitos.

Através das observações, escolhi e convidei alguns alunos da referida turma para organizar grupos de discussão, com a intenção de aprofundar os dados produzidos nas observações, nos questionários, nas conversas informais e colhidos nas fotografias. Para tal, foram formados três grupos, sendo realizados dois encontros com cada um deles. O critério utilizado para tal organização foi a afinidade existente entre os alunos. As discussões duraram por volta de duas horas com cada grupo, resultando em um total de mais de seis horas de gravações. Todos os encontros foram realizados na escola, em suas salas de aulas, compatibilizando meus horários de aula com os deles. Estes encontros foram realizados nos meses de outubro e novembro de 2012.

O primeiro grupo foi composto pelos seguintes jovens: Alice, 16 anos; Ana Karolina, 15 anos; Núbia, 14 anos; Kelvin, 17 anos; Pedro, 15 anos. Do segundo grupo, participaram os seguintes jovens: Eliane, Adílson e Inácio, todos com 15 anos (outro jovem havia sido convidado, mas apesar de ter demonstrado interesse não compareceu aos encontros). O terceiro grupo foi formado por: Enilda, 15 anos; Elisabete, 14 anos e Tânia, 16 anos (também neste grupo outra jovem havia sido convidada, mas não compareceu aos encontros). Estes nomes foram criados por mim como forma de garantir o anonimato dos jovens na pesquisa.

Estabeleci um roteiro de seis tópicos, para desencadear as discussões, a partir de questões que eu acreditava merecer um maior aprofundamento. Os tópicos foram:

1) O Bairro Restinga:

- O que acham de morar na Restinga?
- O que tem para dizer a respeito do bairro onde moram (características, histórico)?
- Quais são os aspectos positivos e negativos do bairro? Como percebem tais aspectos em suas vidas?

2) Lazer, tempo livre e diversão:

- Quais as formas de diversão existentes no Bairro?
- Qual a importância, para o lazer, das festas de 15 anos, dos bailes *funks* e dos pagodes? O que acontece nessas festas?
- Quem organiza as festas, com quem frequentam as mesmas, o que lá bebem?
- Quais as formas de diversão usuais com os colegas na escola?
- Que assuntos estão mais presentes em suas conversas?
- De que forma utilizam as fotografias tiradas em diversos espaços?
- Costumam sair do bairro para passear? Que programas fazem?

3) A turma da escola da qual fazem parte:

- Por que existe prazer em conversar e estar junto com os colegas da turma?
- Quais são os assuntos das conversas?
- O que fazem juntos quando não têm aula?
- Onde se reúnem para conversar, além da escola?
- Existem conflitos na turma? Quais são?

4) Preferências Musicais:

- Quais são os estilos musicais e os artistas preferidos do grupo?
- O que dizem os conteúdos das letras de tais músicas?
- Como conhecem e de que forma obtêm as músicas que escutam?
- Quais são as danças preferidas ou mais presentes nas festas que frequentam? Onde aprendem as mesmas?

5) Ensino Médio/projetos para o futuro:

- Qual o significado da formatura para vocês?
- Por que alguns de vocês não pretendem estudar na Restinga em 2013, conforme apontado nos questionários?
- Qual é o critério para a escolha da escola para cursar o Ensino Médio? - Realizam atualmente cursos profissionalizantes, em que área?
- Pensam em procurar emprego em 2013? De que forma pensam em procurar? Têm ideia sobre o tipo de emprego que querem?

6) Moda (localizada principalmente pela análise das fotos tiradas durante as observações ou presentes nas redes sociais dos alunos):

- Quais os significados das poses, dos gestos presentes nestas fotografias?
- Onde compram suas roupas?
- Quais as marcas mais usadas, onde se inspiram para tal?
- Como a questão econômica interfere nestas escolhas? Como escolhem seus cortes de cabelo?

- Os grupos a que pertencem influenciam em tais escolhas? (Diário de Campo, 23 de outubro de 2012).

De acordo com Stecanela (2010), para identificar os estilos dos jovens da escola, é preciso também “sair” do ambiente escolar para conhecer melhor suas culturas, pois as identidades juvenis são construídas conjuntamente com experiências proporcionadas pela escola, suas dinâmicas e seu entorno. Para a autora, mesmo que os jovens da periferia estejam submetidos a diversos tipos de estigmatizações, tais jovens “[...] processam aprendizagens para além da escola, estabelecendo um diálogo silencioso com as aprendizagens formais” (2010, p.26). Esta “saída da escola” foi proporcionada por meio das narrativas expressas nos grupos de discussão propostos. Quero me valer das palavras da autora referida quando diz que:

As narrativas dos jovens deste estudo constituem a matéria-prima do conhecimento construído no campo da investigação. Suas palavras são tomadas muitas vezes como metáforas para a constituição de categorias analíticas ou mesmo para aprofundamentos teóricos (STECANELA, 2010, p. 37).

Após os encontros, realizei as transcrições dos áudios gravados. Após muitas leituras do material transcrito e das inúmeras vezes que escutei nossos encontros, sistematizei e classifiquei os dados produzidos nas discussões em quatro unidades de análise, agrupados em função das recorrências e destaques que os mesmos ganharam ao longo das conversações nos três grupos trabalhados. Tais unidades também foram elaboradas levando em consideração o material produzido nas outras etapas de pesquisa (observações, questionários e fotografias). Mesmo que a realização de grupos de discussão não possa ser considerada uma ferramenta específica da etnografia, valho-me das afirmações de Andrade (2008, p. 26), para também justificar minha investigação como de inspiração etnográfica:

[...] da viagem empreendida ao campo de pesquisa, das experiências vividas, das proximidades e distanciamentos, das familiares e estranhamentos que foram traçando o percurso da investigação, é que permito assumir a construção do *corpus* da pesquisa como de inspiração etnográfica.

As referidas categorias de análise são a seguir descritas e serão desenvolvidas no capítulo seguinte deste trabalho.

A primeira unidade de análise intitulada “*Folgações e Violências*” foi formulada em função das narrativas dos alunos acerca do fato de morar na Restinga, com ênfase na forma como eles classificam, através de gozações, quem mora em determinadas localidades do bairro, levando em conta também suas preocupações com a questão da violência e do tráfico de drogas, que interferem muito no modo como vivem a sua juventude.

A segunda unidade de análise, intitulada “*Moda entre os jovens na periferia*”, foi organizada a partir dos estilos dos alunos manifestos em seus cortes de cabelos, nos modos de vestir e nos artefatos que utilizavam em seus corpos. Tais narrativas foram produzidas a partir das fotografias comentadas pelos próprios jovens pesquisados.

A terceira unidade de análise foi denominada “*Cenários musicais juvenis*” e destaca as músicas prioritariamente escutadas pelos jovens, levando em conta suas narrativas. Destaca a importância de uma série de eventos que ocorrem no próprio bairro e que estão intimamente relacionados com a música: os bailes *funks*, os pagodes e os ensaios na escola de samba.

A quarta unidade foi denominada “*Jovens alunos pensando em seu futuro*” e se ocupou das narrativas dos projetos de futuro dos jovens, do que pretendiam para o ano de 2013 em relação a futuros estudos e trabalhos levando em conta que em razão de estarem concluindo o Ensino Fundamental estavam ingressando em uma nova etapa de suas vidas.

5. ESTILOS JUVENIS EM QUESTÃO – NARRATIVAS DE ALUNOS DE PERIFERIA

Este capítulo dedica-se à apresentação e discussão das quatro categorias de análise delineadas no capítulo anterior. Cada seção se ocupará de uma das categorias e para salientar as falas ou expressões utilizadas pelos alunos, informo que tais falas estarão escritas em itálico e entre aspas. Na maioria das vezes em que fizer uso de suas falas mencionarei qual dos jovens a proferiu.

5.1 VIVENDO NA RESTINGA ENTRE “FOLGAÇÕES” E VIOLÊNCIAS - “A GENTE SE DÁ SÓ COM AS PESSOAS DO BEM”

Para grande parte dos jovens que moram nas grandes cidades, conforme Novaes (2006), um dos aspectos importantes que caracterizam o modo como vivem sua juventude é o local de moradia. Conforme a referida autora, o endereço onde vivem tais jovens “[...] abona ou desabona, amplia ou restringe acessos” (NOVAES, 2006, P. 106). Os jovens da periferia têm que lidar com a possibilidade de serem discriminados pelo seu endereço. Por morarem na Restinga, existe para os sujeitos desta pesquisa tal possibilidade.

Nessa perspectiva, conforme Duschatzky (2008, p.31), “[...] os relatos sobre o bairro guardam muitas vezes uma imagem idealizada e outra de repúdio”. Os pontos de referência da Restinga nem sempre remetem à existência de harmonia ou felicidade, mas constituem as identidades dos jovens que lá residem. Conforme a referida autora, o bairro pode definir para seus jovens habitantes um conjunto de possibilidades e limitações cujo conteúdo é ao mesmo tempo espacial e social.

Uma das características dos alunos pesquisados era a realização frequente de brincadeiras entre eles, feitas com o objetivo de satirizar os colegas que moravam em localidades conhecidas pela pobreza ou tráfico de drogas no bairro, estigmatizadas no local como áreas inferiores. Quem morava em tais endereços virava alvo então de gozações, ou “*folgações*”, conforme eles próprios denominavam tais atos. Não é mera coincidência que o local da Restinga conhecido como *Rocinha* tenha o mesmo nome da favela carioca conhecida pelo narcotráfico. Já o *Cantão* é

conhecido pelos jovens como o local mais afastado e conhecido também por sua pobreza.

Os alunos faziam menção também ao *Beco da Morte*, conhecido pelas mortes e violências e ao *Beco do Mijo*, porque diziam que ali existiam famílias com padrão de vida precário e onde haviam crianças com tal odor. Em relação a morar na *Quinta Unidade*, umas das localidades da Restinga, a precária estrutura existente na referida localidade acaba sendo motivo de gozação para quem mora lá. Em nossas conversas, os jovens fizeram os seguintes comentários a respeito do local, havendo inclusive diversos exageros em suas afirmações:

Adílson: Então se tu mora na Quinta, **tu pediu para ser folgado!**

Eliane: *Dizem que não entra carro lá, essas coisas assim, que não tem ônibus para lá. Folgam de tudo que é jeito.*

Adílson: *Que lá não tem asfalto.*

Eliane: *Que é lixão.*

Apesar de tais brincadeiras, os jovens pesquisados têm bastante clareza sobre o fato de viverem em um contexto semelhante ao de muitos outros jovens da Restinga por isso podemos dizer que “[...] o estigma cria repulsa e exclusão, mas recria também sentimentos de pertença e de inclusão entre os que se sentem estigmatizados” (PAIS, 2008b, p. 218).

É preciso ressaltar que tais “*folgações*” ganhavam significado de brincadeira quando realizadas entre os jovens da turma estudada, mas que podiam ganhar outros significados e até provocar conflitos quando realizadas em outros contextos, com outras pessoas. Para os sujeitos pesquisados, discriminações e brincadeiras andavam lado a lado.

Os jovens também fizeram referência às representações sobre as diferenças entre morar na Restinga Velha e na Restinga Nova. Conforme já abordado no presente trabalho, esta hierarquização entre as duas Restingas tem importância no cotidiano dos jovens sujeitos da pesquisa. Nesse sentido, conforme Stecanela (2010, p. 113), “[...] os lugares físicos constituem-se em ‘territórios’ da expressão cultural juvenil nos quais os jovens constroem identidades e praticam sociabilidades”. Em tais territórios, os jovens atribuem significados às vivências realizadas no bairro.

De acordo com algumas garotas, como Elisabete, Tânia e Enilda, morar na Restinga é para elas muitas vezes um impedimento para a realização de programas

noturnos, face às preocupações de seus pais. Seus locais de diversão e encontro, ainda que diurnos, acabam quase sempre realizados na Restinga Nova, pois dizem que na Restinga Velha elas não encontram estabelecimentos ou locais apropriados. Os locais para encontros na Restinga Velha se restringem às casas de suas amigas, onde muitas vezes programam-se para passar a noite, quando conseguem autorização dos pais. Estes pais, ante esta possibilidade, se sentem mais seguros, pois também conhecem os pais das amigas das filhas e com eles se relacionam.

As falas das garotas referidas no parágrafo anterior fazem, algumas vezes, uma idealização da Restinga Nova, ao afirmarem que lá não há problemas e localidades associadas ao domínio de gangues, sendo, portanto, um território livre de problemas como os existentes no Cantão e na Rocinha, situados na Restinga Velha. Além disso, dizem que em função da aparência das casas e da organização das ruas, a Restinga Nova teria uma estrutura melhor para morar. Dizem também que os moradores da Restinga Nova se “*acham os melhores*”, pois se sentem superiores aos da Restinga Velha. Um dos rapazes de outro grupo de discussão, morador da Restinga Velha, expressou sua opinião a esse respeito com a seguinte fala: “*O pessoal da Nova acha que somos metidos, somos bandidos. E a gente pensa a mesma coisa deles*”.

Enquanto as referidas jovens diziam se sentir mais seguras pelas ruas da Restinga Nova, jovens de outro grupo de discussão tinham uma compreensão diferenciada a esse respeito. O seguinte exemplo demonstra essa compreensão: em uma hipótese de assalto, ao pedir socorro na Restinga Nova “*se tu gritar ninguém te ajuda. Aqui na Velha não, se tu gritar, todo mundo vai pra rua para ver o que é*”. Kelvin afirmou que um dos aspectos positivos da Restinga é a união das pessoas, predominando um sentimento de maior solidariedade entre a população: “*Aqui não tem assalto. Eu posso andar por onde for, mas eu nunca fui assaltado aqui. Aqui eles respeitam, valorizam mais o pessoal que mora na Restinga. Na minha rua ninguém assalta, eu posso deixar a bicicleta na rua, que ninguém rouba*”. Para jovens como Kelvin e Pedro, na Restinga Velha problemas como assaltos, intimamente ligados à questão da violência urbana, não chegam a ser tão preocupantes.

Nesse sentido, é feita uma comparação da Restinga com outros bairros de Porto Alegre, onde um dos rapazes diz se sentir mais seguro “*andando pela Tinga, no lugar onde for, que em outros lugares. Ipanema, por exemplo. Roubam muito lá,*

muito mesmo. E lá é bairro de rico, bem dizer. E aqui num lugar de vila, não tem muita gente roubada". Essa fala, bem como outras geradas por eles defendendo que a violência ocorre em *"tudo que é lugar"*, reforça ainda mais o sentimento de pertencimento à Restinga. No diálogo abaixo, um dos grupos de discussão debateu essas questões e suas implicações para a vida deles na escola e no bairro:

Pesquisador: Como é que vocês percebem essa questão da violência no bairro? Como ela repercute na vida de vocês?

Pedro: Acho que a gente até se acostumou, né? No caso, temos só que cuidar com quem a gente anda e com quem a gente mexe. Tem que cuidar só o que a gente fala.

Kelvin: Cuidar para quem fala.

Pedro: Para quem fala e onde anda.

Kelvin: E não se envolver. Cada um, cada um. Mas, só teme a criminalidade quem deve. A gente não deve e a gente não teme.

Conforme Novaes (2006, p. 111), os medos dos jovens com relação a uma suposta *"violência e criminalidade"* presentes no bairro podem ser analisados frente à generalização de "[...] um sentimento de vulnerabilidade dos jovens frente à morte". Nesse sentido, é importante o depoimento de Gilberto Velho (1996, p.18), quando afirma que nos últimos anos nas periferias urbanas houve a multiplicação de grupos compostos por jovens envolvidos no tráfico de drogas "[...] que passaram a exercer, em muitos casos, um controle efetivo sobre essas áreas da cidade". Além da presença de armas com os jovens de tais agrupamentos, estes com elas *"exercem seu poder e travam verdadeiras guerras com seus competidores"*. O diálogo abaixo representa tal situação vivida pelos jovens pesquisados:

Adílson: Uma vez eu acordei, minha casa é numa esquina. Na esquina ali tem uns traficantes, daí uma vez veio um carro e eles passaram assim a milhão e pararam bem naquela esquina e começaram a atirar e depois saíram. Tem muitas vezes que eles avisam antes os moradores do que vai acontecer...

Eliane: No beco onde eu moro, ano passado ou retrasado, sempre invadiam, mas daí eles botavam nos postes, tipo uns papéis assim, aqui perto aqui, né, no supermercado eles botavam. Um dia o meu pai tava indo comprar, depois aí quando viu tava todo mundo falando que iam invadir o meu beco [...] Eles botam anúncio para avisar as crianças e eu estava na rua, com as minhas amigas, daí quando viram vem um monte de cara armado, usando toca, mandaram as crianças sair e deram bastante tiros assim na casa da minha amiga.

Adílson: E aí tu pensa como é que fica a cabeça das pessoas depois que veem esse massacre, uma chacina.

Pesquisador: Teve morte mesmo?

Eliane: Sim, teve. Eles aqui da esquina estavam atirando lá para baixo e tinha um monte de criança na rua, era movimentada, aí morreu um monte de gente ali da minha rua, agora está fraco o movimento: uns foram presos, outros morreram. Morreu ali uns dez dos guris, já.

Se não chega a haver a presença de um sentimento de “[...] medo da morte [...]” por parte deles (NOVAES, 2006, p. 110), os jovens demonstram preocupação e até inconformidade com o que vem ocorrendo no bairro, pois muitos jovens conhecidos deles e que moram próximos das suas casas estão perdendo a vida no contexto da violência urbana. Não é um fenômeno que ocorre distante deles, muito pelo contrário. Conforme Duschatzky (2002, p.29), “[...] o imaginário da insegurança é um sentimento, uma sensação que tem a rua como epicentro”. É importante salientar que os constantes tiroteios no entorno da escola no ano de 2012, muitas vezes os afastaram da normalidade de seus cotidianos. Comentaram também que a frequência com que ocorrem tiroteios na Restinga faz com que eles eventualmente deixem de sair de casa e até mesmo de vir para a escola. O que não significa que tal sentimento faça com que deixem de lado momentos de diversão e saídas pelas ruas e becos do bairro, necessitando sim mais precaução por parte deles ao escolher por onde andar. Afinal, no espaço urbano para Stecanela (2010, p. 118) o “[...] mundo da rua” é um elemento importante para a socialização de tais jovens, pois é onde costumam dar suas “*bandas*”, permanecer nas esquinas ou em frente à escola, atividades muito valorizadas por eles. De um modo geral, para as garotas é mais difícil conviver com esse problema da violência do que para os rapazes, em suas falas elas demonstraram mais preocupação com isso, principalmente quando mencionavam o fato de sair à noite.

Em alguns casos, conforme Adílson, pertencente a outro grupo de discussão, os jovens das gangues “*acham que tu é envolvido ou embolado com eles*”, o que os impede muitas vezes de transitar livremente por algumas áreas da Restinga. Tais indivíduos os abordam para verificar se moram naquela localidade caso não os conheçam de vista. Acrescentavam ainda que se tivessem algum parente envolvido em atividades criminosas, também era possível que isso interferisse em seus cotidianos: “*Tu podes ser trabalhador, mas primo daquele que é traficante, que é barrado, daí eles podem te pegar por causa disso*”. Para eles todo o cuidado é pouco, ao transitar pelos diferentes territórios do bairro.

Outra discussão ocorrida nos grupos relacionou-se com a denominação e práticas dos grupos conhecidos como bondes, em razão de seus comentários a respeito da violência no bairro. Segundo Amaral (2011, p. 89), pode-se dizer que o bonde é uma “realidade frequente no cotidiano dos jovens da periferia, constituindo-se como um grupamento juvenil”. Conforme o referido autor, tal grupamento envolve-

se “em disputas de território com outros bondes, o que culmina em confrontos e desavenças entre seus diferentes membros, e não raras vezes, resolvidos através de ações violentas” (AMARAL, 2011, p. 89).

Para alguns jovens, o bonde teria ligação com aspectos relacionados à violência, à vinculação com o “tráfico pesado”, sendo que os seus componentes “matam e roubam” em função disso. Em alguns momentos, também utilizam o termo “ganguê” para se referir a tais grupos. Em suas narrativas, ao salientar que algumas localidades do bairro receberam denominações com o nome de gangues que “entraram para a história do bairro”, mostra compreenderem a questão da violência e da presença desses grupos como uma questão histórica na região. Os jovens destacaram a existência de lideranças e rivalidades entre bondes, muitas vezes relacionadas ao tráfico de drogas. Os becos são muitas vezes apelidados em razão das gangues e bondes existentes no local. E citam uma diversidade de nomes de grupos que se confundem com nomes dos lugares: “Os MD, Os Carro Velho, Os Marianos, Os Miltons, Os Alemão, Os Rocinha, Os Cantão, Os Pé Preto, Os Beco do Mijo, Os Quinta, Os Beco dos Paredão, Os Buraco Quente”. Dizem que em alguns casos repetem esses nomes porque é algo corriqueiro no bairro.

É importante verificar o que nos diz MC Jean Paul (2009) em entrevista a respeito do uso da expressão bonde. Explica que na prática o uso de tal expressão, associado a práticas ilícitas, acabou por estigmatizar também o *funk*, estilo musical preferido de muitos dos jovens pesquisados. De acordo com o autor:

:

O bonde substituiu a palavra ‘ganguê’. Mas temos que separar bem isso. O bonde, no *funk*, é o grupo de dança: a partir de três pessoas já se forma um bonde. Só que começaram a empregar essa palavra para qualquer formação de grupo nas periferias. E então acabaram associando, na mídia, a palavra bonde às gangues, aos grupos de pichadores (MC JEAN PAUL, 2009, p. 74).

Para os alunos, em outro momento de suas falas, os bondes corresponderiam aos grupos formados por jovens que se reuniam no bairro ou fora dele para pichar, brigar com outros grupos próximos a *Shoppings Center* ou nas festas realizadas no bairro, principalmente em bailes *funks*. Sobre a existência de conflitos entre os diferentes bondes, disseram que na maioria das vezes as brigas começavam geralmente envolvendo somente um elemento de cada grupo e depois é que se ampliavam para os outros membros: “afinal ninguém quer ver teu amigo ali

apanhando de um monte de guris". No meio de tais brigas, portanto, havia solidariedade entre jovens do mesmo grupo.

Três jovens disseram ter feito parte de bondes: Kelvin, Pedro e Eliane. De um modo geral, os rapazes afirmaram andar ainda acompanhados dos mesmos grupos, pois mantinham boa parte daquelas relações. Conforme Pedro, andar em um bonde era algo do que ele foi adepto "*bem na antiga*", que para ele seriam nos anos de 2010 e 2011. Tal situação pode ser vista como um exemplo de uma diferença geracional. Enquanto eu, pesquisador, entendia que o bonde era um temática recente e importante de ser abordada, para o referido rapaz de 15 anos era uma prática que por ter sido realizada e abandonada há dois ou três anos era "*coisas do passado*".

É importante comentar que os rapazes não ficaram à vontade para falar sobre este assunto. Nos momentos em que isso foi discutido, foi a participação das garotas que os levou a falar. De um modo geral, levavam para o terreno da gozação e da brincadeira. Como costumavam "*folgar*" com os bondes existentes no bairro, talvez não desejassem se *folgados* por suas colegas no momento da reunião do grupo. Também não posso deixar de comentar o fato de que tais grupamentos foram muito reprimidos pela ação policial, como divulgado pela mídia¹⁴, e que talvez eles tivessem passado por alguns problemas nesse sentido. Como os motivos pelos quais os convidei para participar da pesquisa eram outros (enfatizei muito a questão da música, da moda, das festas), e como não falavam espontaneamente sobre sua participação em bondes, optei por não aprofundar o assunto com eles.

Eliane foi a aluna que se dispôs mais a falar sobre o assunto, afirmando que ficou conhecida no bairro em função do bonde a que pertencia. Contou que se envolveu em uma briga na rua, afirmando que só não foi levada ao DECA¹⁵ devido ao fato de uma amiga ter omitido seu nome, pois a garota tinha medo da reação do seu pai quando soubesse do seu encaminhamento ao referido órgão. Ela definiu assim o seu grupo: "*Agora não é mais o meu bonde porque a gente cresceu*". Apesar da briga, afirmou ter sido esta uma exceção. Ela e suas amigas formaram tal grupo para brincar no beco em que moravam, dançar juntas nas festas, caminhar pelo bairro. Construíam suas relações, na maioria das vezes, no "mundo da rua",

¹⁴ Uma importante reportagem sobre o assunto veiculada na mídia de Porto Alegre encontra-se no Jornal Diário Gaúcho: <http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia/2010/03/bondes-o-primeiro-passo-da-violencia-2829831.html>. Acesso em 24/07/2013.

¹⁵ Sigla do Departamento Estadual da Criança e do Adolescente, ligado à Polícia Civil (RS).

como referido anteriormente. Os três jovens referidos se diziam também “*folgados*” por seus colegas pelo fato de terem pertencido a tais grupos, mas pelos mesmos motivos também “*folgavam*” entre si.

O termo bonde também encontra outros significados e práticas nas falas dos jovens. A denominação de bondes para alguns não se resume à relação com a violência e ganha outros significados em seus cotidianos, conforme podemos notar no diálogo abaixo:

Pesquisador: O Bonde também é um grupo de Funk?

Kelvin: É, tem vários tipos de Bondes, bem dizer é um grupo, não é diretamente crime ou criminoso. Tem o Bonde do EuroFunk, que são dançarinos.

Alice: Tem o Bonde das Maravilhas, que é um grupo de meninas que dançam Funk. Não significa, especificamente, que é criminoso, que é o que vai sair pra pichar.

Pesquisador: É um grupo que se reúne...

Alice: É isso.

Pesquisador: Alguma afinidade o pessoal tem, se reúne e chama de Bonde?

Ana Karolina: Às vezes se reúne para o bem, às vezes para o mal.

Também é importante comentar que alguns alunos denominam de bonde o grupo de colegas da escola com quem mantêm maior vínculo, pelo fato de passarem juntos boa parte do tempo: “*Meu bonde é quem anda comigo*”, disse uma das garotas. É com tais colegas que realizam uma boa parte de seus programas fora da escola. Tal vínculo faz com que a escola seja um lugar importante para juntos escutarem e compartilharem músicas, jogarem vôlei e/ou futebol, conversarem, brincarem, “*folgarem*”.

O diálogo a seguir ajuda a perceber certa ambiguidade quando os jovens se referem ao fato de alguém pertencer a um bonde. Ao utilizarem tal expressão, nem sempre sabemos com exatidão ao que estão se referindo:

Pesquisador: Eu entendia que Bonde era algo relacionado ao tráfico, por exemplo.

Adílson: Não. Bonde da gente é tipo um elenco, anda junto.

Pesquisador: É um grupo de amigos, que andam junto e se dá o nome de bonde?

Adílson: Não necessariamente, também tem essa coisa de criminalidade que eles fazem. Tudo que tem grupo de pessoas é um bonde.

Para os jovens pesquisados, os moradores de outros locais da cidade os denominam muitas vezes de “*maloqueiros*”, muitas vezes pelo fato de pertencerem aos grupos denominados bondes. Ao mesmo tempo, dizem também ser necessário levar na brincadeira os preconceitos sobre quem mora na Restinga. Nesse sentido, é importante destacar que muitas vezes a Restinga é vista pejorativamente por

moradores de outros bairros de Porto Alegre ou provenientes de outras classes sociais. Os jovens de periferia são vistos por grande parte da população de bairros não periféricos como “desocupados, violentos e perigosos” (BRUNEL, 2006, p.114). A referida autora menciona a existência de um olhar negativo em relação à juventude proveniente dos bairros populares ou das periferias urbanas, o que é característico da visão de uma sociedade marcada em sua história por relações de dominação e exclusão.

Esta forma de levar os preconceitos na brincadeira pode ser exemplificada quando em uma de nossas discussões, um dos rapazes caracterizou o seu grupo bem como a si mesmo com essas expressões: “*Meu bonde era de maloqueirinhos, bem dizer, pichadores. O bonde é o juvenzinho querendo entrar no mundo do crime*”. Ao mesmo tempo, dentro do grupo todos concordavam em um ponto: “*A gente se dá só com as pessoas do bem, que é o nosso grupo aqui*”. Associam bondes com crimes, mas ao mesmo tempo em que reconhecem pertencer a esses grupos, dizem-se afastados de tais atividades criminosas. Os jovens em questão não dão importância aos estigmas e denominam de bonde o nome de seus grupos de colegas na escola.

Conforme Pais (2008b), podemos dizer que os elementos discriminatórios estão inseridos em um processo comunicacional, o que nos leva a dizer que:

Dado o caráter relacional da estigmatização, e uma vez que os estigmatizados não têm condições de retaliar em termos estigmatizantes equivalentes, que fazem? Frequentemente usam o feitiço do estigma contra os feiticeiros que o produzem. Os referentes associados ao estigma – como os da violência – podem ser assumidos por alguns jovens que, por exemplo, frequentam uma escola que os olha de lado [...] O confronto pode emergir como traço identitário, mesmo no domínio do lazer e das brincadeiras de escola e de rua (PAIS, 2008b, p. 247)

Nesse sentido, os alunos usavam o linguajar como forma de ironia e também de forma debochada se intitulavam da mesma maneira que diziam ser preconceituosa, no caso da expressão “*maloqueirinhos*”. Ao mesmo tempo, procuravam se diferenciar dos jovens do bairro envolvidos em práticas ilícitas (pois se denominam como “*pessoas do bem*”). Tais falas, aparentemente contraditórias, são utilizadas pelos jovens para se autodefinir. É importante lembrar neste momento das Vilas de Malocas, como já referido neste trabalho, forma como ficou conhecida a

Restinga nos primeiros anos de sua fundação em razão das moradias instaladas ali. O estigma vem de longa data.

A formação de diferentes grupos juvenis na Restinga Velha, tendo em vista o histórico do bairro e as divisões lá existentes, me leva a pensar que tais jovens procuram outros semelhantes para estarem juntos. Ao mesmo tempo, é preciso referir que em suas práticas culturais, os jovens transitavam entre as duas “Restingas”, ultrapassando suas “fronteiras”, não deixando de manifestar seus estilos e não escondendo suas origens enquanto moradores do bairro. A questão essencial é que, mesmo com todos os preconceitos e perigos possíveis, demonstraram gostar e valorizar o lugar em que viviam em função dos vínculos sociais existentes e das possibilidades de lazer que o bairro oferecia.

5.2 A MODA ENTRE OS JOVENS NA PERIFERIA – “UMA MINA QUE USA UM ALL STAR FAZ TODA A DIFERENÇA NO MUNDO”

As narrativas dos jovens apresentadas a seguir deram-se nos grupos de discussão, quando a partir das fotografias tiradas na escola no período das observações, puderam conversar entre si a esse respeito. O objetivo aqui não é apresentar uma descrição detalhada das fotografias, mas expor o que eles tinham a dizer a partir de um conjunto de tópicos sobre a temática da moda. Conforme Feixa (1999), a moda é um elemento importante na definição dos estilos juvenis. Os referidos estilos juvenis caracterizam-se por diversos elementos estéticos como cortes de cabelo, vestimentas, acessórios, entre outros, que dão visibilidade aos jovens ao demarcar diferenças em relação aos adultos e a outros jovens. Os jovens atribuem significados próprios aos elementos estéticos que utilizam em seus corpos.

Nesse sentido, podemos argumentar, de acordo com Pais (2006), que através dos investimentos dos jovens em suas imagens corporais existe uma contribuição para a construção das identidades juvenis, conferindo-lhes uma expressão simbólica de poder. Para o autor, “os jovens não são só possuidores de um corpo como eles próprios são um corpo, e por isso o simbolizam quando vestem” (PAIS, 2006, p.19), sendo que as formas de simbolizá-lo podem variar de acordo com os locais onde estão. Os jovens adotarão certamente diferentes roupas para ir à escola ou a um

baile *funk*, por exemplo. O que, no entanto, não chega a ser uma regra, podendo tal forma de expressão ser diferente para rapazes e garotas. Para os rapazes, roupas usadas na escola como bermuda, camiseta e boné poderiam ser utilizadas também em tais bailes. Para eles, era aceitável frequentar os bailes até mesmo sem camiseta. Já as garotas rejeitavam a possibilidade de ir com a mesma roupa usada na escola a uma festa. Segundo uma delas: “*Tem que saber variar. A escola é um lugar pra estudar e o baile funk é um lugar para se divertir. Então tu não vai com a mesma roupa para um baile funk e para o colégio. É diferente*”. Elas argumentavam, por exemplo, que não viriam para escola como iriam vestidas para um baile *funk*, usando salto alto, *short* curtinho ou certos tipos de vestidos.

Entendo que a forma de simbolizar o corpo, conforme referido por Pais (2006), pode variar de acordo com as condições sociais e econômicas dos jovens. A situação de viver na periferia também possibilita que as “*folgações*” entre eles sejam realizadas também em razão das roupas utilizadas. Foi afirmação de um dos jovens: “*Se aparecer alguém que não usa uma roupa de marca, ou se tua roupa estiver um pouco rasgada ou até mesmo com cheiro, vão dizer que tu mora no Beco do Mijo, no Buraco Quente, na Rocinha*”. Ou seja, associam-se tais roupas com os locais de moradia estigmatizados pela pobreza ou precariedade, conforme já mencionado na seção anterior.

Uma das jovens pesquisadas, Núbia, destacou que a sua maneira de vestir estava condicionada pela situação econômica de sua família. Sobre o seu estilo de vestir, ela comentou: “*Eu me definiria do jeito que a minha mãe tem dinheiro para me vestir*”. Ana Karolina também mencionou que para possuir determinado acessório depende muito de sua mãe ter condições financeiras para lhe dar. Muitas vezes o interesse por determinadas marcas ou acessórios, deve-se ao fato de que outros jovens já estão usando-os, o que, às vezes, gera um sentimento de exclusão do grupo quando não os possuem. A mesma garota comenta que os jovens muitas vezes “*incomodam*” seus pais, forçando para que eles adquiram para eles um “*tênis caro*” no valor entre 400 a 600 reais, que segundo eles poderia ser um tênis da marca *Nike*.

Conforme Pais (2003, p. 122), os investimentos visuais em “boas ‘marcas’”, funcionam como uma garantia de “*status*” entre os jovens. Nesse sentido, Ana Karolina acrescentou, durante a discussão, que quem não tem tal tipo de tênis, por exemplo, acaba sendo “*folgado*” pelos colegas, pois ao usar um tênis barato, o

mesmo acaba recebendo apelidos depreciativos entre eles como “*X-Dog, Cachorro Quente ou Bigodão do Negão* (em referência a um local de venda de cachorro-quente no bairro)”. Tais apelidos devem-se ao fato dos baixos preços do referido produto. Outra situação comentada foi que quando um jovem faz uso de um tênis que os outros consideram feio, o mesmo recebe a denominação de “*chupetão*”, que são os tênis considerados por eles como “*feios, coloridos, grandes, gordos e que já saíram de moda*”.

É importante salientar que foi destacado que ao saberem que determinado jovem utiliza um tênis caro, tal objeto ou mesmo o jovem não receberão nenhuma *folgação* por parte dos demais, ainda que o mesmo seja considerado um produto feio. Sobre isso, diz Pedro: “*Tu compras tênis caro e é feio... ‘Os nego’ vão folgar no teu? Ninguém vai folgar, ‘os nego’ sabem que é caro. E ‘os nego’ vão olhar e ainda vão dizer: - bah, que tênis tri!*”. O mesmo jovem, em relação aos bonés que utiliza, destacou haver “*diferença para o boné comprado no camelódromo ou no shopping*”. Sua opção tem sido por comprar neste último local, pois ali estariam os bonés de marca e também cobiçados por muitos jovens. Apareceram nestas colocações os dois extremos existentes para estes jovens no que diz respeito ao modo de vestir: ou comprar no Barra Shopping, um grande shopping na zona sul de Porto Alegre ou no Camelódromo, centro popular de compras localizado no Centro Histórico de Porto Alegre.

Outra das características aparecida nas falas dos jovens foi a utilização da ironia na denominação de “*estilo maloqueiro*” quando o seu modo de vestir era caracterizado por roupas mais baratas ou mais comuns, compradas no comércio popular (o camelódromo em Porto Alegre, por exemplo). Afirmaram que muitas vezes andam de “*qualquer jeito*” e que um dos locais escolhidos para isso era a escola, pois não sentiam necessidade de se produzir muito para comparecerem às aulas. Sobre esta colocação, Pais (2003, p. 122) afirma que “mesmo no trajar descuidado, os jovens acabam por serem portadores de sinais distintivos de classe. Em qualquer dos casos, os jovens elaboram estratégias e táticas para mobilizar a sua aparência corporal”. Uma forma adotada pelos jovens pesquisados para evitar qualquer “*folgação*” dos colegas era o uso da ironia sobre si mesmo.

Outra questão importante a ser destacada foi a constatação de que alguns jovens mantinham vínculos com grupos culturais no bairro, inclusive na própria escola em que estudavam. Quando estão reunidos com tais grupos, adotam um

modo de vestir que não são necessariamente refletem suas próprias escolhas. Podemos citar o exemplo de Tânia, que participa de um coral de uma igreja na Restinga que em seus ensaios e apresentações possuem diversos uniformes.

Com relação aos referidos uniformes, salientou utilizá-los apenas “*da casa para paróquia e da paróquia para a casa*” e que não cogitava de maneira nenhuma comparecer na escola com tal vestuário, pelas possíveis brincadeiras e piadas que ouviria, principalmente de Kelvin, seu colega. Ao mesmo tempo comentou, a respeito do referido colega, que ele não tinha autoridade para fazer tais brincadeiras, pois participava de um grupo de danças folclóricas na escola e que então também usava uma vestimenta padronizada. Afirmou em um tom irônico que Kelvin “*anda com aquelas roupinhas*”. Os motivos das “*folgações*” não são em razão da participação nas instituições ou grupos referidos, mas em função dos uniformes usados, possivelmente porque tais vestimentas não seguem o padrão das “boas marcas”, aquelas dos preços altos e que dão *status* e também, possivelmente, por não serem escolhidas pelos jovens, mas pelos adultos que coordenam tais grupos. Ou mesmo por não representarem os visuais mais corriqueiros dos jovens de um modo geral.

Alguns jovens escolhiam as suas roupas de modo a serem aceitos pelos grupos de sua convivência. É preciso comentar também que se impressionam com a utilização de marcas famosas por outros jovens, valorizando tal ostentação e selecionando suas relações a partir de tal critério. De acordo com Pais (2003), o vestuário atua como um elemento de integração grupal entre os jovens. Podemos perceber isso no diálogo abaixo:

Pedro: Uma mina faz diferença, uma mina que usa um All Star ou usa um tênis tipo Air Max ou usa um Nike Shox. Faz toda a diferença no mundo, sor.

Ana Karolina: Nada a ver.

Pesquisador: Que diferença é essa, por exemplo?

Pedro: Toda a diferença, sor! Bah... Sei lá! Tu vê a mina com um **chupetão** no pé, daí tu não vai querer pegar a mina.

Ana Karolina: (dirigindo-se à Pedro) Por que tu não vai querer pegar a mina com o chupetão? Porque todo mundo vai **folgar** em ti por causa disso.

De um modo geral, existe o desejo por parte dos jovens “a um reconhecimento ante os demais” (PAIS, 2006, p. 18). Duas garotas, Elisabete e Tânia, afirmavam apreciar produtos mais caros quando se trata de se vestirem para uma festa. Para a cerimônia de formatura, por exemplo, desejavam vestidos que custavam aproximadamente 200 reais. Eliane expressou assim um desejo seu: “*Eu*

queria vir na aula com o vestido da minha festa de quinze anos, no outro dia. Minha mãe não deixou". Outra maneira usada pelos jovens para chamar a atenção tem sido a utilização de óculos escuros em sala de aula. Tal procedimento é “*fera*”, conforme um dos rapazes, ou seja, é característico da “malandragem” e costuma despertar a atenção dos outros de uma maneira positiva.

O fato de usarem óculos escuros tem, segundo os jovens, diferentes motivações. Uma das garotas disse que fazer tal uso em sala de aula depende do professor, pois alguns mandam tirar e guardar. Disse ainda que eventualmente utiliza-os em aula para esconder a cara de sono, ocorrendo tal fato quando acorda tarde, quase no horário de entrada da escola. Suas palavras sobre usar os referidos óculos em sala de aula foram: “*Quando eu estou com muito sono, sabe? Daí eu boto e fico dormindo*”.

Outro aspecto importante em relação aos estilos juvenis é a relação existente neles entre a música e a moda. Nesse sentido, é importante salientar, ainda conforme Garbin (2009, p.13) que “[...] alguns jovens em salas de aula usam um tipo de roupa que corresponde a um estilo musical que vêm consumindo no momento”. O que predominava nos visuais de alguns rapazes do grupo eram roupas conforme os estilos musicais do *funk* e do pagode. Ao falar sobre a utilização de bonés e camisetas de clubes de futebol, característica também da vestimenta dos rapazes, Pedro afirmou que tal prática se denomina “*estilo de bonde*”. Outros jovens eram pagodeiros e faziam uso de tênis “*All-star, boné e calça saruel*”. Sobre suas preferências, disse: “*têm dias que eu gosto de vir de pagodeiro, às vezes de vir de bonde, sei lá, depende do clima, eu acho*”. Como afirma Garbin (2009, p. 17): “[...] não se pode esquecer que somos e sempre seremos híbridos, misturados em nossas preferências de consumo cultural”.

Sobre a utilização de correntes por parte dos rapazes Ana Karolina explicou que uma música do MC Felipinho e do MC G7, no estilo *funk*, popularizou entre os jovens o fato de se usar o pingente de São Jorge, pois sua letra fazia referência a ele: “*vira em zóio com cordão com o pingente de São Jorge*”. No momento de nossa discussão no grupo um dos rapazes, o Pedro, usava tal pingente. É importante salientar que é possível estabelecer relação de algumas letras dos *funks* que falam de marcas famosas e o desejo dos alunos de usar bonés importados e calçar tênis de preços caros, entre outros acessórios: “*Tudo que dá na música tu quer*”, explicou uma das garotas. Ou seja, as letras dos *funks* fazem referência aos chamados *kits*,

como são conhecidos por eles o conjunto de artefatos de alto valor e de ostentação, utilizados muitas vezes também pelos próprios artistas de tal estilo, denominados de MCs.

Em uma discussão realizada em um dos outros grupos, composto pelos jovens chamados Adílson, Inácio e Eliane, afirmaram eles não se importar com marcas famosas, como *Nike* ou *Adidas*, não se importando em comprar suas roupas de camelôs ou de pessoas que vendem diretamente nas casas, afirmando não valer a pena investir muito dinheiro na produção corporal, pois as pessoas substituem frequentemente as roupas que usam em razão das frequentes mudanças em seus corpos (crescem, engordam, emagrecem) ou pelo próprio desgaste delas. É importante salientar que em suas narrativas umas das garotas, Eliane, acaba posicionando-se de uma maneira completamente contraditória ao que já havia dito anteriormente, ao olhar para as suas fotografias e falar: “*Eu, como sempre, simples. Simples, simples (pausa). Mentira. Eu não gosto de vir simples para o colégio. Sempre quando eu venho desarrumada eu fico sem ânimo e brigo com todo mundo*”. Tal afirmação mostra que em suas narrativas os jovens assumem diferentes posições em diferentes momentos, contradizendo-se muitas vezes.

Outra característica deste último grupo foi o fato de considerarem-se “*humildes*”, o que estava relacionado, de algum modo, às suas posturas frente aos outros grupos de jovens da turma. Sobre isso, um dos rapazes afirmou que geralmente em sala de aula os alunos querem ser lembrados pelo fato de serem engraçados, de fazerem piadas na hora da aula: “*Ninguém quer ficar ali de canto*”. Podemos perceber parte dessas diferenças através do diálogo abaixo:

Pesquisador: E teria um nome para dar pra esse estilo que vocês têm, ou não?

Eliane: Humildade Cem por Cento!

Pesquisador: Por que surgiu esse nome?

Eliane: Por que a gente é humilde. Olha a nossa roupa.

Inácio: Não só por roupa, também, por que a gente não incomoda. Ficamos só na nossa ali, não entramos em conflito com os outros grupos.

Adílson: Nós, também, como é que se diz? Não fazemos bronca com as outras pessoas pelo jeito de vestir. Tem que ser humilde. Pode ser tudo, mas não pode desvalorizar a outra pessoa.

Podemos pensar com Garbin (2006, p. 211), que os jovens referidos, tendo em vista existir uma estreita relação entre eles, produzem “[...] um sentido de identidade e construção de signos e símbolos que são corporizados, produzindo marcas de diferença com ‘outros’, por meio de rituais, práticas e códigos que os ‘tornam diferentes’”. As diferenças entre este último grupo e seus demais colegas

não se davam somente na forma de vestir, como eles narraram, mas também nas diferenças dos programas que realizavam, simbolizando tais diferenças na escolha de um nome que definia melhor seus estilos: “*Humildade Cem por Cento!*”.

É preciso também referir que não são somente as vestimentas que atuam na construção das identidades dos jovens. O penteado do cabelo também foi um aspecto importante em suas falas. Para chamar a atenção dos demais jovens, vale até não pentear, simplesmente arrepiar o cabelo com as mãos quando está comprido, conforme o realizado por Inácio. O rapaz pretendia substituir seu atual penteado por um de estilo *moicano*, utilizado pelo colega Adílson, pois o mesmo é referido como um corte utilizado por muitos rapazes, até porque pensava que assim iria atrair mais a atenção das garotas: “*Com o moicano as mina tão pirando*”. Em relação a tal forma de interesse das garotas pelo penteado usado, Adílson afirmou preferir reforçar o seu estilo “*Humildade Cem por Cento*”, expressando a seguinte opinião: “*Para mim, se a guria vai pelo cabelo é que ela se importa muito com a aparência da pessoa, não pelo que a pessoa realmente é*”.

Para Eliane, seu penteado é uma modificação de seus cabelos naturais, mas visto por ela como uma maneira de apresentar um visual mais adequado e também utilizado por outras garotas negras da comunidade. O posicionamento de tal garota pode ser pensado a partir das ideias de Lone Jovino (2006) sobre a questão da identidade negra e do racismo:

Nas sociedades em que a questão racial é um dos elementos estruturantes das relações sociais de poder, o cabelo e a cor da pele, sendo os sinais mais visíveis da diferença racial e possuidores de uma forte dimensão simbólica, são vistos como símbolos de inferioridade (JOVINO, 2006, p. 73).

Podemos verificar tal situação no diálogo abaixo onde predominam hierarquizações e distinções entre cabelo bom e ruim, cabelo de branco e de negro:

Pesquisador: O que é cabelo bom?

Eliane: Cabelo de branco.

Pesquisador: O teu cabelo era bem diferente de agora?

Eliane: Era duro.

Pesquisador: O que tu chama de cabelo duro?

Adílson: (dirigindo-se à Eliane) Cabelo cru. Aquilo que tu chama de cabelo cru.

Eliane: É o cabelo que não entra pente. Antes meu cabelo era crespo. Crespo ruim. Daí minha mãe me levou num salão e disse que era pra mim ficar com o cabelo liso. E daí, agora, estou com o cabelo liso. Só que antes era duro, sabe sor?

De um modo geral, podemos dizer que os jovens pesquisados tinham preocupação com o que seus pares pensavam a respeito de suas maneiras de vestir e de mostrar aspectos de seu corpo. Tal preocupação também estava relacionada com o fato de ter ou não dinheiro para consumir determinadas mercadorias. Esses elementos, de certa forma, haviam colaborado na constituição de diferentes grupos em sala de aula.

5.3 CENÁRIOS MUSICAIS JUVENIS - “O FUNK TÁ VIRANDO UMA CULTURA”

Conforme Feixa (1999), a audição e a produção musical são importantes na maioria dos estilos juvenis, acontecendo muitas vezes de forma criativa, seja através das músicas que escutam nos seus aparelhos eletrônicos, em shows e através de formas de criação musical (individualmente ou em grupos, nos mais diversos estilos musicais).

Sobre a música, podemos pensar de acordo com Garbin (2009, p. 16), que “[...] por meio dela os alunos vão forjando as identidades na busca ora por semelhanças, ora por diferenças dos seus pares”. Conforme a autora, a música é uma das formas de manifestação da cultura popular em sala de aula. Nesse estudo é importante admitir a música como um elemento importante para entender as culturas juvenis da periferia urbana, pois tais jovens têm uma relação muito próxima com esta forma de manifestação cultural. Na escola ou em outros lugares do bairro, a música ocupa um espaço importante em suas sociabilidades.

As músicas escutadas pelos jovens deste estudo são de estilos diversos, como *funk*, *rap*, *rock*, pagode, samba, sertanejo, gaúcha, religiosa, entre outras. Um dos rapazes do grupo estudado, ao mesmo tempo em que admirava o *funk*, também tinha gosto pela música gaúcha, fazendo parte do grupo de dança da escola. Uma das garotas, por outro lado, fazia parte de um coral religioso em uma Igreja do bairro, mas em seu baile de 15 anos convenceu seu pai a deixar tocar *funk* na festa.

De acordo com Feixa (1999), o que caracteriza primordialmente a música como componente da cultura juvenil é o fato de que os ídolos musicais, muitas vezes, também são jovens, provenientes, algumas vezes, do mesmo meio social e possuindo interesses semelhantes. A música parece ser utilizada pelos jovens como um meio para marcar a identidade dos grupos a que pertencem. Nesse sentido, é importante ressaltar que se os artistas de *funk*, apreciados pelos alunos, não são

originários propriamente da Restinga, são provenientes de outras periferias e abordam, muitas vezes, em suas músicas, temáticas semelhantes às do interesse daqueles alunos. Em razão disso, de acordo com Pais (2003), as preferências musicais dos jovens são acompanhadas de práticas que ultrapassam os gostos musicais, como a escolha de um vestuário de um ídolo ou correspondente a um estilo musical.

Outra prática que podemos citar em relação à música é o comparecimento dos jovens a determinados locais em razão das músicas que lá são executadas, no caso das festas com pagode ou nos bailes *funks*, realizados nas ruas, entidades, bares, salões e residências. O fato dos jovens reunirem-se em algum lugar da escola no momento do recreio para lá compartilhar os fones de ouvido e ouvir músicas de um dado gênero é outra prática importante, o que na visão de Feixa (1999) seriam atividades focais, ou seja, rituais realizados na escola.

Um dos primeiros cenários musicais ao qual quero fazer referência é a Escola de Samba Estado Maior da Restinga, pois como já referido neste trabalho, a Restinga é muito conhecida em outras localidades graças ao trabalho desta escola, principalmente durante o carnaval. O que eu percebi, no entanto, era quase uma ausência da referida escola de samba nos questionários respondidos pelos alunos e em suas demais manifestações. Para poder esclarecer tal assunto, conversei com os grupos e discutimos a relação deles ou dos seus familiares com tal escola. Indaguei se frequentavam os ensaios, se desfilavam ou se vestiam a camiseta da escola. E o que me surpreendeu foi que em suas narrativas poucos jovens afirmaram não se envolver com o carnaval e, por conseguinte, com a citada escola.

É importante ressaltar, conforme Nunes (1990, p.17), que no final da década de 1970, “[...] a criação de uma escola de samba, além de mobilizar a comunidade para um novo tipo de divertimento e lazer [...]” foi um importante mecanismo de desenvolvimento da cultura popular. De acordo com Duschatzky (2008), a importância simbólica do bairro se relaciona com sua historicidade. Conforme a referida autora, as narrativas dos jovens sobre o bairro atualizam ao mesmo tempo as tradições comunitárias e familiares. Em suas narrativas podemos entender que o carnaval é uma forma de diversão e socialização importante para os jovens no bairro. O que fazem os jovens é dar continuidade a uma tradição de muitos anos atrás, com crescente importância desde a época da fundação das entidades carnavalescas. Quando dizemos que a Restinga tem uma cultura muito valorizada

por sua população tal constatação passa pelo carnaval. Torcer pela vitória da escola de samba do bairro é também torcer pelas pessoas próximas que estão lá engajadas e divulgando positivamente a Restinga.

Além do período dos desfiles amplamente divulgados pela mídia, nos meses que antecedem o carnaval, os jovens e a população do bairro em geral, costumam participar dos ensaios da bateria na quadra da escola de samba Estado Maior da Restinga que se situa na avenida que separa a Restinga Velha da Restinga Nova. Os alunos pesquisados ressaltaram, após minha provocação nos grupos de discussão, que os ensaios contavam com a presença de jovens da própria escola como componentes da bateria, o que se tornava um motivo a mais para mobilizarem-se para tal evento, pois participavam também para prestigiar seus colegas. Interessante é que quando perguntados sobre suas músicas preferidas não citaram sambas enredo ou algo do gênero. Não escutam individualmente, mas no momento do evento dizem apreciar as apresentações da bateria. O evento ainda é importante para lá encontrar colegas, amigos e vizinhos.

Para os eventos carnavalescos, a vestimenta é um aspecto importante. A maior parte dos jovens pesquisados dizia que costumavam comprar e utilizar as camisetas da referida escola nos desfiles na avenida e nos ensaios nas quadras da escola de samba. Afirmaram que depois do carnaval poucos utilizam a camiseta antiga e que costumavam aguardar o lançamento de uma nova, com a nova temática, pois não queriam andar com a camiseta produzida no ano anterior.

Em relação aos desfiles e a organização da citada escola demonstraram estar cientes, conforme o diálogo abaixo:

Pesquisador: E como é que surge esse convite pra desfilar?

Kelvin: Ah, é do setor de dança.

Pedro: Acho que vai da pessoa.

Kelvin: Cada ala tem uma organizadora. Daí tu dá o teu nome, compra a fantasia e desfila.

Pesquisador: Ah, tem que comprar a fantasia, também?

Kelvin: Sim. Só para a bateria que não. Bateria ganha a fantasia. Quem toca na bateria o ano todo ganha a fantasia.

A aluna Elisabete disse já ter desfilado duas vezes, salientando que para tal é necessário bastante ensaio e que até hoje considerava uma “*emoção muito grande*” ter representado a escola na avenida, ainda mais em um ano em que a escola se sagrou campeã do carnaval. Para Eliane, o carnaval é também algo do qual ela gosta, possuindo familiares, como a mãe e a irmã, ativamente engajadas nos

desfiles da referida escola. Tal garota, no entanto, percebe o evento da seguinte forma: “*Eu não posso desfilar. Minha mãe não deixa e nem meu pai. Porque é muito pelada. O biquíni assim é um fio e nossa [mostrou como seria o biquíni em seu próprio corpo, através de gestos com as mãos]. Eu não vou, que vergonha*”. Em razão de sua idade e de tal vestimenta, ela preferia por enquanto assistir a escola apenas das arquibancadas.

O segundo cenário musical que eu quero enfatizar é o do pagode por ser o mesmo um dos estilos musicais preferidos dos jovens. O referido estilo encontra muitos adeptos na comunidade. Uma das principais atrações musicais do bairro é, segundo os alunos, uma festa com pagode localizada na Restinga Nova. Tal evento costuma ocorrer nos finais de semana, com a animação de cantores e grupos de pagode, algumas vezes compostos por jovens do próprio bairro que se dedicam a tocar músicas do referido estilo.

Denominado pelos jovens simplesmente de “*pagodinho*”, o evento tornou-se uma referência para encontros de jovens provenientes de diversas localidades da Restinga, contando com a presença de muitos adultos também. As garotas disseram ir acompanhadas das mães, mas ao chegarem ao local do evento procuravam a companhia de outros jovens. Tal evento não tem por característica ser um evento exclusivamente juvenil, é possível considerá-lo como uma festa popular do bairro.

Os jovens destacaram a importância de encontrarem os colegas da escola, sua vizinhança e familiares no *pagodinho*. Durante as apresentações musicais, a população ocupava o bar em que ocorria o evento e as ruas e calçadas, com o propósito de ouvir o referido estilo musical, encontrar amigos, namorar e consumir bebidas. É importante referir que os alunos destacaram a letra de um grupo de pagode formado na Restinga: “*Nas músicas deles eles não deixam de falar da Restinga. Eles falam diretamente ‘da Restinga, para o mundo’.* Eles têm orgulho de morar aqui pra botar na música”.¹⁶ Os jovens entendem como uma manifestação positiva o fato dos próprios artistas da Restinga valorizarem o bairro em que vivem a partir do qual ficaram conhecidos no meio musical.

De acordo com Pais (2003), em algumas culturas juvenis, os jovens criam os seus próprios espaços culturais sem necessariamente haver “[...] uma afronta aberta e conflituosa com os espaços culturais dominados pelas gerações mais velhas”.

¹⁶ O trecho em negrito refere-se à letra da música “Moleque Decidido”, do conjunto Novo Extima.

Quando os jovens disseram-me, por exemplo, que para participar do desfile na bateria da escola Estado Maior da Restinga era necessário ter bom rendimento nos estudos e que não poderiam ser reprovados na escola, é importante salientar que tal instituição é coordenada por adultos e que, para ocuparem alguns dos espaços de participação naquela instituição devem acatar suas normas. O *pagodinho* também não era organizado necessariamente por jovens, mas por um comerciante do bairro. Tal evento foi transferido depois para a outra escola de samba do bairro, a União da Tinga, conforme relato dos jovens. Nele, os jovens também mencionaram a convivência com adultos. É importante destacar que não percebi nas falas dos alunos a existência de confrontos com as gerações mais velhas presentes nos eventos mencionados.

É importante acrescentar que as escolas de samba referidas se fazem presentes em muitos eventos sociais e culturais da comunidade, promovendo outros estilos musicais, com a apresentação de grupos de pagode e *funk*, por exemplo, em suas quadras de ensaios. Tais eventos acabam por aproximar o público jovem destas entidades.

Os alunos também comentaram que muitos jovens do bairro se dirigiam aos bailes *funks* após o término do *pagodinho*, durante a madrugada. Aliás, este é o terceiro cenário musical que quero ressaltar e acredito ser o mais importante entre eles. De acordo com Dayrell (2005, p. 173) com o *funk*, “[...] os jovens construíram espaços autônomos de sociabilidade, distantes do mundo adulto”. Podemos acrescentar ainda, de acordo com o referido autor, que “[...] o *funk* é parte de um determinado estilo de vida juvenil, um marco identitário que contribui para que esses jovens possam vivenciar e se afirmar como sujeitos numa determinada fase da vida” (DAYRELL, 2005, p. 173). Nos bailes *funks*, o público é predominantemente composto por jovens.

De acordo com George Yúdice (2004), é importante salientar que a partir do final da década de 70, com o final da ditadura militar no Brasil, cada vez menos se pode falar em identidade nacional ou coesão cultural, ainda que tal autor enfatize que o Brasil nunca foi um país homogêneo mesmo que o samba, o carnaval, a bossa nova e a MPB tenham muitas vezes o representado dessa forma. Conforme o autor, um indicador de tal mudança tem a ver com uma política de representação que enfatiza a diferença, onde podemos perceber a:

[...] diversificação das culturas jovens, sendo que quase nenhuma delas se atém a práticas culturais que, supostamente, interligaram seus pais e avós numa comunidade imaginada através de um *mise-em-scène* de formas de cultura popular, como o carnaval, o samba, o futebol, e assim por diante. (YÚDICE, 2004, p. 162-163).

Nesse contexto podemos citar o *funk*, que se tornou um estilo juvenil com dimensões importantes expressas além da produção musical, além da batida propriamente dita. Outra de suas importantes expressões se localiza nas letras escritas pelos MCs. É importante destacar também os locais destinados aos bailes *funks*, os rituais deste tipo de festa, as maneiras de se vestir em estes bailes, entre outros aspectos. Segundo um dos jovens pesquisados, o número de jovens que escutam *funk* ou comparecem nestes bailes é cada vez maior, o que podemos verificar no diálogo abaixo:

Kelvin: É que o *Funk tá* virando febre, bem dizer. O mundo todo *tá* dançando *Funk*. O *Funk tá* virando uma cultura, bem dizer.

Pesquisador: O *Funk* é muito forte aqui na Restinga?

Kelvin: Na Restinga e em todo o canto, lugar. Não é só aqui.

De acordo com Dayrell (2005, p.172), podemos dizer que “[...] o compromisso do funk parece ser com a alegria e a diversão, evidente nas letras que cantam”. No entanto o objeto de muitas polêmicas do *funk* é o conteúdo de suas letras. O diálogo abaixo faz referência a esta polêmica:

Pesquisador: O que vocês dizem que é *Funk* pesado?

Kelvin: *Funk* pesado, bem dizer...

Alice: É *Funk* bagaceiro.

Pesquisador: Como é que são essas letras dos *funks* bagaceiros?

Kelvin: Quer que a gente fale?

Pesquisador: Podem falar que a gente está aqui pra isso mesmo.

Pedro: Ah! “Chupa, engole, toma”.

Alice: “Pega no peru”.

Kelvin: “Senta, senta, senta”.

Pedro: “O cabeção”.

Kelvin: (cantando) “Só um pedacinho vou te colocar”. “Vai alisando que ele vai crescendo”. [risos]

Para eles, tais músicas são divertidas e têm uma boa batida para ouvir e dançar. Costumam saber muitas das letras de cor e cantam boa parte do repertório delas, no entanto, ficaram inicialmente envergonhados quando eu pedi que me falassem como eram as tais letras. A partir do momento em que começaram a falar, deram muitas risadas, arrancando risos de mim também. Provavelmente isso se deve ao fato de tais letras se referirem de forma explícita ao ato sexual e por

expressões que eles consideram engraçadas. Como é o caso do trecho da música do MC Nandinho cantada pelo jovem na conversa referida: “Se você que transar e acha que o meu peru é pequeno, se enganou novinha, vai alisando que ele vai crescendo”¹⁷. Muitas destas expressões não pertencem à letra de uma música somente. Por exemplo, em uma breve pesquisa que fiz na internet, pude perceber que a expressão “senta, senta, senta” faz parte das letras de diversos *funks*¹⁸.

A aceitação do funk, porém, não é unanimidade entre eles. Os demais grupos de discussão posicionaram-se de forma mais crítica com relação ao conteúdo das letras expressas nas músicas. Alguns também afirmaram gostar do ritmo, mas discordavam das letras que afirmavam desvalorizar a imagem feminina. Eliane, uma das garotas que prestigiava o *funk*, disse saber as letras e as danças, ser fã do grupo de dançarinas cariocas *Bonde das Maravilhas* e ainda que as mulheres que cantam o *funk* “*bagaceiro*” também falam de forma pejorativa dos homens assim como os homens falam das mulheres. É importante conferir o diálogo a seguir:

Adílson: Para mim, eu não acho uma coisa legal, mas é uma coisa que todo mundo curte e tu acaba curtindo também. Que é uma coisa que eu acho que é vulgar. Que as mulheres não se dão valor, no que eles tão falando. O homem fala várias “bagaceirices” e as mulheres gostam disso. E, até agora eu não entendo o porquê disso.

Eliane: E daí? Tem várias músicas das mulheres falando dos homens. As músicas dizem que os homens são cornos, um monte de coisa assim, que elas vão ficar com os amigos deles se eles as traírem. Tem várias músicas assim, mas a maioria é bagaceira.¹⁹

As letras dos *funks* que os jovens dizem desvalorizar a mulher usam continuamente expressões como “*cachorra*”, “*novinha*” e “*periguete*”. Essas expressões, conforme tais jovens, não aparecem somente nas letras das músicas, também aparecem, muitas vezes, no cotidiano de tais jovens ao se referirem às mulheres. Tais expressões são muito usadas durante os bailes *funks* para se referirem a determinadas garotas. Com o diálogo abaixo, procurei compreender melhor o significado das referidas expressões:

Adílson: Cachorra é puta.

Eliane: Puta, isso mesmo.

Adílson: Safada. Tudo assim que difama a mulher.

¹⁷ Pela forma como é cantada, a rima da letra e o ritmo e é uma ironia a música: “Vem quente que eu estou fervendo”, que ficou conhecida na voz de Erasmo Carlos: “Se você quer brigar e acha que com isso estou sofrendo, se enganou meu bem, pode vir quente que eu estou fervendo”.

¹⁸ MC Catra (Tá que tá) e Bonde das Maravilhas (Super Poder) são exemplos de artistas e suas músicas que utilizam essa expressão.

¹⁹ Um exemplo referido é a letra de MC Beyonce, com a música “Se eu descobrir”: E se eu pegar você me traindo/ Eu vou me vingar e ficar com o seu amigo [...] E espalhar pra todo mundo.”

Pesquisador: O que são as novinhas?

Eliane: Guriazinhas de quatorze anos, que já estão indo... né?.

Pesquisador: Que já transam?

Eliane: Sim. São, essas guriazinhas que já vão no baile e já fazem com os guris. De repente, no baile, eles ficam falando “aí, novinha, vem cá”.

Adílson: Também tem a periguete.

Eliane: Periguete no *Funk* é aquelas gurias putinhas, que usam roupas curtinhas assim.

Adílson: E também aquelas mulheres vulgar. Usam coisa curta, gosta de aparecer, usam maquiagem escandalosa, essas coisas assim que demonstram vulgaridade.

Conforme Dayrell (2005 p. 164), os jovens “[...] vivenciam através do estilo funk aspectos considerados importantes para eles: grupo de pares, sedução, autoafirmação”. Como uma característica destes bailes que pode ser relacionada com as letras anteriormente descritas, os jovens destacaram o fato de que os rapazes e as garotas realizam um contato físico de modo a “roçar” (esfregar) seus corpos nestas festas.

Este foi o comentário de uma das garotas, sobre a forma de dançar o *funk* em festas: “*não tem dança, eles se roçam nos bailes, resumidamente*”. Entretanto, conforme um dos rapazes, muitas meninas elaboravam algumas estratégias quando não queriam se roçar nos rapazes: “*As gurias que não querem se roçar, quando tem aqueles guris que avançam e são taradinhos, daí elas começam a dançar próximas a parede, ou dançar com uma amiga, uma atrás da outra*”. As iniciativas para tal contato, porém, não são somente dos rapazes, muitas garotas também o procuram.

Sobre a maneira de dançar o *funk*, falaram dessa forma:

Pesquisador: Onde é que vocês aprendem essa forma de dançar Funk?

Alice: Ah! Por exemplo, o Bonde das Maravilhas, a gente foi olhando no youtube, daí tem lá. É bagaceira, mas tem como dançar. Tem coreografia.

Kelvin: A maioria falou que é só rebolar a bunda. As gurias dançam com a mão no joelho, e tal, e os guris, não sei como posso dizer, sei lá os guris dançam de qualquer jeito [dá risadas].

Pedro: Dá ali um passinho para um lado, um pro outro.

Kelvin: Se a guria vem, o cara dança com a mina e era isso [faz um gesto com a cintura].

Alice: Não dança, se roça, então.

Após uma análise do que os jovens apontaram como significativo nas letras dos *funks* e nas posturas adotadas por muitos jovens nestes bailes, é importante destacar conforme Valenzuela (1999 p. 94) que o baile *funk*:

[...] incorpora a dimensão erótica [...] na qual as mulheres põem as mãos no joelho e se dobram, permanecendo nessa posição; mulheres [e homens] que realizam simulacros sexuais como iniciação ou deleite no erotismo e no tesão. Para muitos, o baile constitui apenas o espaço lúdico acessível.

Podemos dizer que a “dimensão erótica” levantada por este autor também se expressa nas letras das músicas conforme já visto anteriormente. De acordo com as

falas dos alunos, são as mulheres que recebem os apelidos mais estigmatizantes. Foi possível constatar que os jovens pesquisados tinham um duplo sentimento em relação a tema: ao mesmo tempo em que não aceitavam o uso de tais expressões sobre as mulheres, tal desprezo não os fazia deixar de escutar as referidas músicas, pois continuavam achando-as divertidas. É importante salientar, no entanto, que entre os jovens pesquisados nunca observei tal forma de tratamento para com as garotas na escola. Ou se tal forma de tratamento ocorria, era em locais e momentos distantes do meu olhar.

Outra temática mencionada por eles encontradas nos *funks* foi a referência a marcas famosas e a produtos e bens caros (jóias, carros, motos) que se tornam sinônimo de *status*. Na internet, no *site youtube* existem uma série de vídeos com músicas do estilo *funk* em que aparecem os MCs e diversos jovens com uma série dos produtos citados. Nas discussões, os alunos demonstraram incerteza a respeito da proveniência de tais produtos e bens como notas de dinheiro, armas, carros e motos.

Para um dos grupos de discussão, principalmente para os jovens Pedro e Kelvin, o que os MCs atualmente fazem é um *funk* de ostentação, no sentido de se retratarem com mercadorias caras e objetos valiosos, não tendo necessariamente uma ligação com a realidade social do país ou das periferias. Em outro grupo, o rapaz chamado Adílson tinha uma visão diferente da de seu colega, pois em alguns casos fazia a associação dos MCs com os traficantes. Afirmou ele que tais artistas não apenas narram sua visão da realidade, mas agem como se fossem interessados no tráfico, passando tal mensagem para outros grupos rivais ou que talvez eles próprios fossem os traficantes. Justificou sua visão comentando que diversos MCs já foram mortos nestas disputas e que por isto andam com seguranças em seus shows. No diálogo abaixo, comentam o que aparece nas letras dos *funks*:

Adílson: ... a pessoa que se acha, que tem jóias, os melhores kits, vamos dizer assim, as melhores roupas, os melhores bonés, correntão.

Eliane: Mulheres, carros.

Adílson: Tudo isso tem. Que bebe as melhores bebidas. Absolut, Black Label, essas coisas assim, Vodka.

Pesquisador: E essas outras coisas referentes à realidade social do país, da cidade, isso aparece? Questões políticas, sociais, de violência, aparecem nas letras dos Funks que vocês escutam?

Adílson: Aparece sim. Violência.

Eliane: Criticando a polícia.

Adílson: Ou as letras cantando e dizendo-se que são os melhores, com armas, e coisas assim.

Pesquisador: E isso está relacionado ao tráfico?

Adílson: Acho que sim. Eles falam muito de roubar, de fazer algo para ti se tu fizer alguma coisa para eles. Eles falam sobre lugares onde o tráfico prevalece: comentam muito sobre isso.

O estilo *funk* encontra um momento de grande expressão nos bailes realizados no bairro. Além da dimensão erótica já citada existem outros aspectos a serem levados em conta. Existem diversos bailes *funks* na Restinga e são realizados tanto em estabelecimentos próprios para isso, sendo que os mais destacados pelos alunos foram o *Roma*, o *Butikin* e o *Caldeirão*. Além de tais locais, tais bailes costumam ocorrer também nas casas dos jovens por iniciativa deles mesmos quando autorizados por seus pais. A divulgação do local e do horário dos bailes em casas particulares ocorria através de contato pessoal, pela internet, por telefone celular ou através de mensagens de texto.

Nos bailes *funks*, de um modo geral, conforme o depoimento dos jovens, é comum a entrada de menores e o consumo de bebidas alcoólicas por parte deles. Alguns estabelecimentos adotam como critério a entrada de jovens a partir dos 15 anos. Afirmaram ainda que é comum os jovens com idade inferior a permitida para ingresso tentem entrar no estabelecimento. Geralmente quando entram e são descobertos pela organização das festas, acabam sendo expulsos pelos seguranças. Ou seja, os jovens fazem de tudo para entrar em tais bailes, mesmo que para isso tenham que passar a conversa nos seguranças. Em alguns estabelecimentos, existe a preocupação de que não entrem jovens armados e com essa finalidade são contratados seguranças para realizar tal controle.

Uma iniciativa que se popularizou na Restinga Velha foi a realização dos bailes *funks* em residência de jovens, sendo que os agrupamentos denominados de bondes é que foram os precursores desta iniciativa. Durante as madrugadas, algumas casas de moradores da Restinga ganhavam outra ocupação, transformavam-se em territórios de diversão dos jovens. De acordo com Stecanela (2010),

“[...] os jovens da pesquisa imprimem suas marcas de pertencimento, delimitando microterritórios dentro do território do qual fazem parte. Através de suas práticas cotidianas, delimitam os espaços de que se apropriam e que funcionam como suportes de identidades sociais tipicamente juvenis” (STECANELA, 2010, p. 117).

Cada residência onde ocorre uma festa pode ser considerada um microterritório (STECANELA, 2010). Tais festas, além de serem espaços de lazer

para os jovens, são vistas pelos seus familiares como uma boa oportunidade para ganhar dinheiro, tendo em vista a cobrança de ingressos e a venda de bebidas. Tais eventos têm um tempo de duração menor do que os ocorridos em estabelecimentos ou salões de festa, pois, segundo os jovens, em um determinado horário a Brigada Militar pede para baixar o som, possivelmente para garantir o sono da vizinhança.

A questão da segurança nos bailes foi destacada pelos jovens como algo bastante necessário, mas nem sempre presente. Nas festas realizadas nas casas, geralmente os pais dos jovens que promovem as festas atuam como seguranças. Os jovens destacaram também em tais eventos a presença da maconha e cocaína, que geralmente entram escondidas, não com a finalidade de tráfico e sim para consumo individual. Conforme narrado pelos jovens, nas festas em residências não costuma haver restrição de idade para ingresso.

De acordo com Dayrell (2005), o baile *funk* é o local onde ocorre a celebração da amizade, o espaço onde se dão a explosão emocional da alegria, a identificação coletiva, o sentir-se em grupo. De acordo com o referido autor, o baile é um ritual que agrega pessoas e ao mesmo tempo faz os jovens reconhecerem-se a partir da música. Nos bailes *funks* da Restinga, conforme os jovens pesquisados, são realizados uma série de atividades que se tornam rituais da festa, como pular, gritar nomes de bondes, dar gritos de guerra, dançar, beber. O importante é brincar, se divertir, fazendo muita “*patifaria*”. Os jovens demonstravam grande entusiasmo ao falar sobre o assunto.

Nos últimos tempos na Restinga Velha, ficou difícil a realização dos bailes *funks*, devido à presença de membros de gangues diferentes na mesma festa e dos conflitos decorrentes disso, tendo em vista o contexto da violência já analisado. O fato de um jovem (mesmo sem ligação com nenhum grupo ligado à criminalidade) querer organizar um baile *funk* em sua casa, tornou-se uma atitude arriscada, pois ao receber um membro de uma gangue poderia ser interpretado pelos componentes de determinadas gangues como alguém que estivesse querendo agradar membros da gangue inimiga. É importante observar seus depoimentos:

Ana Karolina: Tem uma rua reta, que nem aqui [a rua da escola]. Embaixo é uma gangue, em cima é outra. Embaixo é os Milton e em cima os Madeireira. **Se tu subir a rua, tu é dos contra. Se tu descer tu, é dos contra também:** é assim que é.

Alice: Daí não dá pra fazer festa. Vamos supor se o Kelvin, que não pertence a nenhuma das gangues, fizer uma festa...

Ana Karolina: É. E vir alguém dos Madeireira na festa, o que os Milton vão falar? Que o Kelvin tá fazendo festa para os contra.

Tal forma de diversão, por outro lado, passou a ser muito comum na Restinga Nova, apontados pelos alunos como um território mais amplo. De qualquer maneira, o medo de alguns jovens em frequentarem os bailes da Restinga, em geral, devido às disputas de poder entre algumas gangues os faz procurarem festas em outros bairros da cidade, talvez mais livres de tais disputas. Eliane argumentou que “*aqui todos [os jovens] já são conhecidos, sabe, e dá briga sempre. Em outros lugares também dá, mas tem mais segurança lá*”.

É importante salientar, de acordo com Dayrell (2005, p.169), que nos bailes funks “[...] as brigas não contam com o apoio generalizado dos jovens”. De acordo com autor, se podemos afirmar a presença de uma representação da imagem masculina ligada à virilidade e coragem, com “[...] clima de excitação e competição entre grupos rivais [...]”, não podemos esquecer o comentário da aluna Eliane sobre a ocorrência de brigas de garotas em bailes *funks* na Restinga. Ela menciona que tais garotas que não brigam dentro do baile, mas nos espaços públicos situados em frente a ele, armando ali seus “*bolinhos*”. É importante destacar o diálogo sobre os conflitos nos bailes:

Pesquisador: Como são os bailes na Restinga Nova?

Eliane: Lá agora também está ficando perigoso, porque a maioria dos bailes é para lá. Desce os aqui da Velha que se encontram lá, sempre dá tiro. Hoje é um dia que deve morrer uns guris. Deus me perdoe, mas, claro, deve morrer alguém lá. Bala perdida, alguma coisa. Eles não pensam nas pessoas que estão lá dentro. Mataram um guri, no banheiro do baile *Funk* lá na Nova. Não vou mais lá.

Pesquisador: Mas é sempre que acontece? Todo final de semana do baile *Funk* tem um morto, ou tu tá exagerando um pouco?

Eliane: Não, sempre tem lá. Quando não é morto é briga. E briga de bonde, arrasta até pessoas que não tem nada a ver.

De acordo com Dayrell (2005, p. 169), as brigas podem gerar a estigmatização dos bailes: “[...] Às vezes isso faz parte de uma discriminação mais ampla, incluindo questões sociais e étnicas dos jovens *funkeiros*”. Em certas ocasiões, a comunidade acaba restringindo e não alugando os salões para a realização desses bailes, alegando a violência que ocorre em alguns deles.

Neste cenário musical do *funk*, se destacam ainda outros eventos que são as festas de 15 anos, sendo importante salientar que em tais festas geralmente se escutam diversos estilos musicais. Tais festas se tornaram um evento importante não só para as meninas dessa faixa etária, mas também para o conjunto de seus

colegas. A referida festa possui momentos de uma festa de 15 anos tradicional como trocar sapatinhos, dançar valsa, entre outros. Em razão da música tocada, alguns alunos chegam a comparar determinadas festas de 15 anos com os bailes *funks*. Afirmam em suas falas que se não tiver *funk* a gurizada “*vaza*”, ou seja, vai embora da festa. Então, mesmo que “*a dona dos quinze anos não goste de funk, se não botar vai virar cinza*”, ou seja, tal festa estará condenada ao fracasso. Na maioria do tempo enquanto são executados outros estilos musicais, os jovens estão sentados conversando ou não estão nem dentro do salão. Definiu assim um dos jovens a situação: “*Não adianta fazer uma festa que os amigos não vão gostar*”. Por esses motivos, cada vez mais o *funk* ganha espaço em uma festa que não era necessariamente para ser um baile de tal estilo.

É necessário informar que os *funks* não são executados na rádio da escola em razão do conteúdo polêmico de suas letras. Costuma-se atribuir a tal gênero musical uma apologia ao crime e ao sexo. É importante salientar, conforme Micael Herschmann (1997, p. 66), que existe uma imagem do *funkeiro* seguidamente: “[...] estigmatizada/ demonizada e associada, inclusive, ao narcotráfico; por outro, ateste-se um grande interesse da indústria cultural pelo conjunto das expressões manifestadas por estes jovens”. A maioria dos *funks* escutados pelos alunos não estão disponíveis em lojas, não estão gravados em CDs (a não ser que sejam vendidos no mercado informal), mas podem ser encontrados em diversos sites na internet. Muitos dos jovens pesquisados dão pouca importância ao referido estigma e a música *funk* acaba ocupando um lugar privilegiado e central nas produções musicais em que escutam, que produzem e divulgam. Pedro, por exemplo, já iniciou sua carreira de DJ, animando bailes com sua equipe de som e dando a notícia dos novos *funks* para os seus colegas, após uma breve experiência também como MC.

De qualquer forma, os jovens pesquisados continuam escutando no espaço escolar os referidos *funks* nos seus fones de ouvido através de seus celulares, fazendo pouco caso de tal proibição. De qualquer modo, os jovens opinaram que tais músicas talvez não sejam mesmo as mais apropriadas para serem escutadas na escola, e que em razão da batida e da diversão proporcionada pelos diversos elementos presentes no estilo *funk*, tais músicas sejam mais adequadas para serem escutadas e aproveitadas nos bailes na companhia de outros jovens que também curtem o referido estilo. Afinal, de acordo com Yúdice (2004), os jovens *funkeiros* - os entusiastas de tal estilo - ao construírem seus próprios meios de prazer,

demonstram ao mesmo tempo um papel ativo na tentativa de delimitação de seu próprio território.

5.4 JOVENS ALUNOS PENSANDO EM SEU FUTURO - “O QUE A GENTE MAIS VAI SENTIR FALTA É DOS COLEGAS”

Durante o transcorrer do ano de 2012, os jovens pesquisados, assim como os demais alunos do III ano do III Ciclo, passaram a se preocupar com a organização da cerimônia de formatura do Ensino Fundamental. Além da preparação para o evento que todos os anos ocorre no ginásio da escola, quando um bom número de pessoas da comunidade escolar comparece, também desejavam um grande passeio de confraternização no final de ano para se despedir da turma, com a qual haviam criado um grande vínculo.

Os alunos da turma selecionada para a pesquisa estiveram bastante engajados para arrecadar verbas para tais eventos, vendendo lanches no recreio (salgados, doces, refrigerantes), organizando sessões de cinema na escola, vendendo rifas na comunidade. Tais iniciativas podem ser exemplificadas como suas formas de *produções culturais*. Foi perceptível que tal forma de mobilização fez com que ficassem mais comprometidos com a escola. O saldo positivo foi que todos os alunos com frequência regular da turma conseguiram formar-se no Ensino Fundamental ao final do ano letivo.

No entanto, havia outro assunto em questão além da preparação da cerimônia e da organização do passeio, importante do ponto de vista simbólico para os alunos: seus projetos para o futuro. O que fariam após concluírem seus estudos na escola? É importante salientar que a escola possui somente o Ensino Fundamental, então tiveram que se preocupar com a escolha da escola para cursar o Ensino Médio. Que escola seria essa? Quais critérios adotariam para tal escolha? Pretendiam todos continuar estudando? Ao constatar que somente um dos alunos trabalhava, os outros desejariam fazer o mesmo ou iriam permanecer somente estudando a partir do ano de 2013? Essas questões todas eram preocupações suas e tiveram oportunidade de debatê-las nos grupos de discussão também.

Para Pais (2003), quando analisamos os trajetos e os projetos juvenis é possível distinguir dois tipos de orientações temporais. Uma destas orientações está voltada para o futuro, para o qual os jovens arquitetam trajetórias de maneira a conseguir uma integração do ponto de vista familiar e profissional. A outra orientação é voltada para o usufruto do presente, na qual os jovens estão mais preocupados com as suas convivências diárias, com os seus rituais juvenis. No que diz respeito aos jovens pesquisados, entendo que as duas orientações se relacionavam em suas narrativas. É importante salientar que, para Canclini (2009 p. 218), é “possível interpretar que, diante das dificuldades de saber o que fazer com o passado e o futuro, as culturas jovens consagram o presente, consagram-se ao instante”.

Em meu entendimento, quando falo em futuro não quero dizer que acredito que os jovens da faixa etária dos meus alunos já saibam o que farão para o resto de suas vidas. Mas o fato de esboçarem projetos permite-lhes melhor elaborarem suas perspectivas, seus sonhos, suas fantasias. Tais projetos certamente serão alterados, talvez em um curto intervalo de tempo, mas projetá-los permite-lhes repensá-los, reelaborá-los. Afinal, novas experiências podem surgir e os levar por outros caminhos, sendo que ,ainda segundo Pais (2003 p. 236), “os projetos de futuro (ou a ausência deles) têm muito a ver com as práticas cotidianas em que os jovens se envolvem, com os múltiplos contextos de socialização a que se encontram sujeitos”.

É importante acrescentar que ,de um modo geral, seus pais tiveram pouca escolarização, o que faz com que tenham dificuldade ou mesmo não saibam como transmitir determinadas experiências no que diz respeito aos estudos. Deveria caber à escola, por intermédio de seus professores, orientar os alunos nesse sentido, o que muitas vezes não ocorre de maneira sistematizada, mas sim através de ações isoladas de alguns professores ou mesmo de conversas informais entre alunos e professores.

Com relação ao futuro estudantil mais próximo, o Ensino Médio, todos os alunos afirmaram desejar cursá-lo e já haviam escolhido suas escolas. É importante salientar que a maioria dos alunos mudará para a rede de ensino estadual – pois o Ensino Médio é oferecido majoritariamente nas Escolas Estaduais. Antes de se formarem, os alunos precisam fazer uma opção por quatro escolas dessa rede, determinar por ordem suas opções e após feito isso é que serão depois designados para uma delas, o que não significa necessariamente que serão designados para às

suas primeiras opções. O que eu desejava ouvir nas discussões eram os critérios usados pelos jovens para a escolha de tais escolas.

Uma das garotas, sobre a mudança de escola, garante: “*O que a gente mais vai sentir falta é dos colegas, não da escola*”. Tal sentimento os faz, muitas vezes, não pensar necessariamente em projetos de estudos para os próximos anos, mas em estratégias para continuar convivendo com os colegas mais próximos nas mesmas escolas. Muitos dos jovens gostariam de continuar juntos com seus atuais colegas no Ensino Médio. Por isto costumam consultar seus pares ao fazerem suas escolhas. Na impossibilidade de todos os jovens pertencentes ao mesmo grupo conseguirem autorização dos pais para isso ou terem condições de financiar o transporte para outros bairros, acabam, em geral, decidindo continuar estudando nas escolas do bairro e acabavam optando geralmente pelas mesmas escolas. Para poderem continuar vivendo seus estilos da forma como os vivem atualmente, não pensavam em geral em grandes mudanças em suas vidas escolares. Alguns alunos, no entanto, comentavam que não queriam mais permanecer estudando na Restinga, pois desejavam conhecer pessoas novas e lugares novos, pois no bairro em que vivem diziam já saber como “*funcionam as coisas*”.

A possibilidade de estudar longe da Restinga fazia com que eles brincassem muitas vezes entre si. Uma das garotas comentou com a colega que ela não se acostumaria em razão da distância e do tempo de deslocamento por transporte público que ocorreria caso fosse estudar no centro de Porto Alegre: “*Pois ela acorda ao meio-dia, apavorada, que tem que ir para o colégio. E ainda quer estudar, no centro, de manhã... Só quero ver!*” Um dos rapazes também afirmou: “*Eu acordo meio dia quase [para poder vir à escola]. Minha mãe vive me xingando: ‘Não faz nada, olha aí’*”. O fato recorrente de dormirem até o meio-dia, como bastante mencionado por eles, poderia ser um indicativo de falta de perspectivas estudantis e profissionais? Poderia estar relacionado com um desencanto com a escola, com a dificuldade para arranjar trabalho, entre tantos outros motivos materiais e/ou simbólicos?

Alguns alunos também consideram as escolas da Restinga de um nível de ensino inferior, e por isto desejavam estudar em outras escolas fora do bairro, mas nem sempre é a vontade do jovem que prevalece, mas sim a decisão de seus pais de manter os filhos próximos, conforme podemos perceber no diálogo abaixo:

Adílson: Eu quero um colégio bom. Tem gente que eu conheço que reclama dos colégios da Restinga, que é fácil. Eu prefiro pegar um mais forte, para depois conseguir fazer um ENEM, conseguir passar em uma universidade pública.

Pesquisador: E a tua primeira opção foi a Escola José do Patrocínio (localizada na Restinga Velha)?

Adílson: Sim. Mas essa escola é escolha da minha mãe. É que ela não quer que eu saia da Restinga.

Pesquisador: A tua mãe já decidiu. É alguma questão econômica, relacionada à passagem de ônibus, de precaução para que tu fiques mais perto dela?

Adílson: Não. É mais por não querer que eu saia mesmo.

Ainda que o jovem Adílson não tenha revelado, sempre há preocupações por parte dos pais dos alunos com o fato dos mesmos saírem da Restinga para estudar, motivada muitas vezes por questões econômicas. Pois não se pode esquecer que os pais dos alunos também lidam com a instabilidade profissional e o desemprego. Este é um fato concreto e um desafio a mais a ser levado em conta nas perspectivas dos jovens para o futuro. Nesse sentido, de acordo com Canclini (2009, p. 213), é importante salientar que nas perspectivas dos jovens “[...] são particularmente significativas as condições familiares, ou sua falta, na integração/desintegração, na fragilidade dos laços sociais e na possibilidade de superá-la [...]”.

Kelvin salientava que, apesar de gostar muito da Restinga, tem receio de continuar estudando no bairro: “*Não gosto de ficar andando na Restinga Nova (onde ficam algumas das escolas de Ensino Médio), pois ali tem guris que não vão com a minha cara*”. Tânia alegou ser muito controlada pela família e também pelos amigos de seu pai: “*eu não quero ficar aqui na Restinga*”, resume ela, também querendo estudar no centro no ano de 2013. Afirmou ter combinado juntamente com sua colega e amiga de vários anos, Elisabete, e preenchido as mesmas opções de escolas na tentativa de permanecerem estudando mais um ano juntas. E Pedro afirmou que queria estudar em uma escola onde tivessem “*guriazinhas bonitinhas*” ou nas escolas onde seus amigos já estudavam.

Um outro aspecto importante a ser referido é sobre a Escola Técnica da Restinga (Instituto Federal da Restinga é o seu nome oficial), conquistada através de muitas lutas da população local. No entanto, a maioria dos jovens pesquisados não demonstrou vontade em conhecer melhor tal escola ou não demonstraram interesse pelos seus cursos. Um deles comentou que se surpreendeu quando lhe foi dito que teria que pagar a inscrição para o processo de seleção e, que com isso, imaginou ter que pagar para estudar na escola também. Também afirmou que não sabia da possibilidade de pedir isenção da taxa de inscrição. O que se pode perceber com estes depoimentos é a falta de comunicação existente entre os jovens e as

instituições escolares e seus respectivos projetos e ofertas à comunidade. Tendo em vista que o desejo de profissionalização foi algo também presente em suas falas, parece que as oportunidades existentes podem não estar sendo bem aproveitadas por eles.

Pesquisador: Por que não querem estudar no Instituto Federal? Eu insisto na discussão porque eu acompanhei a mobilização da comunidade para conseguir a escola para conseguir terreno, pra conseguir a estrutura da escola. E muitas pessoas estão vindo de fora da Restinga para estudar aqui, por isso que eu pergunto pra vocês.

Núbia: Todo mundo procura colégio fora, né? Os que não são da Restinga, tão vindo pra cá estudar no técnico. Daí, nós que já estamos acostumados com a rotina daqui, com tudo daqui, a gente quer ir para fora. É a mesma coisa.

De acordo com Pais (2003, p. 237), nas trajetórias sociais dos jovens, em suas decisões, eles costumam levar em consideração aspectos do meio social em que vivem e que são vistos por eles como relevantes. São aspectos que também fazem parte de sua cultura, “[...] dos seus mapas de significação e de valores, a partir dos quais dão, por conseguinte, significado às opções que fazem”. Conforme o referido autor, não podemos desprezar os contextos de que os jovens se servem para tomar suas decisões: poder dormir até meio-dia, estudar com os amigos em uma nova escola, escolher uma escola pela perspectiva profissional que ela lhe dará, entre outras possibilidades.

No que diz respeito às suas aspirações profissionais, os jovens procuravam se qualificar realizando cursos de introdução à informática em instituições localizadas na Restinga ou em escolas localizadas no centro da cidade. Como quase todos pretendiam trabalhar a partir do ano de 2013, imaginavam que isso poderia ocorrer através de estágios ou de programas sociais como forma de obter emprego na condição de aprendizes, tendo em vista que boa parte deles ainda estava na faixa etária entre 14 e 16 anos de idade. Idealizavam diversas formas de começar a sua vida profissional, seja pela distribuição de currículos ou mesmo por intermédio de parentes ou pessoas conhecidas. Estavam cientes de que nos primeiros empregos de suas vidas receberiam salários baixos. Geralmente mencionam os serviços de *telemarketing* e/ ou os supermercados como locais onde buscariam os primeiros empregos.

Às vezes demonstravam faltar-lhes clareza em tais projetos de trabalho, não sabendo bem o significado de estagiar e as condições necessárias para tal. Os jovens comentavam desejar arranjar formas de obtenção do próprio dinheiro, pois

almejavam não continuar tão dependentes dos pais financeiramente, pelo menos para que pudessem realizar seus programas e bancar seus entretenimentos. Foi afirmação de um deles, nas discussões sobre emprego ou estágio: “*Pra mim o que vier, vem. Eu quero dinheiro*”. Ou seja, de um modo geral, os jovens parecem pretender aceitar o trabalho que aparecer em primeiro lugar, o que pode levá-los a empregos precários, informais, a situações de exploração no trabalho.

A situação financeira das famílias parece pesar também nas decisões de tais jovens. Foi o caso de Tânia que afirmou estar indecisa sobre trabalhar ou não em 2013, pois afirmou sobre seus pais: “*tudo o que eu preciso eles me dão*”. Seus pais eram proprietários de uma loja no comércio do bairro e comentou que eventualmente os ajudava depois das aulas. Mesmo assim dizia que no momento não tinha interesse em investir em estudos para poder qualificar seu trabalho na loja de seus pais. Salientava que seu interesse era somente em saber vender e conhecer os produtos comercializados no local: “*eu quero aprender é o básico*”, completou.

A este respeito é importante retomar o que nos diz Maria Luisa M. Xavier (2008, p.321):

Fatos hoje agravados pelo reconhecimento, por parte desses mesmos jovens, de que a escolarização básica não é mais garantia de ascensão social bem como pela perda da crença de que o que se estuda na escola vai ter um real significado na qualidade de suas vidas. Um grande número desses jovens quer da escola apenas o certificado de conclusão, embora também saibam que tal certificado não é mais garantia de entrada no mercado de trabalho.

O que se pode verificar é que foram poucos os projetos que diziam respeito a um futuro mais distante, articulando a possibilidade de um aprendizado técnico no Ensino Médio com conhecimentos adquiridos em um curso superior o que os levaria não somente a ter uma profissão ou emprego, mas a trabalhar com o que gostavam. Adilson acreditava que a possibilidade de fazer um curso técnico de Informática para Internet, de nível médio, poderia levá-lo a “*conhecer redes sociais, saber criar páginas, trabalhar até como designer de páginas, pois isso é algo muito bom. Acho que daria muito dinheiro*”. Entendia que isto abriria oportunidades de emprego e estágio e que isso seria importante para a futura Faculdade de Administração que pretendia cursar, pois poderia, então, divulgar o seu trabalho. Adilson, no entanto era um exemplo raro na turma. É importante salientar que tal jovem pensa em

profissionalização a partir de aspectos da cultura prestigiados por ele e por seus colegas, como é o caso das redes sociais na *internet*.

No entanto, com todas as dificuldades, alguns outros alunos também diziam que sonhavam em entrar na universidade um dia. Alguns se surpreenderam também quando lhes falei que a UFRGS era uma universidade pública e gratuita. Alguns imaginavam que nela se pagavam mensalidades, o que dificultaria mais ainda o seu acesso. No entanto, estando recém concluindo o Ensino Fundamental, falavam ainda muito pouco naquela possibilidade, até mesmo em razão de que poucas informações sobre tal assunto tinham.

Muitas possibilidades apareceram quando tais jovens foram instados a falar de seus planos de futuro. Para que os mesmos pudessem se concretizar, no entanto, estavam cientes de que também teriam que estudar muito no Ensino Médio e se preocupavam por saber que muitos colegas e irmãos tinham sido reprovados mais de uma vez naquela etapa, e que não tinham conseguido avançar tendo abandonando os estudos. Temiam seguir as mesmas trajetórias.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir a presente dissertação, entendo que é necessária a retomar o problema e as questões de pesquisa formuladas na introdução do trabalho e que conduziu a investigação. O problema foi assim apresentado: **De que modo a situação de viver na Restinga Velha contribui na produção dos estilos juvenis de alunos de uma escola municipal do bairro?**

Duas dimensões merecem ser destacadas pela sua importância no desenrolar deste trabalho, tendo influenciado os referenciais teóricos adotados, as metodologias utilizadas e o meu envolvimento com a pesquisa: o viver na Restinga e os estilos juvenis dos jovens estudados. Refiro-me ao fato de viverem na periferia urbana, em situações financeiras muitas vezes nada favoráveis e em locais estigmatizados pela violência e pobreza, situação muitas vezes encarada como motivo de gozações entre eles. Entretanto, tais locais também eram bastante prezados e valorizados por eles, pois eram o cenário de suas expressões culturais, de lazer e diversão, momentos muito estimados por meus jovens alunos.

Na minha condição de professor de uma escola municipal da Restinga, perguntava-me de que maneira a situação de viver naquele bairro contribuía na produção dos chamados estilos juvenis de meus jovens alunos. Entre as minhas intenções de pesquisa estava presente conhecer as suas vivências no bairro. Para compreender melhor as expressões ou práticas culturais que eu observava na escola, ao longo da pesquisa, cheguei à conclusão que era importante conhecer como ocorriam tais práticas fora dela também. Entendo tal aspecto a partir das concepções dos Estudos Culturais e seus cruzamentos com a educação e a pedagogia, conforme ressaltam Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 57), “[...] encontramos subsídios para afirmar que a educação se dá em diferentes espaços do mundo contemporâneo, sendo a escola apenas um deles”. Para isso optei por escutar suas narrativas, a respeito do que lá acontecia, até mesmo pela minha impossibilidade de acompanhá-los em tantos outros lugares.

Evidentemente que o problema não foi formulado plenamente *a priori*. Sua formulação foi um processo influenciado por uma série de leituras, por sugestões da banca quando da defesa do projeto, por discussões no grupo de orientação, por conversas com a minha orientadora, por minhas vivências e observações ao longo

dos anos na escola, sistematizadas ou não, sobre a temática que eu queria estudar. Conforme Sandra Corazza (2007, p.117), os instrumentos de constituição de um problema de pesquisa são aqueles cujas teorizações já foram produzidas, competindo ao pesquisador se apropriar e dialogar com as teorias e ao mesmo tempo reelaborá-las. Tal procedimento faz com que possamos selecionar os conceitos que vão servir em nossa investigação. A retomada das teorizações que sustentam uma pesquisa se faz necessária continuamente, é um processo demorado, “até que estas repercutam em nosso pensamento e prática de pesquisa, levando-nos a criar o problema, a problematizar o que não era tido como problemático, ou a reproblematicar, com outro olhar, o já problematicado” (CORAZZA, 2007, p.117).

O problema de pesquisa foi desdobrou-se em duas questões de investigação, assim formuladas: - **Como se caracterizam os jovens alunos das turmas do final do III Ciclo da escola municipal estudada? - De que forma os jovens alunos da escola em questão expressam, via linguagem, música, moda, produções culturais e atividades focais, na abordagem de Feixa (1999) os seus estilos juvenis?** A primeira delas tinha por objetivo caracterizar a turma de jovens, meus alunos do último ano do Ensino Fundamental no ano de 2012, a maioria deles moradores da Restinga Velha. Na escola, tal turma criou um grande vínculo entre si e podia-se notar a presença constante de brincadeiras entre eles, o que tornava mais agradável o cotidiano da escola. Se por um lado havia a indecisão dos jovens frente a seus futuros, por outro havia um clima de descontração na escola. Tais jovens também estenderam o seu coleguismo para além dela, quando realizavam uma série de programas juntos.

Quando da realização dos grupos de discussão, estávamos no final do ano letivo e questões como a formatura, a possível ida para o Ensino Médio e a possível forma de obtenção de dinheiro (em empregos ou estágios) começava a lhes preocupar cada vez mais. A maioria dos jovens não trabalhava, ainda dependiam de seus pais, sendo que a maioria deles não tinha uma situação financeira estável. A maioria dos alunos lidava com a situação de não ter dinheiro e de depender de seus pais. Esta era uma dimensão importante pelo fato de que as festas que queriam ir e as roupas que gostariam de vestir nem sempre se tornavam viáveis.

Tais situações me levaram a elaborar a segunda questão de investigação para tentar entender melhor de que forma tais alunos expressavam seus estilos juvenis

via linguagem, música, moda, produções culturais e atividades focais, conforme a abordagem de Feixa (1999). Este referencial teórico foi muito importante para a definição destas questões, sendo que alguns dos elementos que constituem tais estilos ganharam mais visibilidade ao longo da pesquisa do que outros. É importante salientar também que tais elementos se encontram relacionados. No desenvolvimento do trabalho não analisei de forma separada cada um desses elementos, pois os dados empíricos coletados levaram-me na direção da organização de quatro categorias de análise e julguei bem mais significativo a escrita do texto levando em conta esta organização, pois foram destacadas a importância das falas dos próprios sujeitos. Entendo que foi possível constatar que a situação de viver na Restinga contribui na produção dos estilos juvenis.

Em relação à música, é importante salientar que a grande expressão cultural da Restinga, para estes jovens, atualmente é o *funk*, até pelo fato de que mesmo aqueles que não tinham apreço por tal estilo musical tinham que adotá-lo nas suas festas para que a gurizada do bairro comparecesse e se divertisse. Sem o *funk*, a festa não tem sucesso, me diziam os jovens. Com relação às letras polêmicas da maior parte das músicas de tal estilo, os jovens estavam cientes da polêmica: eles mesmos denominavam de *bagaceiras* as músicas que continham palavrões ou que faziam referência explícita à sexualidade. Nomeavam-nas dessa forma, mas de um modo geral achavam-nas muito engraçadas. Diziam eles que eram do gosto popular dos dias atuais. O estilo *funk* tinha atividades focais características e era visto como uma diversão alternativa à falta de dinheiro. Exemplo disso era a organização de bailes *funks* nas residências da Restinga Velha com ingressos baratos ou sem cobrança, a presença dos bondes convidados pelos jovens para estar lá presentes, a realização de rituais como *roçar* os corpos e usufruir de bebida liberada. Algumas destas atividades talvez não fossem aceitas ou possíveis em outros locais.

Em se tratando de preferência musical, o *funk* foi muito mais mencionado por aqueles jovens do que os samba enredo de carnaval, por exemplo, que pouco foi mencionado por eles. Tal fato me levou a pensar que a imagem construída ao longo dos anos, e muito divulgada pela mídia, da Restinga como uma comunidade carnavalesca, não parece estar atingindo as gerações atuais de jovens. Entretanto, ao longo da pesquisa, alguns deles salientaram gostar dos ensaios na quadra da escola de samba, acompanhar os desfiles na avenida e até em alguns casos desfilavam neles. Foi possível perceber que alguns jovens continuam as tradições

muitas vezes advindas de suas famílias. É possível deduzir que as novas culturas juvenis da periferia também estão influenciando as gerações adultas e determinadas entidades tradicionais.

Um dado importante ainda a ser destacado é que quando se conversava sobre os ensaios da bateria da escola e sobre os bailes *funk* estes últimos eram abordados com muito mais alegria e espontaneidade. A interação entre eles nos momentos de falar sobre tais bailes permitiu coletar importantes dados na pesquisa. Eu poderia acrescentar, ainda, que o evento denominado por eles de *pagodinho* ganhou mais destaque nas discussões que os referidos ensaios. Ao mesmo tempo, o *pagode*, enquanto estilo musical, também foi bastante citado por diversos jovens como de sua preferência.

Uma das questões levantadas pelos alunos foi a dificuldade de participar de alguns eventos em razão dos atos de violência, que poderiam surgir caso jovens de grupos rivais se fizessem presentes em um mesmo local. Diziam que tal contexto os fazia abandonar os bailes na Restinga Velha. Percebe-se na atualidade que em tal parte da Restinga os jovens estão tendo muitas dificuldades para participarem de tais bailes. Isso não impede que inventem outros divertimentos. E acabavam rumando para os territórios da Restinga Nova, pois alguns diziam ser uma área em que não imperavam tantos conflitos. De qualquer forma, ainda que se verifiquem práticas de violência na Restinga Nova também, a tal distinção territorial Restinga Velha/ Nova é importante no cotidiano de tais jovens também. No bairro, os jovens diziam andar com seus *bondes*. Tal expressão não significava necessariamente um grupo criminoso ou violento, mas os seus grupos de amigos, simplesmente. Aprendi que é necessário estar atento para o significado dado pelos alunos quando se referem aos *bondes*. Foi necessário aprofundar as conversas para entender qual sentido estão dando ao termo.

A questão da violência assim como a falta de dinheiro, faz com que eles encontrem uma maneira de aliviar tal situação, em forma de *folgações*, conforme eles dizem, no sentido de brincar com quem mora em determinado beco violento ou de brincar com quem não tem dinheiro para comprar roupa de marca ou andar com uma roupa nova e limpa. Percebi que tais *folgações*, vizinhas do preconceito, quando ocorriam entre os colegas da turma havia certa tranquilidade em aceitá-las. Nesse sentido, ao se reconhecerem enquanto colegas e desprezarem quaisquer formas de conflito, tal aspecto destaca a importância da escola para estes alunos,

pois ela funciona como um importante elemento em sua socialização. Os jovens reconheciam a importância da forma como viviam seus estilos, e demonstraram querer continuar com os mesmos colegas, os mesmos grupos, nas mesmas escolas no próximo ano letivo.

No início do ano de 2013, diversos dos jovens pesquisados retornaram à Escola Pessoa de Brum, mesmo em seu primeiro dia de aula. Estavam lá para rever professores, colegas, contar as novas experiências no Ensino Médio e matar as saudades do espaço do qual haviam formalmente se despedido em dezembro de 2012, em razão da formatura.

Nessa mesma perspectiva, de acordo com Xavier (2008), quero encerrar a presente dissertação:

[...] o direito à Educação Básica precisa estar aliado a um processo efetivo de aprendizagens, que considere os saberes, as práticas culturais, bem como os diferentes tempos necessários à construção de conhecimentos, de cada indivíduo, nos diferentes campos do saber. Tais tempos vinculam-se às experiências prévias de cada aprendiz, o que significa reconhecimento e valorização da diversidade. É preciso que a escola crie estratégias para conhecê-los, para ouvi-los. É preciso que a escola e seus professores desejem conhecê-los e ouvi-los. (XAVIER, 2008, p. 316).

Sob tal perspectiva, é importante compreender os estilos juvenis, pois suas culturas pedem “inclusão, pertencimento, reconhecimento” (PAIS, 2006, p. 14). No entanto, o mesmo autor ressalta que tais culturas têm mais facilidade para estabelecerem seus rituais fora dos espaços institucionais. A escola ainda é associada muitas vezes pelos jovens como o lugar onde deva prevalecer a ordem e o controle.

Com isso, é importante nestas considerações refletir sobre o meu local de trabalho e a própria profissão docente em contato com as culturas juvenis. Entendo que poderia ser uma das funções da escola atual identificar e visibilizar as práticas culturais, especificamente os estilos juvenis, de seus jovens alunos, de forma a permitir à instituição melhor conhecê-los, entendê-los e atendê-los em suas necessidades e aspirações. É preciso, por parte da escola, um interesse nas questões relacionadas à juventude, no intuito de compreender seus problemas, expectativas, alegrias, prazeres e estilos.

7. Referências

ABRAMO, Helena. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.

ACHUTTI, Luiz Eduardo R. *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Tomo Editorial, 2004.

AIGNER, Carlos Henrique de Oliveira. *Alfabetização em Geografia e Educação Ambiental*. Porto Alegre: UFRGS, 2002, 207 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

AMARAL, Márcio de Freitas do. *Culturas juvenis e experiência social: modos de ser jovem na periferia*. Porto Alegre: UFRGS, 2011. 142 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ANDRADE, Sandra dos Santos. *Juventude e processos de escolarização – uma abordagem cultural*. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 256 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BRUNEL, Carmen. Os “estranhos” na escola e na cidade: reflexo de um fenômeno estigmatizante que afeta os jovens que habitam a periferia das grandes cidades. In: REGO, Nelson; MOLL, Jaqueline; AIGNER, Carlos. (Org.). *Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais*. Porto Alegre, 2006, p. 113-126.

CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2009.

CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. Polifonia dos Silêncios. In: MATRIZES (USP). 2008, v.1, nº2, p. 107-119. Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/90/140>. Acesso em Janeiro de 2012.

CARRANO, Paulo. Identidades Culturais Juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. In: Moreira, Antônio Flávio; Candau, Vera Maria. *Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 182-211.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. P. 105-131.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, educação e pedagogia. In: *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 23, maio/jun/jul/ago, 2003. P. 36-61.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. In: COSTA, Marisa Vorraber; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 73-92.

_____. Estudos Culturais em Educação - um panorama. In: Rosa Maria Hessel Silveira. (Org.). *Cultura, poder e Educação: um debate sobre Estudos Culturais em Educação*. Canoas (RS): ULBRA, 2005a, p. 107-120.

_____. Velhos temas, novos problemas – a arte de perguntar em tempos pós-modernos. In: Costa, Marisa V.; Bujes, Maria Isabel (Org). *Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005b, p. 199-214.

_____. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 139-153.

_____. Cartografando a gurizada da fronteira: novas subjetividades na escola. In: VEIGA-NETO, Alfredo; ALBUQUERQUE Jr., Duval; FILHO, Alípio (Orgs.). *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. Petrópolis: Vozes, 2008.

DAL MOLIN, Fábio. *Redes sociais e micropolíticas da juventude*. Porto Alegre: UFRGS, 2007, 220 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

DAYRELL, Juarez. *A Música Entra em Cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: *Educação e Sociedade*, vol. 28, n. 100 (Especial), Campinas, out. 2007, p. 1105-1128. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acessado em: 20/04/2012.

DUSCHATZKY, Silvia. *La escuela como frontera: reflexiones sobre La experiencia escolar de jóvenes de sectores populares*. Buenos Aires, Paidós, 2008.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu (2010). *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 133-166.

FEIXA, Carles. *De jóvenes, bandas y tribus*. Barcelona: Ariel, 1999.

_____. A construção histórica da juventude. In: CACCIA-BAVA, Augusto (et all.). *Jovens na América Latina*. São Paulo: Escrituras, 2004, p. 257-327.

_____; PORZIO, Laura. Um percurso visual pelas tribos urbanas em Barcelona. In: Pais, José Machado; Carvalho, Clara; Gusmão, Neusa Mendes. *O Visual e o Quotidiano*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

FREIRE FILHO, João. *Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

GAMALHO, Nola Patrícia. *Violência: as contradições na produção das representações do Bairro Restinga*. Disponível em: www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=2589. Acesso em 07/11/2010.

_____. *A Produção da periferia: das representações do espaço ao espaço de representação no Bairro Restinga – Porto Alegre/RS*. Porto Alegre: UFRGS, 2009, 159 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

GARBIN, Elisabete Maria. Cenas juvenis em Porto Alegre: “lugarizações”, nomadismos e estilos como marcas identitárias. In: SOMMER, Luís Henrique; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Orgs.). *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas: Ed. ULBRA, 2006.

_____. Diferentes de alguns, iguais a outros! As culturas juvenis invadem a escola. In: CAVALCANTE, Márcia H. Koboldt; SOUZA, Rui Antônio de (Orgs.). *Culturas Juvenis – dinamizando a escola*. Porto Alegre: Edipucrs, 2009, p. 11-18.

_____ ; PEREIRA, Angélica Silvana. Práticas culturais juvenis (de)marcando corpos nas paisagens urbanas. In: CAVALCANTE, Márcia H. Koboldt; SOUZA, Rui Antônio de (Orgs.). *Culturas Juvenis – dinamizando a escola*. Porto Alegre: Edipucrs, 2009, p. 89-98.

GEERTZ, Clifford. Estar lá, escrever aqui. In: *Diálogo*. São Paulo, v. 22, n. 3, 1989.

_____ O saber local. Novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIROUX, Henry. Praticando Estudos Culturais nas Faculdades de Educação. In: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, Vozes, 1995.

GOTTSCHALK, Simon. Postmodern sensibilities and ethnographic possibilities. Tradução de Ricardo Uebel. In: BANCKS, Anna; BANCKS, Stephen P. (orgs). *Fiction and social research: by ice or fire*. Walnut Creek/ London/ New Delhi: Altamira Press, 1994.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GROSBERG, Lawrence. Será que os estudos culturais têm futuros? E deverão tê-los? (ou o que se passa com Nova Iorque?). *Comunicação & Cultura*. Lisboa: Centro de Estudos de Comunicação e Cultura. N.6, 2008.

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo*. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997, p. 15-46.

HALL, Stuart. The Work of Representation. In: HALL, Stuart.(Org.) **Representation. Cultural Representations and Signifying Practices**. Trad. NECCSO/UFRGS. London/Thousand Oaks/New Delhi:Sage/Open University: 1997b.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERSCHMANN, Micael. Na trilha do Brasil contemporâneo. IN: HERSCHMANN, Micael. *Abalando os anos 90: funk e hip hop: globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

LAITANO, Gisele Santos. O Movimento Hip Hop no Bairro Restinga: da prática profissional à descrição fenomenológica. In: Nelson Rego; Carlos Aigner; Cláudia Pires; Heloísa Lindau. (Orgs.). *Um pouco do Mundo cabe nas Mãos: Geografizando em Educação o Local e o Global*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 229-258.

LINCK, Rosane Speggiorin. *Hora do Recreio!:* processos de pertencimentos identitários juvenis nos tempos e espaços escolares. Porto Alegre: UFRGS, 2009, Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La construcción social de la condición de juventud. In: CUBIDES, Humberto J.; TOSCANO; Maria Cristina L.; VALDERRAMA, Carlos Eduardo H., (Ed.). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Santafé de Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Departamento de Investigaciones Universidad Central, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: FREIRE FILHO, João; BORELLI, S. (Orgs.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. *Introdução aos estudos culturais*. São Paulo: Parábola, 2004.

MC JEAN PAUL. Funk: som da nova geração. In: CAVALCANTE, Márcia H. Koboldt; SOUZA, Rui Antônio de (Orgs.). *Culturas Juvenis – dinamizando a escola*. Porto Alegre: Edipucrs, 2009, p. 11-18. Entrevista concedida ao Mundo Jovem.

NASCIMENTO, Elisete Regina do. *Jovens urbanos da periferia de Porto Alegre: a arte de dar forma à própria vida*. Porto Alegre: UFRGS, 2008, 132 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 7-38.

NUNES, Marion Kruse. *Memória dos bairros: Restinga*. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 1990.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de Almeida; EUGÊNIO, Fernanda. *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.

PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

_____. Introdução. In: Pais, José Machado; Blass, Leila Maria da Silva (Orgs.) *Tribos Urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de Almeida; EUGÊNIO, Fernanda. *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.

_____. Máscaras, jovens e “escolas do diabo”. *Revista Brasileira de Educação*. Vol. 13, nº 37, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/02.pdf> . Acesso em 07/11/2010.

PEREIRA, Angélica Silvana. *Somos expressão, não subversão! – A gurizada punk em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 2006, 168 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

REGUILLO, Rossana. *Emergencia de culturas juveniles: estratégias del desencanto*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2000.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As Culturas Negadas e Silenciadas no Currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995, p.158- 189.

SANTOS, Lisiane Gazola. *Sons das tribos: compondo identidades juvenis em uma escola urbana de Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 2006, 144 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. Sobre o etnógrafo turista e seus modos de ver. In: Costa, Marisa V.; Bujes, Maria Isabel (Orgs). *Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 9-22.

SANTOS, Tatiane Matheus. *Programa Escola Aberta: espaço de inclusão, socialização e disciplinamento de jovens da periferia urbana no município de Alvorada/RS*. Porto Alegre: UFRGS, 2010, 149 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: Intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004.

SILVA, Eloenes Lima da. *A gente chega e se apropria do espaço! Graffiti e pichações demarcando espaços urbanos em Porto Alegre*. UFRGS, 2010, 167 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

SILVA, Fernanda Lanhi da. *Juvenilização da cultura e escola: um estudo sobre alunos de quarta série*. Porto Alegre: UFRGS, 2010. 251 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SILVA, Thais Coelho. *Juventude trans-viada: identidades marcadas invadem a rua*. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 103 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 117-138.

STECANELA, Nilda. *Jovens e cotidiano: trânsitos pelas culturas juvenis e pela escola da vida*. Caxias do Sul: Educs, 2010.

THOMPSON, Kenneth. Estudos culturais e educação no mundo contemporâneo. In: SILVEIRA, Rosa M. H (Org). *Cultura, poder e educação: um debate sobre os estudos culturais em educação*. Canoas: ULBRA, 2005.

VALENZUELA ARCE, José Manuel. *Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

VARGAS, Juliana Ribeiro de. *Meninas (mal) comportadas: posturas e estranhamentos em uma escola pública de periferia*. Porto Alegre. UFRGS, 2008,

134 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

VELHO, Gilberto. Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica. In: ALVITO, Marcos; VELHO, Gilberto (Orgs). *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ: Editora FGV, 1996, p. 10-23.

WORTMANN, Maria Lúcia. Dos riscos e dos ganhos de transitar nas fronteiras dos saberes. In: Costa, Marisa V.; Bujes, Maria Isabel (Orgs). *Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 45-67.

XAVIER, Maria Luisa M. Educação Básica: o necessário resgate de sua identidade. In: *Cadernos do Aplicação: V. 21, n.2, 2008*. Acesso em Julho de 2013: <http://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/view/5124/5854>.

YÚDICE, George. *A Conveniência da Cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. In: *Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, maio/ago. 2006, p. 241-260*.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir, CARVALHO, Marília P. VILELA, Rita A.T. *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. p. 287-309.

ZANIOL, Elisângela. *Oficinando com jovens: a produção de autoria na Restinga*. Porto Alegre: UFRGS, 2005, 142 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS: CULTURAS JUVENIS NA RESTINGA

Data:

1 – Nome:

2 - Idade:

3 - Moras na Restinga: () sim () não

4 - Em que lugar da Restinga moras?

5 - Há quanto tempo moras na Restinga?

6 - Sempre estudastes na EMEF Ver. Carlos Pessoa de Brum? () sim () não

7 - Moras em: () casa () apartamento. Há quanto tempo moras nesse lugar?

8 - Com quem moras?

9 - O que achas de morar na Restinga?

10 - Trabalhas? () sim () não (Caso a resposta seja “não”, passe direto para a questão 11) Qual a ocupação que exerces

11 - Se a resposta for não, já trabalhastes? () sim () não. Caso a resposta seja “não”, passe direto para questão 12. Qual a ocupação que exercestes?

12 – Tens religião? () sim () não. Qual? Participas de algum grupo religioso? () sim () não. Qual?

13 – Praticas esportes? () sim () não. Quais modalidades? Onde praticas?

14 – Tens algum ídolo no esporte? () sim () não, Quem é? Torces para algum time de futebol? () sim () não. Qual? Como acompanhas as partidas de teu time? rádio () televisão () internet () estádio () não acompanho

15 - Quais são os teus estilos musicais preferidos?

16– Quais os cantores e bandas de tua preferência?

17 – Tens algum ídolo musical? Quem é?

18 – Como gostas de te vestir e arrumar habitualmente (roupas, acessórios, penteados, etc)?

19 – De que maneira escutas tuas músicas preferidas?

20 – Como obténs as músicas que gostas?

21 – Que programas gostas de assistir na televisão?

22 – Que programas gostas de escutar no rádio?

23 – Acessas a internet? () sim () não. Onde? Qual é o conteúdo na internet (*sites*) que gostas de acessar com mais frequência?

24 – De que maneira ficas sabendo das notícias?

() jornal () televisão () rádio () internet () outra. Qual?

25 – De que tipos de filmes gostas? Cita nomes de filmes que assististes e gostastes:

26 – Quais são os lugares em que curtes para fazer festas?

27 – Quais lugares frequentas com os amigos?

28 - O que mais gostas de fazer na escola?

29 - Quais são os lugares da escola em que mais gostas de ficar?

30 - Quais são as atividades que gostas de fazer com teus amigos de tua turma da escola?

31 - Conversas e encontras com teus colegas de turma em outros lugares além da escola? () sim () não. Se sim, quais? Que atividades costumam fazer juntos?

32 - Participas de alguma entidade, associação, grupo de jovens ou projeto em algum momento fora do horário escolar? () sim () não. Quais?

33 - Participas de algum grupo de dança, música ou artes visuais (exemplo: grafite)? () sim () não. Como?

34 – Sobre a tua participação em cursos ou escolas profissionalizante, responde:

() sim, estou participando no momento. Qual escola/curso?

() não estou participando no momento

() já participei. Que escola/curso fizestes?

() nunca participei.

35 – Pretendes cursar o Ensino Médio em 2013? () sim () não

Tens ideia sobre qual escola pretendes escolher?() sim () não

Desejas continuar estudando na Restinga? () sim () não

36 – Já ouvistes falar sobre a Escola Técnica da Restinga (Instituto Federal)?

() sim () não

Se respondestes sim, diga: Como conhecestes a escola?

Pensas em estudar nela no ano que vem? () sim () não

Sabes como é o processo seletivo nesta escola? () sim () não

37 – Pensas em procurar emprego após a conclusão do Ensino Fundamental?

() sim () não

Obrigado pela colaboração!

Prof. Luciano Debom Steiw

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais e/ou responsáveis:

Na condição de Professor da Escola de Ensino Fundamental Vereador Carlos Pessoa de Brum e aluno do Programa de Pós Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da Profª Drª Maria Luisa M. Xavier, venho por meio deste, informar sobre a existência de minha Pesquisa de Mestrado em Educação, intitulada provisoriamente "**Culturas Juvenis na Restinga**". O objetivo do estudo visa conhecer melhor os jovens estudantes do Bairro Restinga, especificamente os alunos da turma C31 da Escola Municipal Vereador Carlos Pessoa de Brum, de modo a conhecer melhor seus gostos e preferências, principalmente no que diz respeito às músicas, visuais, amizades e demais aspectos de seu cotidiano no Bairro e na Escola, além de seus projetos profissionais e estudantis para o futuro.

Para essa finalidade, será necessária a realização de entrevistas e de fotografias dos alunos no espaço escolar e no bairro. O material obtido não será utilizado para fins comerciais ou estranhos aos objetivos da pesquisa. É importante destacar que será respeitado o sigilo das informações e a não identificação dos alunos participantes da pesquisa.

Na certeza de poder contar com o apoio, agradeço desde já sua colaboração.

Eu,

_____, RG
nº _____ concordo que o aluno
_____ participe do projeto de pesquisa.

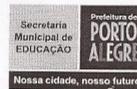
Atenciosamente,

Luciano Debom Steiw (mestrando do PPGEDU/UFRGS)

Para maiores esclarecimentos:
Contatos com Prof. Luciano – E-mail: ludest@uol.com.br
Fone: (51)9619-6966

ANEXO C- AUTORIZAÇÃO DA SMED/PORTO ALEGRE PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL



Porto Alegre, 12 de dezembro de 2012.

Ao Programa de Pós-graduação da UFRGS

Autorizamos o acadêmico Luciano Debom Steiw a desenvolver o projeto de mestrado intitulado “**Culturas Juvenis no Bairro Restinga**”, aprovado pelo Programa de Pós-graduação da UFRGS, orientado pela Profª Dra. Maria Luisa M. Xavier, na linha de pesquisa Estudos Culturais em Educação, na EMEF Vereador Carlos Pessoa de Brum.

Atenciosamente.

Valéria Carvalho de Leonço
Coordenadora do Ensino Fundamental/SMED